



# REVISTA DA SEMANA

N.º 22 ★ 2-6-51

CR$ 3.00 EM TODO O BRASIL




NO TEXTO: UM ROMANCE INEDITO DE EÇA - HISTÓRIA DO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO

# O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

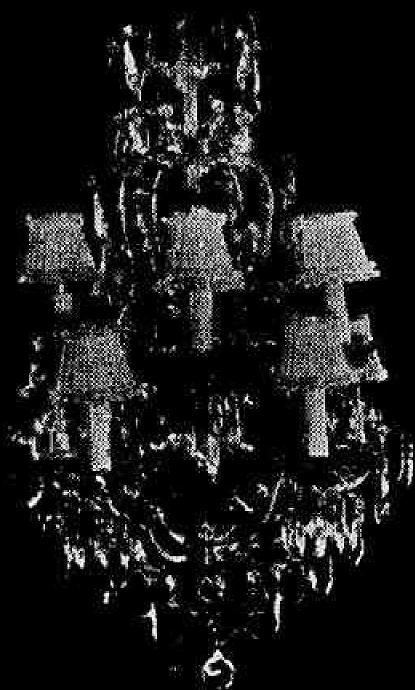
## ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

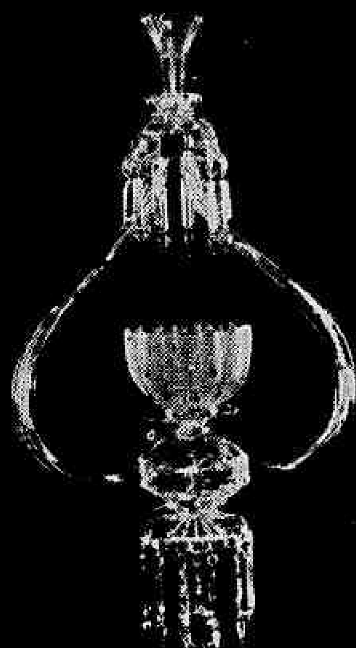
**NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:**

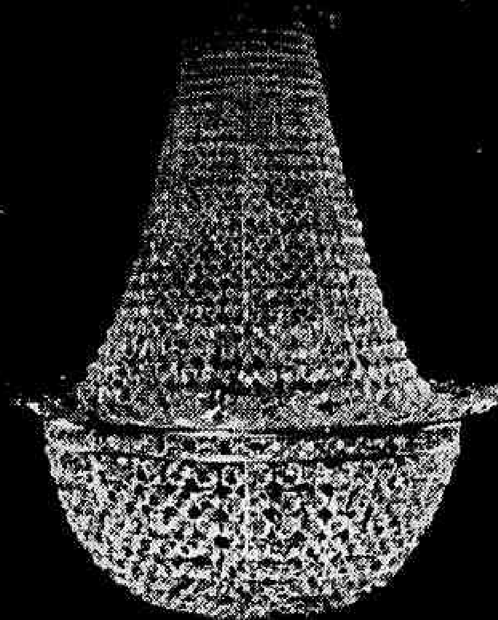
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

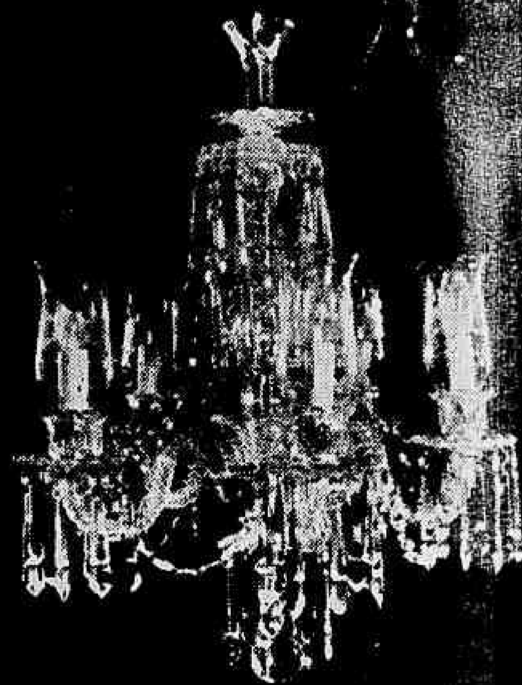
# GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

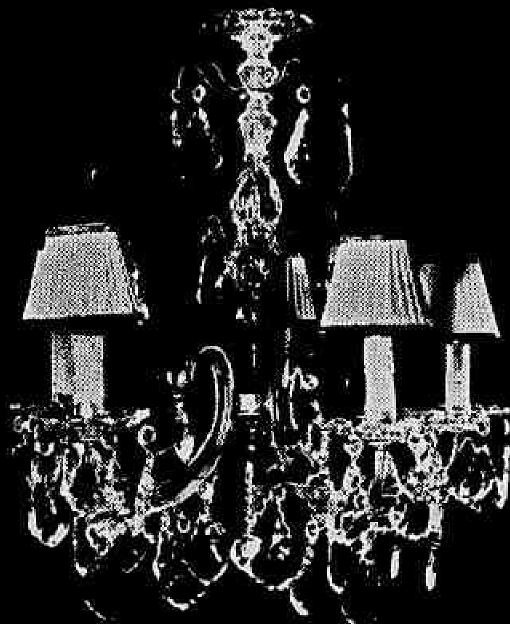

1


2


3

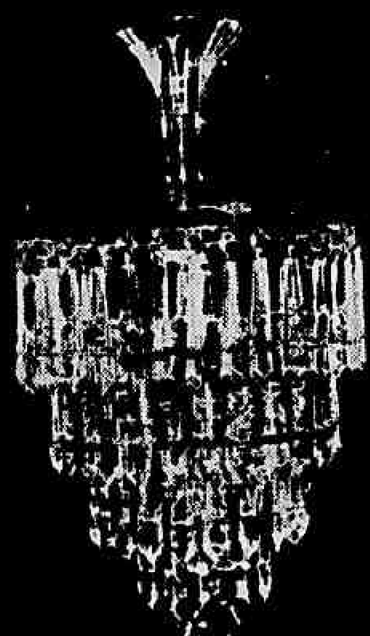

4

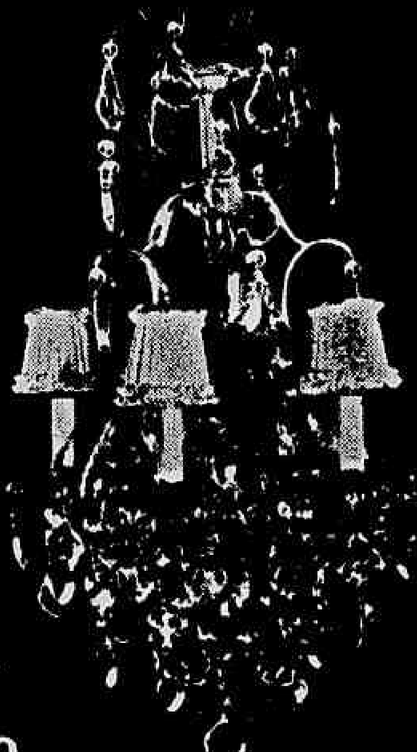

5


6

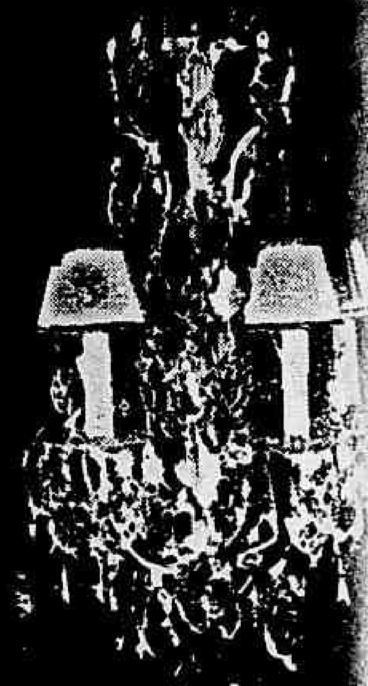

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

**Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.**

**FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.**

# AINDA EXISTE UM ROMANCE INÉDITO DO AUTOR DE "OS MAIAS"

## EVOCAÇÕES CURIOSAS DE ANTÔNIO D'EÇA DE QUEIROZ, FILHO DO GRANDE ESCRITOR — SAIRÁ "A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES"? — POR QUE VÁRIAS OBRAS APARECEM TÃO TARDE — "SOMOS A MESMA FAMÍLIA, DA MESMA SEMENTE NASCEMOS".

NESTA nossa recente e muito rápida viagem feita a Lisboa foi que se ofereceu pela primeira vez a oportunidade de conversarmos com Antônio d'Eça de Queiroz. Só agora vimos satisfeito um desejo tão antigo, que motivos sempre imprevistos não haviam permitido, quatro vêzes antes, e foi no seu gabinete de diretor-presidente da Emissora Nacional que lhe apertamos a mão. Outras palestras se repetiram nas tardes seguintes, e a entrevista, a almejada entrevista que esperou três anos para se realizar, saiu enfim. Motivo — a eterna presença de Eça em Portugal e Brasil. Perguntas, muito poucas, apenas em número de três. A primeira:

— Ainda existem obras inéditas de Eça de Queiroz, para ser editadas?

E a resposta, mais ampla, mais completa do que poderíamos esperar:

— Existe ainda uma — se assim se poderá chamar a um trabalho inacabado — maravilhoso, sem dúvida, naiguns detalhes e na vida dada a certos personagens — "A Genoveva que resplandece, aureolada do prestígio das civilizações superiores que atravessou, o Camilo Serrão que se agita febrilmente na sua arte estéril, mais gente a juntar àquele extraordinário mundo de figuras que Eça de Queiroz nos legou e que, bons, generosos, maus, ridículos ou crapulosos, tão intimamente têm vivido conosco através de três gerações literárias.

E pormenorizando:

— E' a "Tragédia da Rua das Flores" que meu irmão José Maria, o admirável prefaciador do "A Capital" e dos demais inéditos encontrados em 1925, depois de madura reflexão com outros meus irmãos e comigo, resolveu não dar a público. Aquilo — explicou José Maria — começara por ser "um projeto, uma pequena novela de duzentas páginas que foi crescendo até se transformar no grosso volume da "Tragédia". Por sua vez refundida, acrescentada, elevada às proporções de um estudo crítico da vida lisboeta, conservando apenas da novela primitiva e do romance que se lhe seguiu, o episódio sentimental que serve de pretexto a êsse estudo, se transformou, finalmente, nos dois volumes magistrais de "Os Maias". Truncada, contendo capítulos quase perfeitos, outros apenas alinhavados, sem a coesão indispensável ao equilíbrio do todo, não era obra que pudesse enfileirar-se ao lado de trabalhos completos como "A Capital", por exemplo, ou "O Conde de Abranhos". Ainda hoje é problema de consciência que se nos põe, a minha irmã Maria e a mim — se deveríamos permitir, desde já, a publicação, ou se devemos legar êsse direito, direi mesmo êsse dever, àqueles que se nos seguirem.

E rematando:

— Tal como se apresenta o manuscrito não pode considerar-se obra com comêço, meio e fim. Como admirável curiosidade, como exemplo de método de trabalho, como estudo, esbôço de prodigiosa obra de arte literária, é possível e provável que ainda em nossa vida a entreguemos às dezenas ou centenas de milhares de devotos de Eça de Queiroz.

Foi quando fizemos a segunda pergunta:

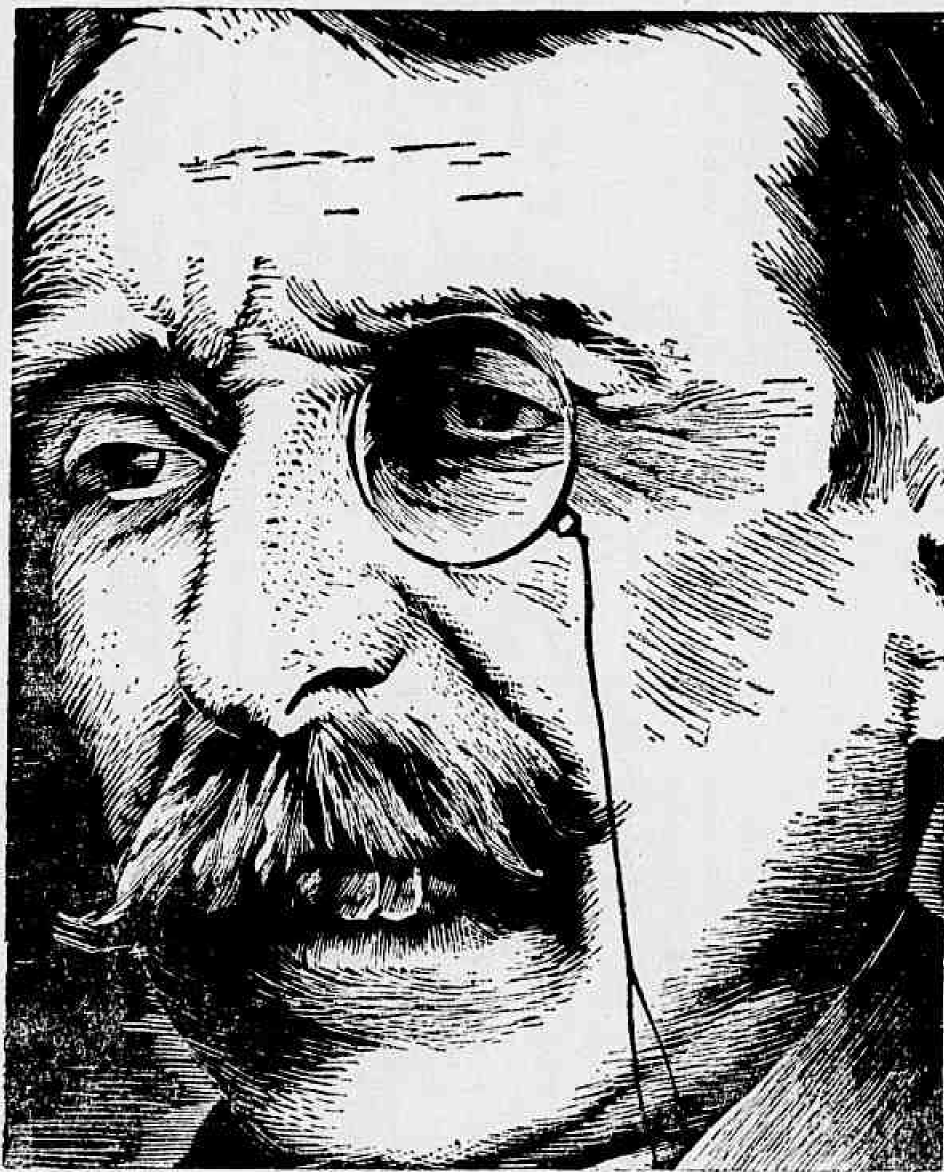
— Por que motivo houve um intervalo tão pronunciado na publicação das primeiras obras de Eça e as da segunda fase?

Nosso interlocutor responde com presteza:

— À data da morte de meu pai, em 1900, éramos umas crianças. Minha irmã Maria, a mais velha do rancho, tinha apenas doze anos. Em 1910, após sucessos lamentáveis e uma revolução, é proclamada a República em Portugal. Por tradição, por educação, por inclinação éramos todos profundos, lealmente monárquicos. Os Reis honravam os nossos pais com uma grande amizade. Depois do desastroso assassinato de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real, a Sra. D. Amélia, e El-Rei o Sr. D. Manuel II estenderam até nós o favor dessa sincera amizade. Meu irmão José Maria e eu, abandonamos os estudos e arriscamos as carreiras que tencionávamos seguir, para nos juntarmos na Galiza às colunas de choque do paladino monárquico, capitão Henrique de Paiva Couceiro. Durante dois anos foram as tristes lutas civis, as incursões, as escaramuças e os combates nas rudes serranias das províncias do Norte. Vencidos, terminada em fins de 1912 a aventura, ainda minha mãe e minha irmã exilaram-se, instalando-se em Londres. Nós, os três rapazes, embarcamos para o Brasil fraternal, onde nos esperava o acolhimento generosamente amigo de Paulo Prado, sobrinho de um dos maiores, dos mais queridos amigos de meu pai, e um grande e magnífico Senhor da Terra e das Letras Brasileiras — Eduardo Prado, grata recordação da minha infância.

As evocações vão desfilando, sucessivamente, no cérebro do nosso entrevistado:

— Em meados de 14 volto à Europa. Pouco depois é o cataclismo da primeira grande guerra. Tôda a família está dispersa. Mas no ano seguinte Portugal entra na contenda e vem a anistia. Regresso logo ao país, entro como oficial para o Exército. Nos comêços do ano 19, no auge de um cáos político, a seguir ao assassinato de Sidônio Pais, proclama-se a monarquia do Norte; em Lisboa é a revolta de Monsanto duramente sufocada. Um mês de ações militares, de novo a derrota para os monárquicos, e a dispersão da família. Todos, só nos tornamos a reunir em 1922; e é então, em casa de minha mãe, na Granja, que meu irmão José Maria, chegado há pouco do Brasil, procurando um autógrafo de nosso pai, numa das malas, num cofre de ferro, atochado de todos os papéis, recolhidos no escritório de Eça de Queiroz à data da sua morte, e que ali dormiam, havia mais de vinte anos, encontra incrédulo, atônito, sob montes de provas e de papelada sem importância, o tesouro que, ao têrmo de um trabalho exaustivo de compilação, ordenação e decifração, podemos oferecer em 1925 a Portugal e ao Brasil, à Espanha e a tôda a América Latina.



EÇA DE QUEIROZ

Depois:

— Não se esqueça que por êsses tempos o filho de Ramalho, José Vasco Ramalho Ortigão, que vivia no Brasil, nos entregou, muito amável e generosamente, "Correspondência de Fradique Mendes" e todo escrito de um fôlego de fio a pavio, quase sem emenda, numa letra vertiginosa de rascunho, completo, perfeito e... a lápis... "O Conde de Abranhos"!

Veio a nossa última pergunta:

— E pensa voltar ao Brasil? Quando?

— Logo que me seja possível. Faz anos e anos que lá não vou e tenho no Brasil grandes amigos e o meu nome seria para mim, bem sei, o mais precioso dos passaportes. Existem, entre brasileiros e portugueses, amarras inquebrantáveis que nos unem com mais fôrça do que as decisões dos homens, e sentimentos que ultrapassam a geografia política e anulam espiritualmente a letra dos convênios e as leis. Somos a mesma família. Da mesma semente nascemos, as mesmas raízes nos agarram à terras em que as cidades, as vilas e as aldeias têm a mesma fisionomia e quase nomes idênticos, em que as mulheres e os homens usam os mesmos nomes e os mesmos apelidos, e em que a língua que aqui falamos é igual à que lá se fala. Considero um absurdo, e sobretudo inútil, fazerem-se grandes distinções entre portuguêses e brasileiros e traçarem-se fronteiras entre os seus modos de ser e de pensar.

Finalizando:

Politicamente, somos duas nações. No conceito "humanidade", porém, a mesma gente. Por isso, só posso dizer, e espero que todos me compreenderão — que em nome da Emissora Nacional Portuguêsa a que presido, dos meus colegas na Direção, em nome de todos os que trabalham nesta casa e, muito principalmente, no de todos os portuguêses, abro os braços para abraçar os meus amigos do Brasil, como só se podem abraçar irmãos extremamente queridos.

Com essas palavras demos por encerrada à nossa tertúlia, naquela tarde amena de Lisboa. Palavras que ali mesmo, numa dependência da Emissora, eram gravadas, trazidas para o Rio e aqui divulgadas pela Rádio Globo, no seu programa "Revista de Portugal".

CELESTINO SILVEIRA

# REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 22 ★ 2-6-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

**PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

**ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS**

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano .. | Cr$ 150,00 |
| Seis meses ................ | Cr$ 75,00 |
| Registrada — Um ano .... | Cr$ 180,00 |
| Seis meses ................ | Cr$ 90,00 |

**ASSINATURAS PARA O EXTERIOR**

| | |
|---|---|
| Registrada — Uma ano .... | Cr$ 280,00 |
| Seis meses ................ | Cr$ 140,00 |

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58. 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

**Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, Tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

**Êste número consta de 52 páginas**

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

**Rua Visconde de Maranguape, 15**
**Rio de Janeiro**

TELEFONES

**Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602**


# A SEMANA EM REVISTA

## A CIDADE MENDIGA

**Está o Rio de Janeiro a** apresentar certos aspectos positivamente deploráveis. Já não queremos citar o caso da limpeza das ruas, pois, incontestàvelmente, se ruas como a do Ouvidor, Uruguaiana e outras do centro da cidade se apresentam sempre muito sujas, isso se deve, em grande parte, ao mau hábito que tem o nosso povo de jogar no leito das vias públicas tudo o de que não precisa: pontas de cigarros, caixas de fosforos vazias, papéis, jornais lidos, cascas de frutas,, etc., aumentando a sujeira da cidade. O de que desejamos falar agora é da surpreendente quantidade de mendigos a perambular pelas ruas ou instalados às esquinas e outros pontos das mais elegantes e movimentadas ruas. A mendicância é uma prova de que há muita gente sem trabalho. Prova ou sintoma. Na Cinelândia, na rua do Passeio, na Avenida Rio Branco, diàriamente se vêem casais maltrapilhos arrastando filhos sujos e rotos, pés descalços e cabelos crescidos, a estender a mão pedindo uns niqueis para comer. Não se trata de chantagem, nem de gente preguiçosa que se aproveita da generosidade do nosso povo para tal exploração. Vê-se que é gente trabalhadora, mas que, desgraçadamente, por motivos óbvios, deixou suas terras e veio tentar a vida na capital federal. Chegando aqui, os pequenos recursos se esgotaram, não havendo trabalho imediato e proveitoso para enfrentar as desordens de uma vida já de si desordenada. Resultado: pedir esmolas. As autoridades públicas têm procurado deter a marcha dêsses desastres, mas sem resultado. O Rio, S. Paulo e outras capitais do país continuam a ser o sonho dourado de milhares de pessoas dos meios rurais. Nem tôdas conseguem manter-se e trabalhar aqui ou noutros centros adiantados. A maior parte é arrastada à mendicância para escapar à fome. Que fazer? O assunto é sério e exige dos Govêrnos a mais pronta e decidida ação. Reconduzir êsse povo ao interior, mas fornecendo-lhe recursos para fixar-se ao solo, com assistência geral e possibilidades de vender o que for produzindo. Do contrário é uma tragédia.

★

## C A M E L Ô S



**Outra praga da cidade:** os camelôs. Todos temos o direito de ganhar a vida honestamente, não resta a menor dúvida; mas a liberdade que tem o indivíduo de fazer umas tantas cousas, não deve chocar-se com o direito dos que também têm de viver na sociedade. Vejam o que se passa com os camelôs em ruas como a do Ouvidor, estreita e movimentadissima; a própria Av. Rio Branco, já hoje estreita em face do porte dos seus arranha-céus e do movimento de veículos, e outras mais. Que vemos nessas artérias da capital? Camelôs a exibir as suas habilidades venatórias, fazendo o espetáculo para uma multidão de desocupados que impedem o trânsito a quantos precisem locomover-se para seus mistéres. Os passeios das ruas são tomados em tôda a sua largura pelo camelô e os que o cercam embevecidos com as lábias do «contador de histórias». Às vêzes é preciso que o «Rapa» os afugente, mas, em seguida os camelôs voltam ao mesmo local e recomeçam o programa destinado a perturbar o movimento de pedestres. E se vendem frutas envoltas em papéis? Em tôrno dos seus tabuleiros fica um monturo de retraços de cascas e papéis em que estavam tais frutas acondicionadas, dando a impressão de que aquela rua acaba de ser teatro de uma feira-livre. A sujeira é deplorável, graças ao camelô ou ao vendedor ambulante. Essa designação de «vendedor ambulante» está errada. Vendedor ambulante é aquele que não tem destino certo, ponto de estacionamento definitivo. Seu tabuleiro vive à cabeça e, onde lhe for permitido pelas posturas municipais, é ali que o «ambulante» expõe seus produtos ao povo. Sucede, porém, que os tais ambulantes não saem do lugar, quase sempre proibido pela polícia. Resultado: entraves na circulação de pedéstres, sujeira nas ruas, ajuntamento de curiosos impedindo a passagem a outras pessoas que têm mais o que fazer. Que fazer? o «Rapa» não resolve. E o problema se agrava dia a dia, com as ninhadas de meninos do amendoim quentinho...

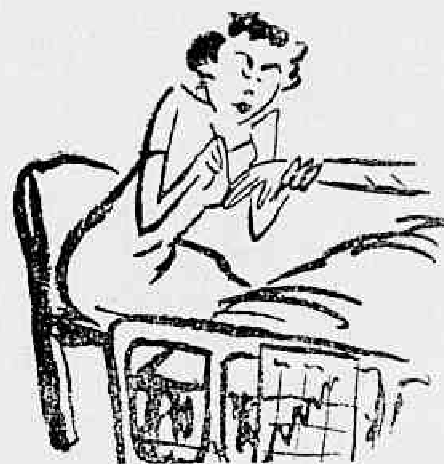
★

## DE "DREADNOUGHT" A FERRO VELHO

Era ao tempo do govêrno Afonso Pena. Nossa Marinha de Guerra recebia novas encomendas de unidades navais, dizendo-se mesmo que passaria o Brasil a possuir grandes encouraçados representando as mais poderosas naves de guerra do mundo. Os nomes de Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Gerais, foram dados a três dêsses insuperáveis barcos de defesa da pátria, do que os brasileiros tanto se orgulhavam. Entretanto, dos três «dreadnoughts» encomendados a estaleiros da Inglaterra, sòmente dois chegaram a pertercer-nos: o «S. Paulo» e o «Minas Gerais». O outro, o «Rio de Janeiro», foi cedido à Turquia de acôrdo com entendimentos diplomáticos. Os dois grandes navios de guerra, porém, passaram a constituir motivo de aclamações do povo e de garbo de nossos marujos. A Marinha de Guerra do país estava renovada de maneira admirável e a esquadra do Brasil passou a ser objeto de elogios, aparecendo em litografias de calendários de casas comerciais, atraindo as atenções de todo mundo que lhe botava os olhos em cima. O que foi a história dêsses navios, é da própria história política do país. Serviram a revoltosos e à defesa da Pátria em duas grandes guerras; foram local de instrução e cruzeiros para a nova mocidade naval, institutos de educação da marinhagem nos sentimentos de brasilidade. Num dêles, João Cândido, — o chamado Almirante Negro, infundiu pavor aos políticos hermistas, tendo ameaçado de despejar granadas com seus enormes canhões, caso não cedesse o govêrno aos reclamos da Marinha revoltada. Ainda foi a bordo do «S. Paulo» que vieram para o Brasil os despojos dos nossos últimos soberanos, e no mesmo vaso de guerra, visitou o Brasil os reis da Bélgica. Era o «S. Paulo» muito bem decorado e possuia obras de arte em seus salões. Pois a grande belonave vai ser vendida agora como ferro velho a quem mais oferecer. Nunca se aplicou tanto a lição do «sic transit gloria mundi...»

★

## ANA SOLON DE ASSIS



**A vida de Ana Solon de Assis, intimamente chamada Sinhaninha, dá um romance trágico. Casada em primeira núpcias com o grande escritor brasileiro, Euclides da Cunha, é lançada da viuvez por Dilermando de Assis, que abate a tiros o imortal autor de «Os Sertões», vindo depois a casar-se com ela.** Do primeiro matrimônio houve um filho varão, rapaz de grande futuro e reconhecidos dotes morais e intelectuais. Êsse jovem, trabalhando pela voz da tradição e recebendo, diàriamente insinuações sôbre o dever que tinha de vingar a morte do pai, um dia decidiu matar Dilermando de Assis, seu padrasto então, não medindo as conseqüências que êsse ato traria à própria mãe e aos demais membros da família. Aquela idéia obsessiva, irreprimível não lhe saía do pensamento. Um dia, armando-se de revólver, foi vingar a morte do pai. Mas Dilermando de Assis sempre foi um grande atirador. Vendo-se alvejado, puxou de sua arma e disparou-a contra o enteado. O filho de Euclides falhara nos seus propósitos, não matando Dilermando, mas êste acertára em cheio e fuzilava o filho do grande brasileiro que também caíra morto por suas balas. Era a repetição da tragédia de 1908. Da. Ana Solon de Assis, que já passára pelas amarguras de uma viuvez trágica, volta a sofrer com êste novo ato de um drama que se sabia como iria terminar. Serenados os ânimos, a vida do casal continuo normalmente vindo outros filhos do segundo matrimônio. Da. Ana, filha do general Frederico Solon, o oficial brasileiro que entregara a Pedro II a ordem de exílio após a proclamação da República, mulher de uma beleza fascinante, elegante e vaidosa, não pôde viver em companhia de Dilermando, separando-se amigavelmente. Êle, porém, sempre a cumulou de confôrto e dedicação. Em novembro do ano passado, Sinhaninha foi internada às suas expensas no Hospital do Exército atacada de câncer. Tôdas as semanas, porém, a manicure e uma funcionária de institutos de beleza lhe aformoseavam a velhice, e, um dia antes de morrer, lhe fizeram as unhas... E cousa curiosa: morreu sem saber qual a doença que a matava.

## A PERSONAGEM DA SEMANA

A velha Pérsia, terra de origens quase mitológicas, encravada entre os mais antigos povos do mundo, e em cujo ambiente físico se feriram as mais famosas lutas dos começos da humanidade, está na ordem do dia em virtude de sua disputa petrolífera com a Inglaterra. A Pérsia, que hoje tem o nome de Irã, possui riquíssimos horizontes de petróleo sob a direção, domínio, exploração, industrialização e exportação de uma Companhia denominada "Anglo-Iranian Oil Company", cujo contrato com o govêrno iraniano tem data de vencimento em 1993. Aconteceu, porém, que a nova política social e administrativa do Primeiro Ministro Mohamed Mossadegh é totalmente voltada para a nacionalização das indústrias do país, especialmente a do petróleo, base de tôda a riqueza nacional. Tanto Mossadegh como o Ministro do Exterior do Irã, Bagher Kazemi obedecem aos novos desígnios do Xá Mohamed Reza Pahlvi, que deseja tirar seu povo do estado de primitivismo social e econômico em que se encontra. As leis votadas pelo Majlis (Assembléia Nacional) já deram poderes ao executivo para nacionalizar o petróleo iraniano, retirando das mãos dos inglêses o monopólio, cujas origens vêm desde 1901, quando o explorador inglês William Knox D'Arcy, já enriquecido na Austrália com petróleo, vai ao Irã e firma com o govêrno de Teerã um convênio de interêsses mútuos. Em 1909 funda-se a Anglo-Persian Oil Co., (hoje Anglo-Iranian). Em face da importância do petróleo no mundo, o assunto já não é local e sim, do interêsse das Nações Unidas, como base para a segurança do Ocidente no Oriente Médio. Votada a lei de nacionalização, Londres advertiu o Irã, que, se fôsse executado o decreto, ver-se-ia a Grã-Bretanha obrigada a intervir militarmente no país a fim de proteger súditos inglêses e suas propriedades. Em Washington o caso está sendo analisado com muito interêsse, enquanto o Govêrno de Teerã está decidido a pôr em prática a nacionalização. A URSS se mantém discreta, mas, prevê-se que, se tropas inglêsas ocuparem o Irã, Moscou não fique impassível. Pesa sôbre o Xá, a mais sensacional das responsabilidades: de um lado, um contrato assinado com representantes do Govêrno Inglês; do outro, um movimento de nacionalização pràticamente vitorioso. E petróleo é sangue.

**Mohamed Reza Pahlvi**



«ADEUS!» E Dalva de Oliveira toma novo rumo, buscando o seu «caminho certo» que, aliás, é do seu ex-marido «Talvez eu volte!»

## O CASO DALVA-HERIVELTO

# T U D O ACABADO...

### JUSTIÇA DE SALOMÃO APLICADA AO CASO ★ O POVO ENJOOU DA NOVELA ★ A PRÓXIMA REUNIÃO DO TRIO SERÁ VERDADEIRA? ★ EMPATE EM TUDO, ATÉ NAS VAIAS.

TERMINOU, finalmente, o famoso e faladíssimo "caso" Dalva x Herivelto que, por muito tempo, ocupou as colunas dos jornais e revistas desta cidade. Depois de lançar, cada um por seu turno, uma série de músicas populares nas quais se explorava a tendência dos cariocas para as coisas escandalosas, músicas que fizeram a independência econômico-financeira dos dois, foi, contra a expectativa geral, à última hora, transformado o desquite litigioso em amigável. Contrariando os prognósticos do meretíssimo juiz da Quarta Vara Cível, que mandara que a audiência se realizasse a portas fechadas e cercada do máximo sigilo, a fim de evitar-se aglomeração de fãs, à hora aprazada, apesar de ser a do almôço, não havia a aglomeração esperada. Apenas a Imprensa, escrita e falada, no seu afã de bem informar o público, fazia ato de presença. Os raros pedestres que passavam e tinham a sua atenção despertada para os profissionais da Imprensa, dêstes procuravam saber o que se passava. O Rio não tomou conhecimento do último capítulo da novela Dalva x Herivelto. Procurando fugir de tôda e qualquer propaganda em tôrno do caso, os advogados de Dalva e Herivelto, respectivamente, drs. Clóvis Ramalhete e Gerson Cordeiro, reuniram-se e lançaram as bases do acôrdo, isto um dia antes da contenda litigiosa. A sorte estava lançada; aplicar-se-ia a justiça de Salomão — metade para cada um. Destarte, no dia seguinte, quando compareceram, às dezesseis horas e trinta minutos, perante o juiz da Terceira Vara Cível a fim de fazer o acôrdo, ficou estabelecido que, durante seis meses, as crianças ficariam com Dalva e por igual período com o pai. Nas férias escolares adotar-se-á igual sistema — metade com "papai" Herivelto, metade com "mamãe" Dalva. Ainda na presença do juiz, Dalva abdicou do direito de usar do nome Martins. À noite, quando a heroína da mais emocionante novela dos últimos tempos compareceu ao estádio Maracanã a fim de cantar, mais uma vez, o sambinha "Calúnia", o povo prorrompeu em estrepitosa vaia. Era a prova de que já se havia enjoado da novela e era a forra da que fôra aplicada ao herói, em um dos teatros desta capital. Tudo, como estamos vendo, terminou empatado. Justiça de Salomão aplicada pelo juiz, justiça de Salomão aplicada pelo povo. Agora, só resta a reunião do antigo trio — Dalva, Herivelto e Nilo Chagas — para que o romance tenha um "happy end", tão ao sabor do paladar do povo amante das grandes novelas de que o caso recém-terminado é uma das maiores realizações. Vamos esperar? Vale a pena. — *J. L.*



«VOU EM BUSCA de outros ares, outros amôres, outra vida, seguindo pelo caminho que leva à felicidade. Voltarei.



PERY, o mais velho — metade com mamãe, metade com papai. Porque não ficar com os dois?

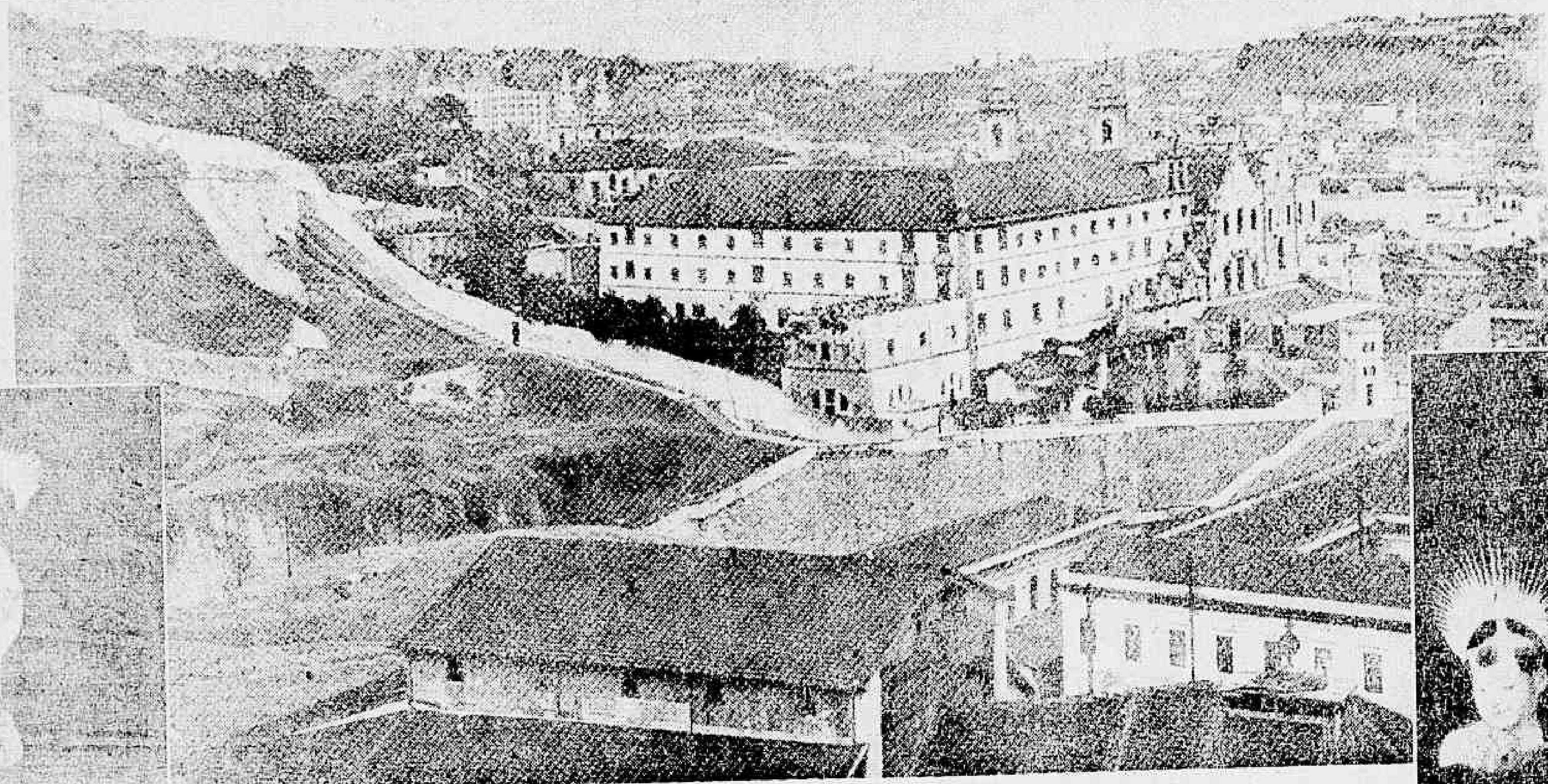


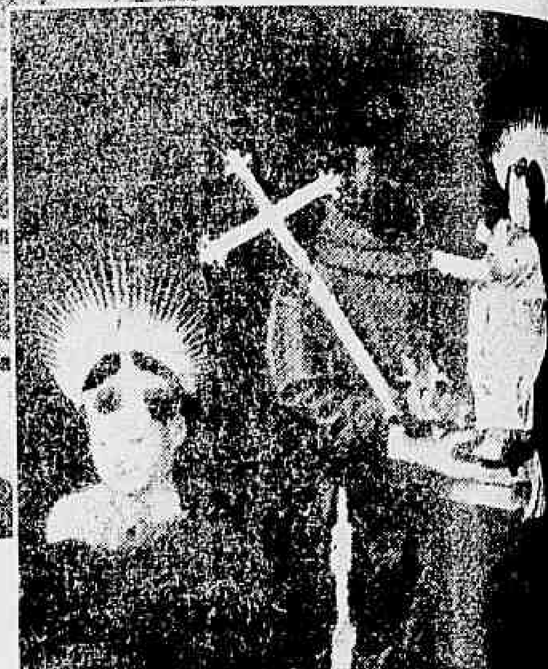
O TRIO DE OURO (o verdadeiro) que a incompreensão separou e que o povo espera ver reunido novamente para, em vez das vaias a cada um dos integrantes, os aplaudir...



UBIRATAN, o mais novo dos filhos do casal que ora se separa, espera vê-los juntos. Será?







VISTA ANTIGA do Convento de Santo Antônio. Os muros do barranco são restos de obras antigas. Aos lados, «Santo Antônio do relento», com a cabeça no corpo e separada, obra de misterioso escultor.

# HISTÓRIAS DO CONVENTO

UMA ILHA CAMINHAVA NO MEIO DA LAGOA ★ "POR PIEDADE CRISTÃ E SERVIÇO DE DEUS", OS ESCRAVOS SÓ APANHAVAM QUARTADA ★ FREI FABIANO DE CRISTO, O ENFERMEIRO ★ FREI SANTANA GALVÃO TINHA O DOM DA BILOCAÇÃO ★ UM MENDIGO MISTERIOSO FÊZ A CABEÇA DA IMAGEM ★ SANTO ANTÔNIO E' TENENTE CORONEL DO EXÉRCITO; PAGUE-SE-LHE O SÔLDO

Texto de LAURO ULLER

CIDADE de São Sebastião do Rio de Janeiro... Setembro de 1710... População da Sebastianópolis: aproximadamente 12.000 almas. Quando no histórico dia 19 de setembro de 1710 os franceses ávidos de disputarem aos lusitanos as riquezas do novo paraíso terreal que seria o Brasil — e que no dizer de Caminha, o escrivão, de fato era — comandados por João Francisco Duclerc promoviam o assédio à florescente cidade dos senhores coloniais, a imagem de Santo Antônio recebia do Governador Francisco de Castro Morais, a patente de Capitão de Infantaria e a recomendação de presidir o combate como General dos exércitos de campo.

O Provincial dos franciscanos, por seu turno, mandou a Castro Morais o bastão oferecido ao Santo por Sebastião Xavier da Veiga Cabral, dizendo-lhe que se combatesse com o bastão na mão a vitória sorriria aos portuguêses. O Governador não concordou com o alvitre: beijou o bastão e o mandou devolver ao frade, pedindo-lhe ainda, pusesse a bengala na mão do taumaturgo.

O combate se travou. Bombardas estrugiam, espingardas espoucavam, sibilavam frechas que feriam a carne. Desastre total para os franceses de Duclerc. Glória para os lusitanos.

E quem passasse pela ladeira do Convento no dia 19 de setembro de 1710, poderia ver sôbre os muros da histórica morada dos frades, bastão na mão, o General Santo Antônio, comandante dos exércitos de campo dos portuguêses.

E o povo fêz romaria ao Convento e prostrou-se agradecido aos pés do Santo. A imagem foi colocada no frontispício da igreja, à adoração dos crentes. E ali ficou o taumaturgo exposto ao tempo. O espírito popular deu-lhe um apelido: "Santo Antônio do relento".

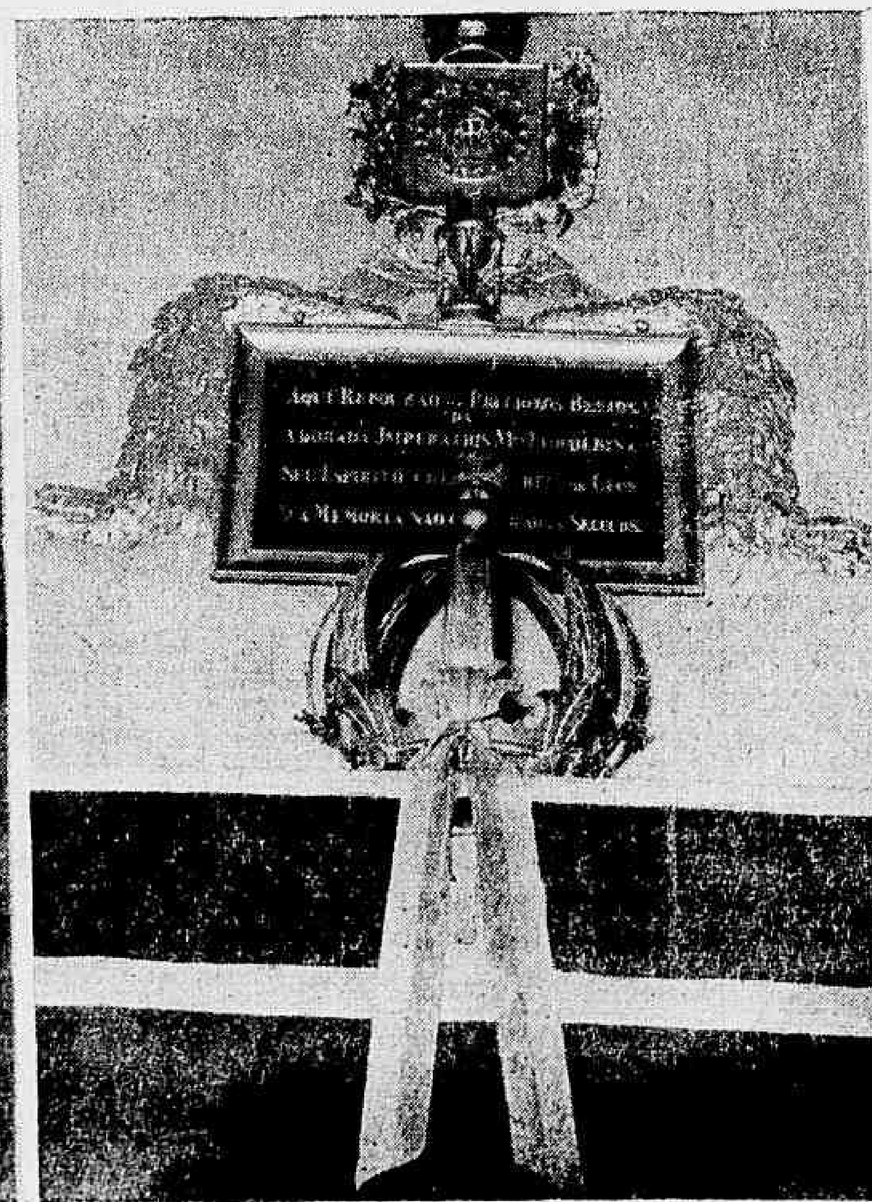
Ainda hoje, no Dia do Soldado, os frades do Convento evocam o histórico episódio e colocam o bastão da vitória nas mãos da imagem. E hoje, como ontem, e, como há séculos, o carioca sobe a ladeira do Convento para rezar e pedir graças...

★

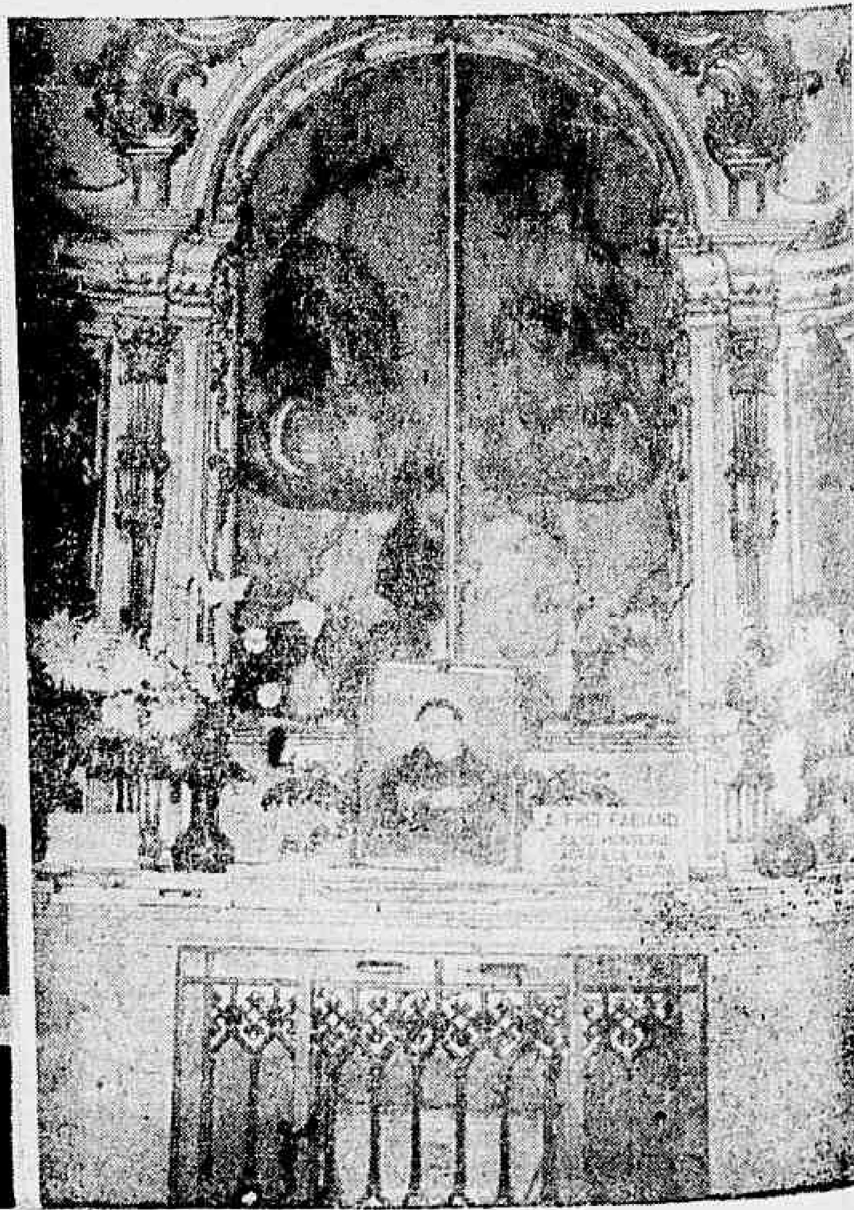
Por singular coincidência, os dois primeiros franciscanos que aportaram à Guanabara chamavam-se Antônio: Freis Antônio das Chagas e Antônio dos Mártires. Aqui chegaram, admiraram as maravilhas da baía, desembarcaram, tomaram contato com as autoridades locais e por escritura de doação de 28 de fevereiro de 1592 ganharam um sítio nas faldas do Morro do Castelo, nas imediações da atual igreja de Santa Luzia. Nos terrenos doados seria edificado o Convento para os religiosos da Ordem. Passados alguns anos arribavam às plagas guanabarinas outros franciscanos decididos a edificar um convento, e entre êles, Frei Leonardo de Jesus, Custódio da Ordem e Frei Vicente do Salvador, o autor da primeira História do Brasil. Não agradou aos clérigos e especialmente ao Custódio Leonardo a escolha dos dois Antônios.



ESTE PEQUENINO caixão mortuário é o esquife da filha da princ. Isabel, nascida morta. Uma relíquia do Convento



DETALHE do túmulo da 1ª Imperatriz do Brasil, Da. Maria Leopoldina, espírito culto, mulher de educação européia



ALTAR de Frei Fabiano, piedoso enfermeiro do Convento, e a quem os fiéis católicos dedicam a maior veneração.

Voltaram os olhos para o Morro do Carmo, posteriormente Morro de Santo Antônio, e sugeriram a troca de terrenos. Magnânimas, as autoridades da época, Martim Afonso de Sá, Pedro Lom .d'Albernaz, Antônio Pinto de Berredo, Gonsalo Corrêa de Sá, entre outros, consentiram e "aos dezenove dias do mês de abril de mil seiscentos e sete anos", passaram a Carta de doação. Comprometiam-se, ainda, as autoridades, pela mesma escritura, em "desabafar o mato que tem por tôda a Várzea, e lhe daremos uma rua direita da largura de trinta palmos, conforme as mais, que vão responder da dita casa com a que mais direito fôr ao mar; e faremos uma vala em forma, que a água da alagoa, que fica perto do sitio, vá responder ao mar, e não seja prejudicial aos Religiosos, que na dita casa habitarem".

Nimia gentileza lusitana: preparariam o terreno onde os frades edificariam o mosteiro e ainda canalizariam ao mar as águas sujas dos pântanos adjacentes à Lagoa de Santo Antônio, que ocupava as áreas do Tabuleiro da Baiana, rua Treze de Maio e vizinhanças do Teatro Municipal.

E se iniciou a construção. Em tal faina se entregavam os religiosos à obra, que no mesmo ano, no dia 4 de outubro de 1607, puderam rezar a primeira missa na casa, inaugurando-a. Começava a pequena comunidade presidida por Frei Vicente do Salvador, o historiador.

Longo e enfadonho e cansativo seria pormenorizar as fases da construção da igreja, do claustro, das capelas, dos muros, das imagens, das pinturas e azulejos, das sepulturas e senzalas; falar dos vultos notáveis que passaram pelo Convento, dos oradores magnificos que ocuparam o seu púlpito, dos dissabores internos da Ordem, das venturas dos religiosos e dos dias de mágoa. Não menos cansativo e enfadonho e longo seria descrever as diversas reformas por que tem passado o Convento de Santo Antônio através os séculos: Monsenhor Pizarro e Araújo, Vieira Fazenda, Moreira de Azevedo, e especialmente Frei Basilio Roewer, entre outros, esgotaram o assunto. *Santo Antônio: Histórias do Convento*, é o título dêste trabalho; histórias também já contadas, porém, nunca bastante lembradas.

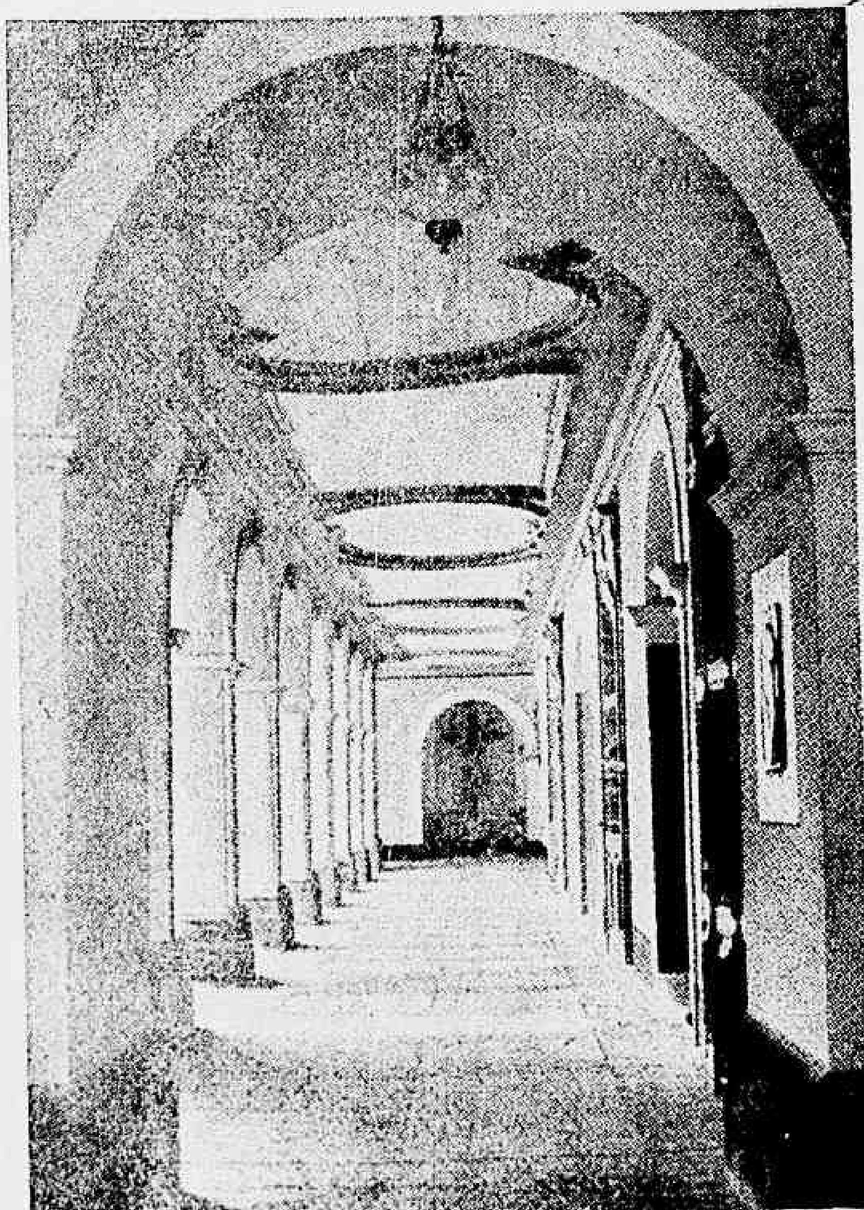
## UMA ILHA CAMINHAVA NO MEIO DA LAGOA

Coisa de causar assombração aos menos avisados durante algum tempo e aos prevenidos ao menos nos primeiros momentos, acontecia com uma ilha na Lagoa de Santo Antônio. Nos primeiros anos do Convento, quando presidia a comunidade, Frei Vicente do Salvador, alguns religiosos franciscanos que por aqui passaram em busca de Buenos Aires, abrigaram-se na casa da Ordem, no Morro de Santo Antônio.

Ora, logo de manhã cedo, um dos frades tomando do missal e do têrço, encaminhou-se para as margens da lagoa próxima à cêrca. E o bom franciscano recitava ora os Evangelhos, absorvido pelos preceitos do Nazareno, e ora parava absorto para estudar o local ou alguma planta estranha a outras terras. E anda para lá e para cá, erguendo os olhos para o céu, baixando-os em seguida para repousá-los no livro das orações, o frade foi de súbito acordado de suas meditações pelo piar repentino de um passarinho. Atentando bem o franciscano distinguiu um ninho com filhotes numa arvorezinha que estava na pequena ilha dentro da lagoa. O frade castelhano não se parecia, absolutamente, com aquêle referido por Guerra Junqueiro em "O Melro" e nem consta que o Convento já naquela época tivesse quintal cultivado de ervilhas e pepinos. Assim, nada deviam os passarinhos, melros, sabiás, rolinhas ou simples bicos de lacre (os pardais vieram muito posteriormente, de alguma parte do mundo, trazidos, dizem, apenas alguns casais por um marinheiro semilouco), aos religiosos, e o bom padre,



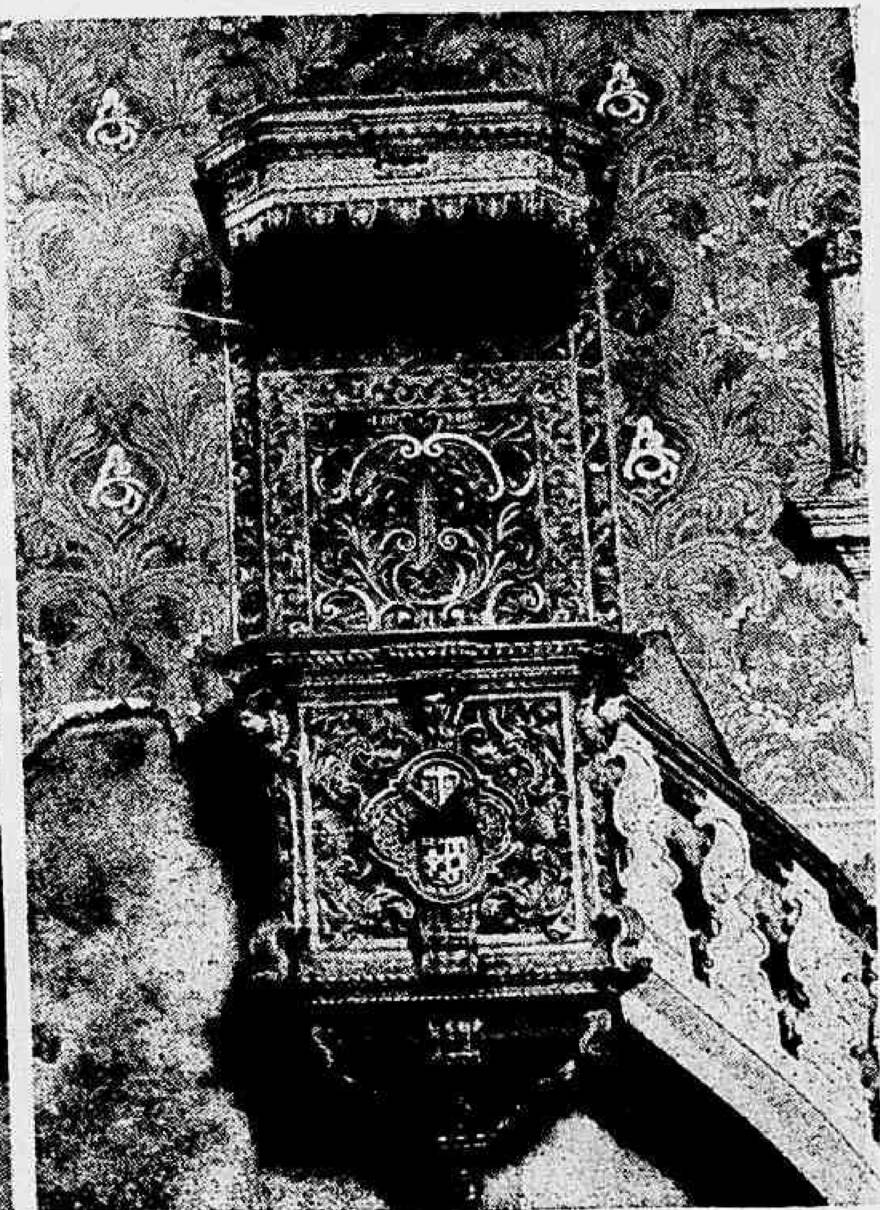
**FACHADA** do convento como se encontra atualmente, no velho estilo colonial lusitano. Não se pode imaginar o que de belezas artísticas encerra a secular casa dos Franciscanos por detrás destas linhas despretenciosas.



**CORREDOR** do claustro. Sob estas lajes foram sepultados os religiosos, inclusive frei Fabiano, ídolo do povo.




**JAZIGO** dos ossos dos frades, vendo-se o do grande orador sacro Monte Alverne, clássico do idioma e gênio da palavra



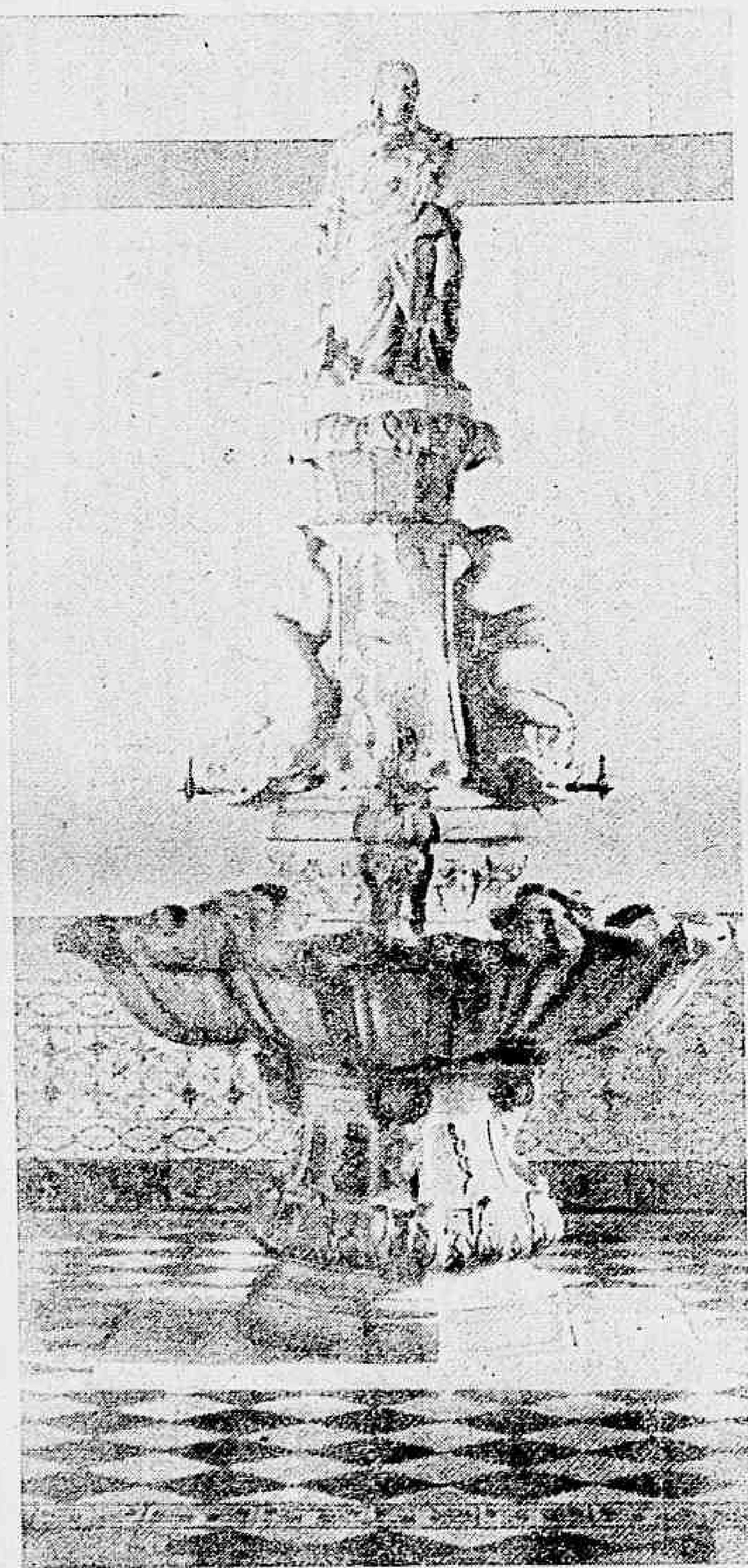
**O PÚLPITO** do convento, no qual falaram Monte Alverne, Jesus Sampaio e tantos outros gigantes da oratória sacra



**OS AZULEJOS** do convento são preciosidades históricas. Aqui vemos uma cena religiosa representando uma cura de Santo Antônio, restituindo a vista a um pobre cego.



**OUTRA CENA IMPRESSA** nos azulejos e reproduzindo atos da vida do popular Santo. O taumaturgo desmascara um aventureiro que fingia estar cego, o que causa sensação.



**LAVABO TODO** de mármore situado na sacristia. A figura que o domina é a estátua da Pureza.

contrito, admirou à distância as avezinhas e rendeu graças ao Criador. À noitinha, voltou o frade à procura dos bichinhos para de novo contemplá-los. Chegou junto à cêrca, às margens da lagoa e levantou os olhos. A surprêsa dos primeiros momentos arrepiou-lhe os cabelos: não viu mais os passarinhos, não viu o ninho, não viu a árvore e mais ainda, não viu a ilha. Pensais que o religioso cegara? Não! Via tudo menos o que procurava: a ilha! No local onde a mesma se encontrava pela manhã, era só água; água suja da lagoa. Estendeu a vista para mais longe, e lá adiante, pelas proximidades da atual Cinelândia, o padre descobriu a ilha. A ilha com seus arbusto, ninhos, passarinhos e tudo o mais, se deslocara na lagoa, caminhara durante o dia. Mistério! Que teria acontecido? E a comunidade se pôs a estudar o fenômeno. Nos mares do Japão, é verdade, somem aqui e aparecem ali, pequenas ilhotas; mas, é perfeitamente compreensível; o fundo do mar, vulcânico, ainda não está suficientemente consolidado: a crosta se contorce e se enruga, baixando aqui e levantando lá. Aqui no Novo Mundo, porém, em terras do Brasil, terra sólida, chão do Pão de Açúcar? Não! Não seria possível! Chegaram, finalmente, à solução: a ilha era constituída de terra leve, que, desprendida do fundo, flutuava no lago. Durante a noite soprava a brisa do mar e ela caminhava na direção do Convento; durante o dia, a brisa soprava da terra e a ilha voltava ao antigo lugar: para lá e para cá. As próprias árvores serviam de vela...

### "POR PIEDADE CRISTA E SERVIÇO DE DEUS", OS ESCRAVOS SÓ APANHAVAM "QUARTADA"

Corria o ano de 1707 e o Convento, vida próspera, já com muros, claustro, igreja, cemitério e bem povoado de penitentes, constituia local de referência, nesta "mui leal e heróica" Sebastianópolis.

Para a mentalidade dos dias que correm, a escravatura constituiu mancha negra na história do Brasil; para os tempos coloniais, entretanto, o tráfico de negros não era, de modo algum, impiedade. Era natural ter escravos: todos os que pudessem os possuiam; e tantos quantos pudessem. Pois o Convento de Santo Antônio também tinha escravos e escravas.

O número de negros no Convento não era grande; os frades não eram fazendeiros. E eram até bem tratados: reincarnados nestes atuais negros e mulatos das favelas, "Zé da Ilha", "Moleque 32", "Sete Dedos" e outros que tais, habitando casebres de latas e tábuas de caixa de bacalhau, prefeririam a vida que tiveram no Convento, escravos dos frades de Santo Antônio, nas primeiras décadas do século XVIII. Pois no Convento existiram escravos. Habitaram durante longos anos senzalas construídas no morro, e muito posteriormente, passaram a residir dentro do próprio claustro, ao lado da enfermaria dos frades. Vida regalada, portanto. Aprendiam o ofício para o qual demonstravam aptidão e nos tempos de reformas e obras, eram aproveitados nos serviços pesados das construções. Não era permitido aos "moleques, negros ou outros servos", penetrar nas celas dos religiosos. De modo algum se permitia — e o Guardião que se descuidasse sofreria severas penas — a entrada de escravas na clausura. Era perfeitamente permitido aos negros o "Crescei e multiplicai-vos" de Geová. Negros e negras cresciam nas senzalas do Convento e convenientemente ligados, pelo casamento, também se multiplicavam a partir de 1775 os escravos tiveram uma enfermaria que ficava contigua à biblioteca. Conclui-se, portanto, que nessa época já não existiam mulheres escravas, pois não haveriam os frades de beneficiar sòmente os homens, uma vez que a enfermaria era dentro da clausura, local de entrada proibida às mulheres. A enfermaria dos escravos se comunicava com a cela do santo frade Fabiano de Cristo, que durante 38 anos foi enfermeiro da casa e a quem o povo carioca dedica especial devoção. E ali havia uma capela e se dizia missa no altar de Nossa Senhora do Rosário, a Padroeira dos pretos. E os escravos recebiam instrução de catecismo e quando morriam eram sepultados religiosamente, primeiro no morro e por fim no claustro e no chão da igreja. Cada frade rezava uma missa pela alma do falecido; assim, o escravo tinha, depois de morto, dezenas e dezenas de missas, conforme o número de frades do Convento: uma maravilha de pôr, em nossos dias, água na bôca a muito grã-fino de colarinho engomado.

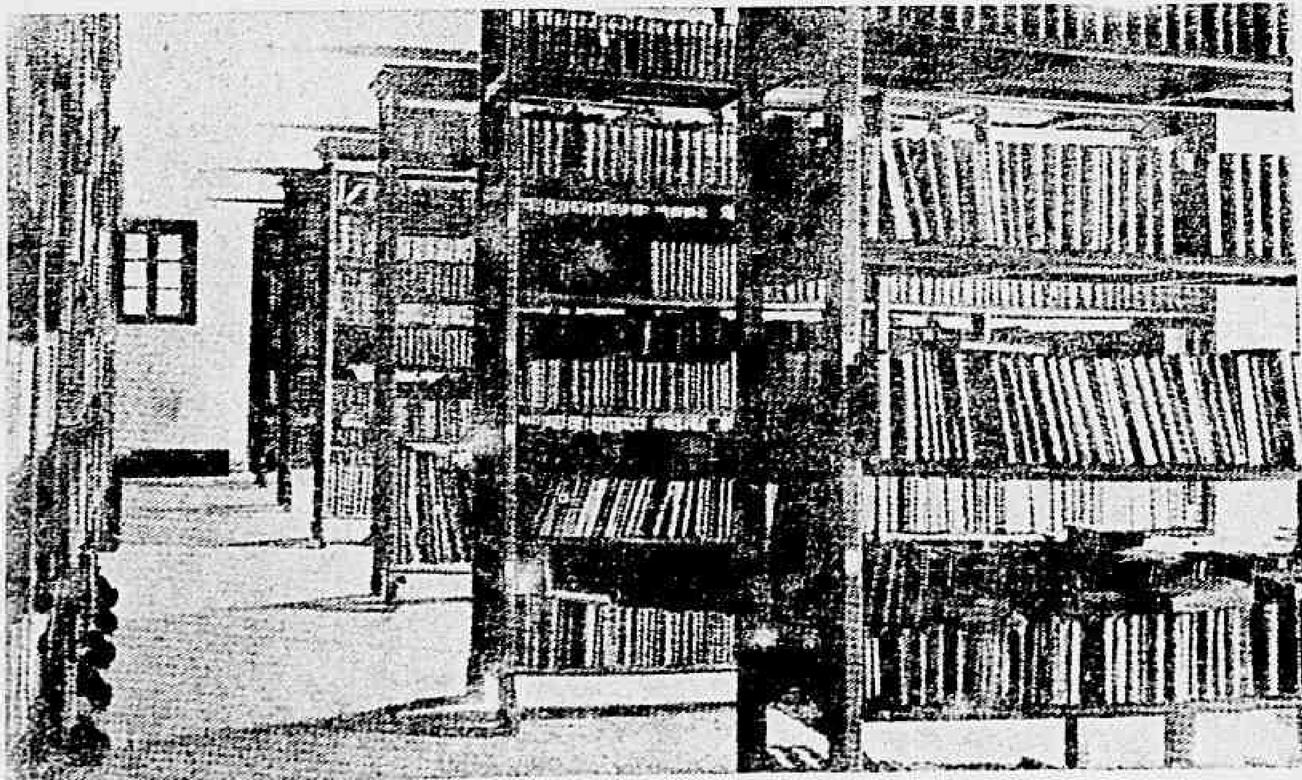
Agora, os castigos. Ter escravos era natural; espancá-los e maltratá-los, para a áspera mentalidade dos escravagistas, era normal. No Convento de Santo Antônio, entretanto, os negros não conheciam o tronco nem o vira-pau. O máximo castigo consistia em golpes de açoite. Por determinação superior ficou estatuido que só se daria "quartada" nos açoites: nada além de 30 golpes. Isto "por piedade cristã e serviço de Deus".

### FREI FABIANO DE CRISTO, O ENFERMEIRO

Notáveis entre os mais notáveis foram os vultos que pelos séculos têm engrandecido o Convento e dignificado o Brasil: Frei Vicente do Salvador, o historiador; Frei Boaventura do Salvador, o douto dos doutos em teologia, filosofia e cânones; Frei Antônio de Monte Alverne, o jovem brasileiro falecido antes da ordenação e que assombrava os doutôres pelo brilho da inteligência raríssima; Frei Francisco de Monte Alverne, o orador incomparável; Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, o revolucionário, o jornalista, o panfletário, o orador, o confidente de Pedro I e de Dona Leopoldina nas tramas da Independência da Pátria.

Notável, entre os que mais o tenham sido, pela pobreza, pela modéstia, pela humildade, pela resignação, pela santidade, foi Frei Fabiano de Cristo, o enfermeiro do Convento.

Venerado pelos frades e pelos moradores da cidade, Frei Fabiano viveu miseràvelmente no claustro, no mister de enfermeiro, durante 38 anos. Enfermeiro do corpo e



**O CONVENTO POSSUI** riquíssima biblioteca. Nestas estantes há obras preciosíssimas do século XVI, além de muitas outras de natureza religiosa, histórica e filosófica



**VISTA GERAL E COMPLETA** do túmulo da primeira espôsa de D. Pedro I, Da. Leopoldina, a Primeira Imperatriz do Brasil e que deixou um nome venerado por tôdas as classes

médico da alma, Fabiano atendia a ricos e pobres, leigos e religiosos. E criou fama de santo pelas curas extraordinárias que fêz. Quando morreu o enfermeiro Fabiano, coisas sobrenaturais aconteceram ao cadáver. "A Gazeta de Lisboa", de 11 de junho de 1748, noticiou o fato enumerando as virtudes do morto e entre outras coisas o seguinte: "Despediu-se o seu espírito plàcidamente do corpo que, ficando 30 horas insepulto, estêve sempre flexível em todos os seus membros; mostrando a vista clara quando lhe abriam os olhos, lançando sangue vivo pela sizura da sangria que lhe fizeram muitas horas depois do seu trânsito, por uma chaga que tinha em uma perna". Acrescentava ainda a notícia que o cadáver foi examinado por médicos e peritos, e inclusive pelo General Gomes Freire de Andrada.

No entêrro de Fabiano o povo invadiu o Convento na disputa das vestes do Santo para relíquias. Diversas vêzes foi o corpo vestido e diversas vêzes rasgadas as vestes. Frei Fabiano foi sepultado no chão do claustro, na quadra dos religiosos. Na parede do corredor ainda hoje existe a inscrição de sua primeira sepultura. Trinta anos depois foram tirados os ossos e depositados numa caixa de chumbo que foi colocada dentro de uma parede em frente a cela em que Fabiano vivera. A primeira sepultura jamais foi ocupada por defunto algum.

Os anos passaram. Ninguém mais soube dos ossos do enfermeiro. Cogitava-se da procura mas as informações eram precárias.

E os anos corriam... Belo dia, e isso passados quase dois séculos, em 1924, o Superior mandou demolir uma parede para obras. E eis o rico achado: dentro do muro, no interior de caixa de chumbo, devidamente autenticados, os ossos de Frei Fabiano de Cristo, o enfermeiro do Convento...

### FREI SANT'ANA GALVÃO TINHA O DOM DA BILOCAÇÃO

Entre as muitas maravilhas atribuídas a Santo Antônio consta a miraculosa possibilidade da bilocação. Bilocação é o ato de estar alguém ao mesmo tempo em dois lugares diferentes; uma espécie de ubiqüidade limitada, que possibilita ao padecente uma dualidade que nem a televisão explicaria. Santo Antônio, por exemplo, segundo a tradição, podia estar no mesmo momento em Pádua e em Lisboa.

Pois um dos frades do Convento do taumaturgo, no Rio, possuía a misteriosa propriedade: Frei Antônio de Sant'Ana Galvão.

Frei Galvão nasceu em Guaratinguetá, no Estado de São Paulo, onde ainda hoje é venerado. Vivendo uma santa vida no convento da cidade bandeirante, o frade, no entanto, muitas vêzes tinha que se pôr a caminho do Rio de Janeiro para desobrigar-se de tarefas relacionadas com os misteres da Ordem. As viagens (Deus nos livre!), de Guaratinguetá ao Rio, o bom frade fazia-as a pé. Pois foi numa dessas viagens que aconteceu o seguinte: distante alguns quilômetros de São Paulo, morava numa fazenda um homem pacato em companhia da mulher. Casal piedoso, viviam os dois, os dias, como Deus o consentisse. Belo dia a mulher adoeceu gravemente, e nas aperturas de um parto difícil, depois de esgotados os recursos da medicina caseira, recorreu aos santos e em derradeira instância lembrou-se de Frei Galvão. Desesperada, pediu ao marido fôsse ao convento dos franciscanos em São Paulo, buscar o frade. O marido meteu arreios no cavalo e se pôs a caminho. Em São Paulo disseram-lhe que Frei Galvão caminhava para o Rio. O marido voltou triste. Chegando a casa deparou-se-lhe surprêsa não sonhada: tudo na Santa Paz do Senhor. E a mulher contou ao homem tôda a história. Era uma noite chuvosa e Frei Galvão, vindo da rua, enxutinho, enxutinho, entrara na casa. Depois de ouvir-lhe a confissão o frade pedira um copo com água e, benzendo o líquido, dera-lhe a beber alguns goles. Sorvida a água a melhora fôra imediata.

Satisfeito e impressionado, o marido arreiou novamente o alazão e trotou para o Rio, a fim de agradecer ao religioso.

Chegado à Sebastianópolis, o paulista dirigiu-se ao Convento. Relatou a que viera, e, como resposta, ouviu uma dúvida: "Como é possível se ter dado êsse fato se durante todo êste tempo Frei Galvão não arredou pé daqui?"

O homem não se conformou: reafirmou, ratificou tudo quanto dissera. A solução, pois, seria chamar o próprio frade. E Frei Galvão foi chamado. Inteirado da contenda, elucidou-a, declarando com modéstia: "Como se deu, não sei; mas verdade é que lá estive".

### UM MENDIGO MISTERIOSO FÊZ A CABEÇA DA IMAGEM

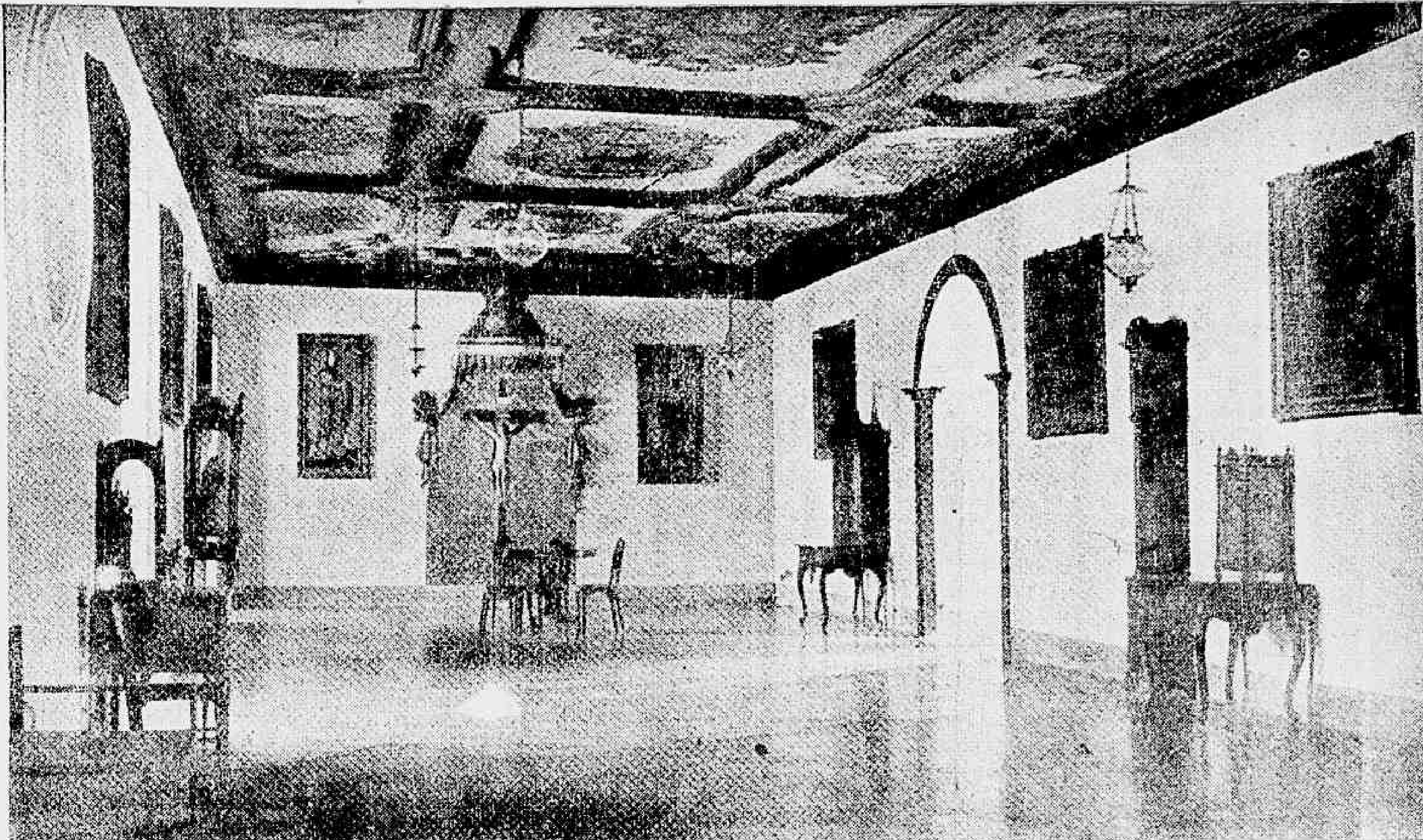
A história do mendigo misterioso que fêz a cabeça da imagem de Santo Antônio, aconteceu nos primeiros anos de vida do Convento.

Foi assim: quando a primitiva igreja estava quase acabada e recebia os últimos retoques, pensou-se em colocar no altar-mor uma imagem de Santo Antônio, o Padroeiro. Foi encarregado da confecção, um religioso leigo, o porteiro do Convento. Ora, o porteiro, homem de habilidades raras, satisfeito, meteu mãos à obra. Novo Fídias que era, em pouco tempo fêz o corpo do Santo. Com a cabeça, entretanto, não acertava.

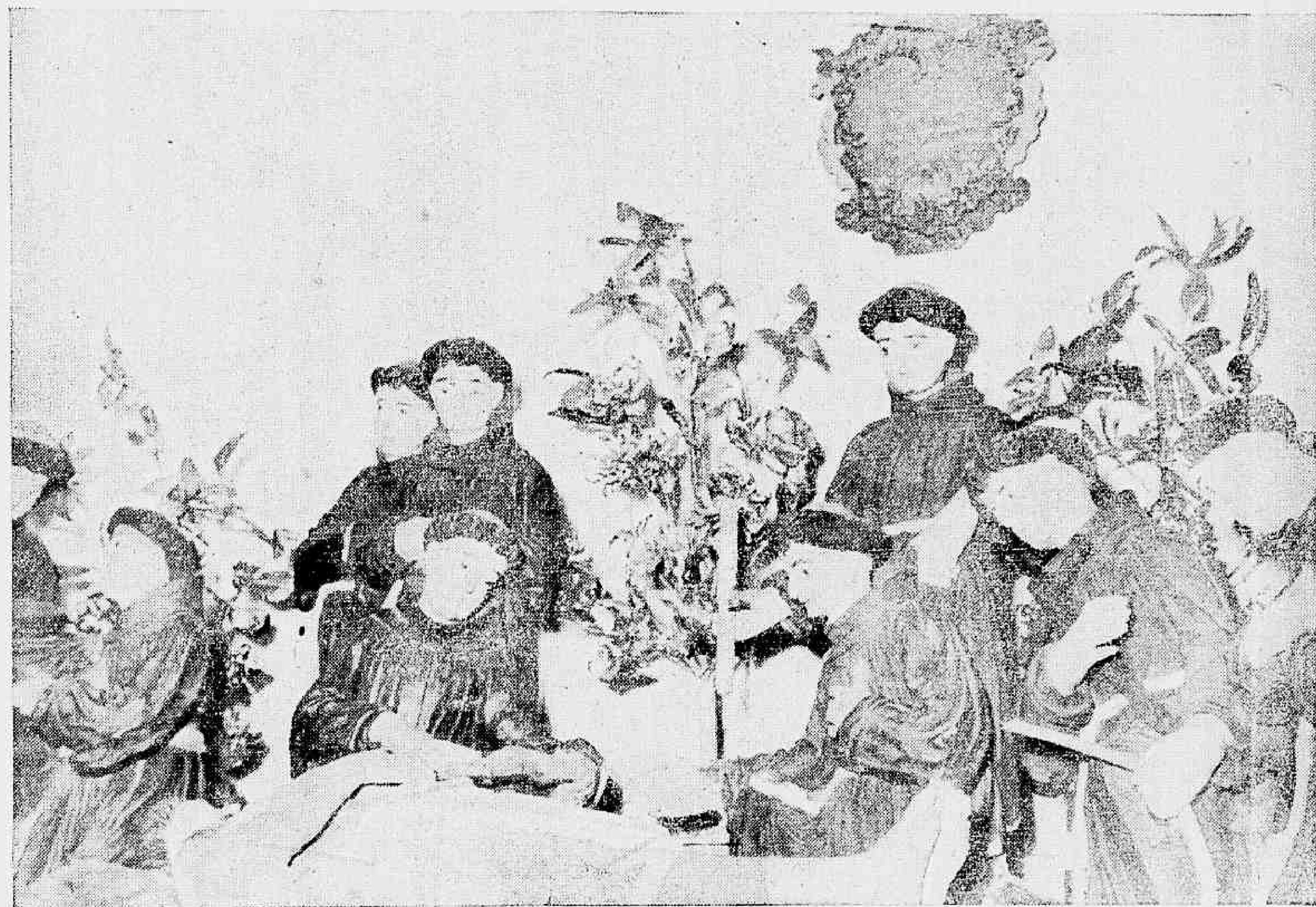
E as experiências se sucediam. Novas tentativas e novos insucessos: o porteiro não fazia uma cabeça em condições. E não se sabia explicar a súbita imperícia do porteiro.

Certa noite, alguém bateu a campainha da Portaria. Era um mendigo. Pediu ao porteiro-escultor um prato de comida. No Convento de Santo Antônio sempre houve um prato para os pobres, e o religioso, ouvido o infeliz, dirigiu-se à cozinha

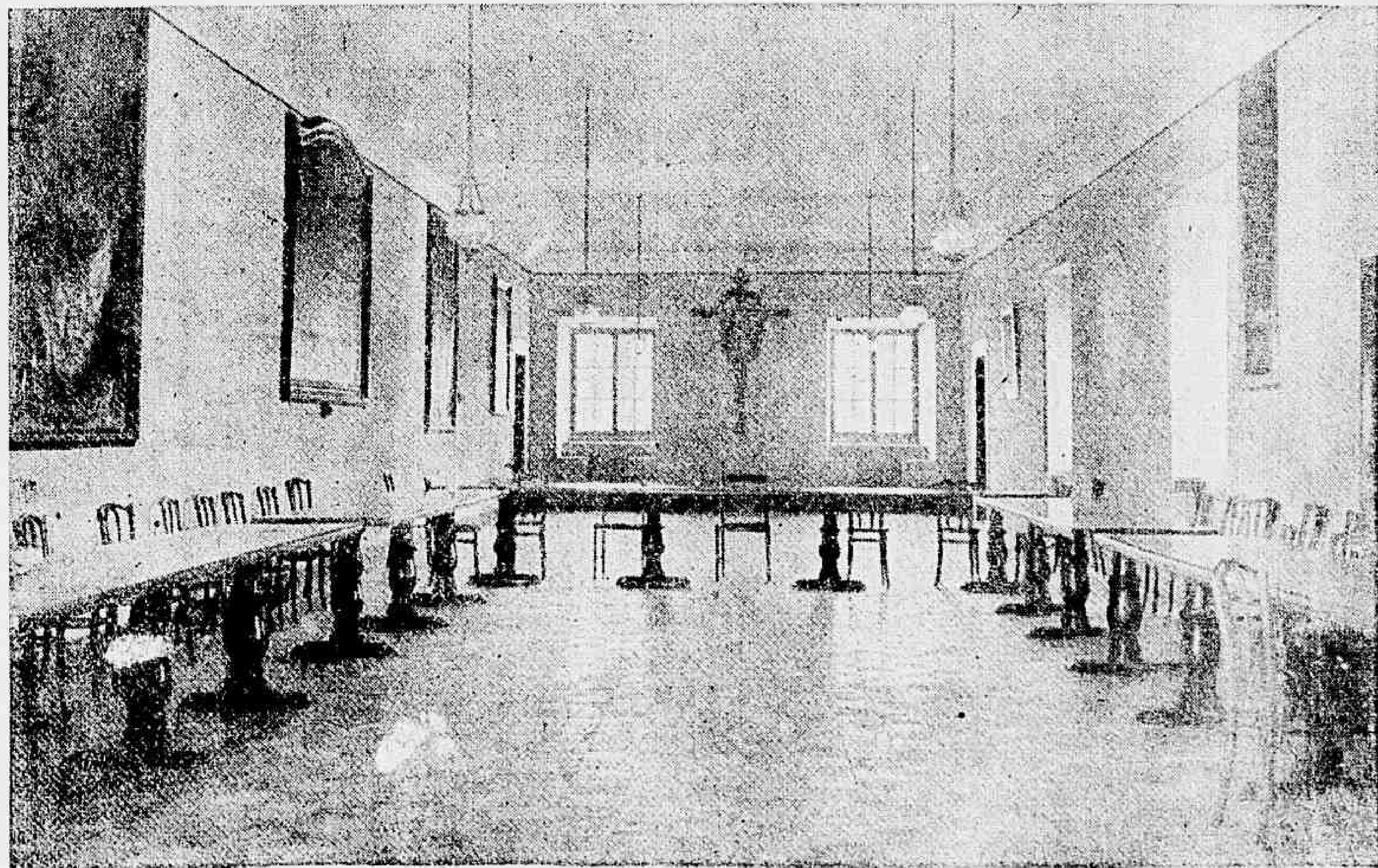
(Cont na pág 45)



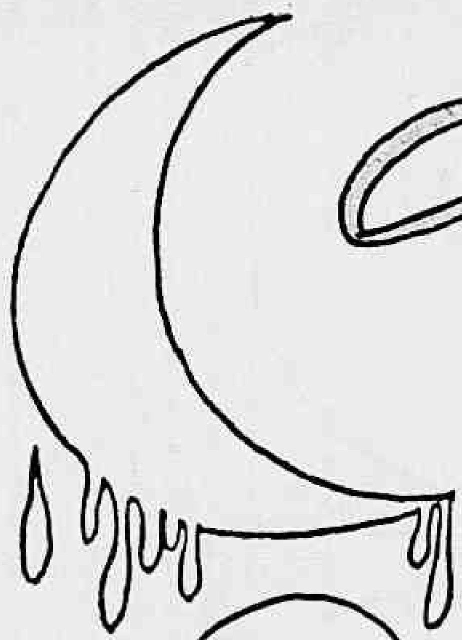
REFEITÓRIO DO CONVENTO, onde, de 1885 a 1901 estêve aquartelado o 7º Batalhão de Infantaria. Os soldados estragaram tudo, sendo preciso, depois de o deixarem, restaurar o mobiliário e demais pertences. Na foto inferior, uma

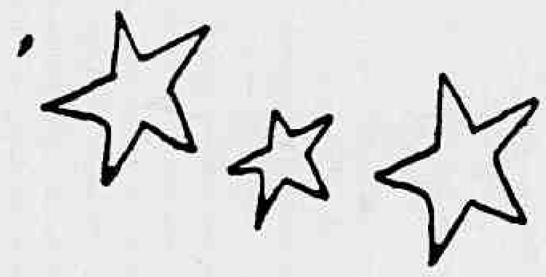


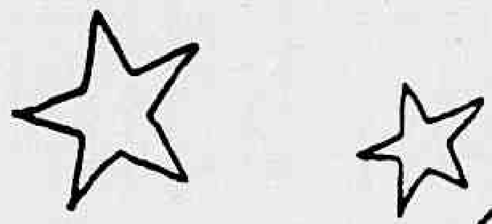
representação da morte de S. Francisco, cena tocante vendo-se os irmãos compungidos prestando todo o confôrto moral àquele a quem Jesus Cristo distinguiu com os mesmos sinais de martírio transferidos do corpo augusto ao do Santo.



# Lua de Mel





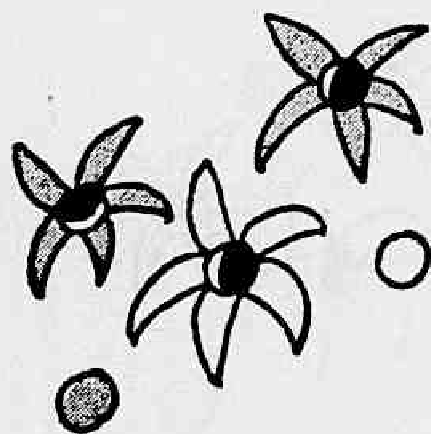


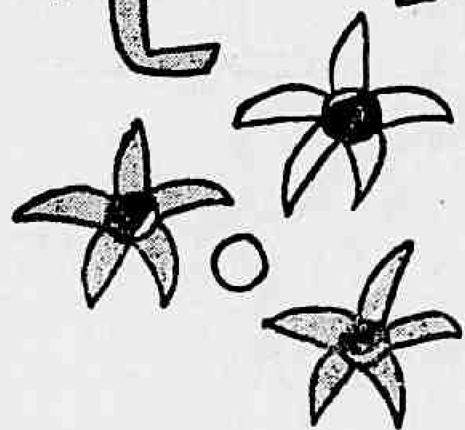














**ELA** - O DIABO É O GÊNIO DA MAMÃE...

# PUXE PELO CEREBRO

## NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa ... | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 .............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 10 .............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 11 a 15 .............. | Cultura superior | Universitário |
| De 16 a 19 .............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as vinte .............. | | O gênio em pessoa |

1 — QUEM GOVERNAVA O BRASIL QUANDO IRROMPEU A GUERRA COM O PARAGUAI:

D. João VI?
Pedro I?
Pedro II?

2 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO, NA LINGUA INDIGENA, DA PALAVRA ITAÚNA:

Mata verde?
Pedra Negra?
Rio largo?

3 — QUAL FOI O ÚLTIMO GESTO PATRIÓTICO DE PEDRO II, AO PASSAR POR FERNANDO NORONHA:

Soltou um pombo branco?
Recitou um soneto?
Pronunciou um discurso?

4 — QUEM FOI LUIZ GAMA:

General do exército brasileiro?
Grande pintor?
Abolicionista?

5 — DE QUE SE EXTRAI A MATÉRIA PRIMA PARA A FABRICAÇÃO DE PAPEL:

Do pinheiro?
Da bauxita?
Do caolim?

6 — QUE QUER DIZER TELEPATIA:

Transmissão do pensamento?
Dôr de cabeça?
Energia vinda das nuvens?

7 — QUEM FOI ANTÔNIO SALEMA, CUJO NOME ESTÁ NUMA RUA DO RIO:

Figura de nossa Independência?
Navegador português?
Governador do Brasil?

8 — QUANTO TEMPO DUROU O CÊRCO DO QUILOMBO DOS PALMARES

Um mês?
Quinze semanas?
Três anos?

9 — QUANTOS FORAM OS DELATORES DA CONJURAÇÃO DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA:

Um?
Dois?
Três?

10 — QUAL A CAUSA DA VINDA DE TÔDA A CÔRTE PORTUGUÊSA PARA O BRASIL, AO TEMPO DE D. JOÃO VI:

Invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão?
Povoamento do Brasil?
Fundação de um novo Reino?

11 — COMO SE CHAMOU A REPÚBLICA PROCLAMADA PELOS GAÚCHOS SEPARANDO-SE DO IMPÉRIO BRASILEIRO NA GUERRA DOS FARRAPOS:

Cisplatina?
Piratini?
Missões?

12 — QUANTAS ESTRÊLAS PODEM SER VISTAS POR INTERMÉDIO DE PODEROSO TELESCÓPIO:

Cem mil?
Um milhão?
Um bilhão?

13 — QUAL A TEMPERATURA À SUPERFÍCIE EM GRAUS CENTIGRADOS

Mais de 6.000?
2.000?
10.000?

14 — QUANTOS QUILÔMETROS DE CIRCUNFERÊNCIA TEM A TERRA:

500 mil?
140 mil?
Um milhão?

15 — DE QUANTAS VEZES PRECISARIA A NOSSA TERRA PARA FICAR DO TAMANHO DO SOL:

450 mil?
1.250 mil?
1.333.000?

16 — QUAL É A DISTÂNCIA DA TERRA À LUA:

380 mil quilômetros?
Um milhão de léguas?
160 mil quilômetros?

17 — QUAL A CIÊNCIA QUE ESTUDA OS FÓSSEIS:

Cosmografia?
Geologia?
Paleontologia?

18 — QUE NOME SE DÁ À ÉPOCA DA TERRA EM QUE NÃO HAVIA AINDA NENHUM SINAL DE VIDA EM SUA SUPERFÍCIE:

Azoica?
Neolítica?
Paleolítica?

19 — QUE FATO DA MAIOR CONSTERNAÇÃO ASSINALA A DATA DE 20 DE JULHO DE 1937:

Terremoto de Yokoama?
Morte de Marconi?
Naufrágio do «Principessa Mafalda»?

20 — QUAL A MAIS ESPANTOSA, MAIS LONGA E MAIS CARA PONTE DO MUNDO:

A de Storstrommem, em Copenhague?
A de Triborough, em Nova York?
A de Golden Gate, em S. Francisco?

(Respostas na pág. 45)


# Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

**Ventre-Livre** tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
**Ventre-Livre** não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**


# CONTOS PARA A "REVISTA"

## "REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

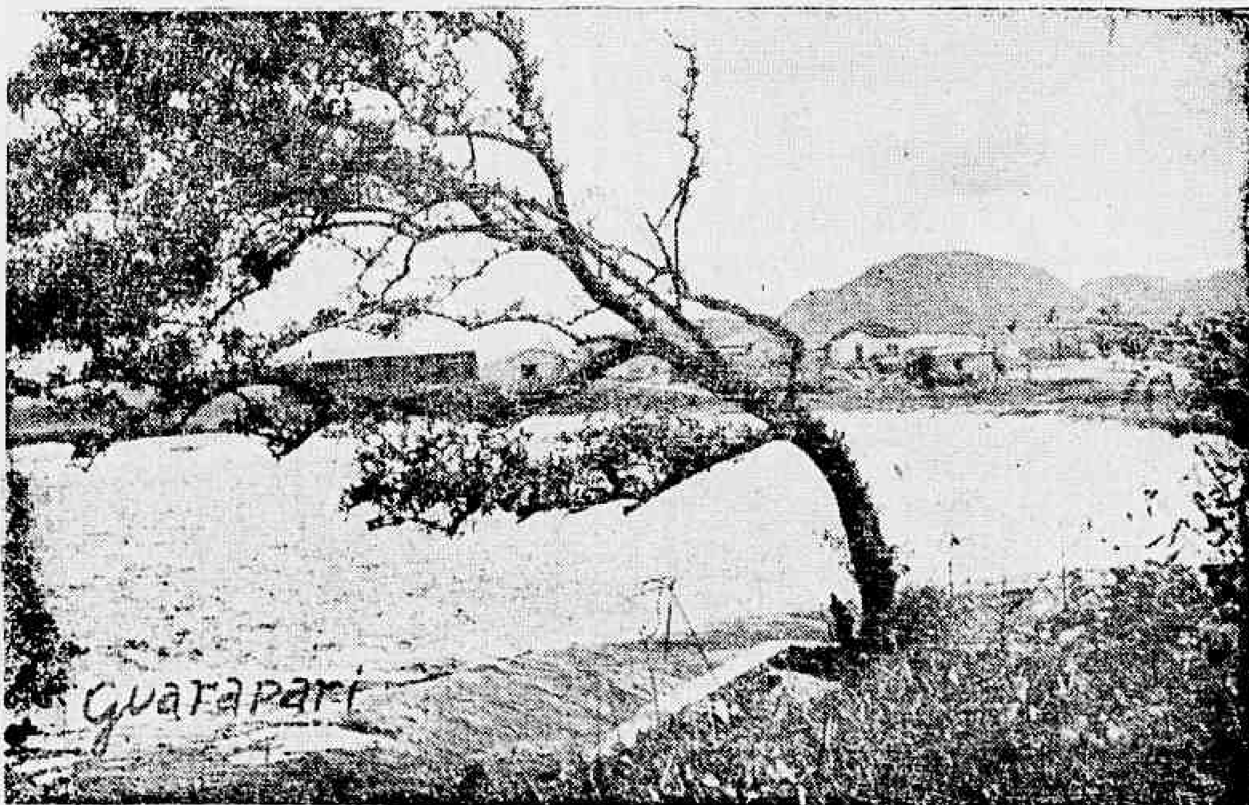
3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser ressaltadas.

# GUARAPARI - ESPÍRITO SANTO




A linda praia, famosa pelas suas jazidas de areias monazíticas, que deu nome a uma valsa que acaba de ser gravada por Nuno Roland e que está obtendo enorme sucesso.

# AS NOVIDADES DO POLO NORTE

## SE FOR AO ALASCA NÃO LEVE A MULHER ★ CURIOSIDADES DA VIDA DOS ESQUIMAUS ★ OS SUECOS TREINAM PARA UMA GUERRA NO CÍRCULO POLAR

A vida no Círculo Ártico tem seus encantos, se vamos até lá com os vagares do turismo e das férias. Entre os habitantes do Alasca, por exemplo, pode o turista ou observador colhêr muita particularidade curiosa em matéria de hábitos e costumes dos nativos. Um dêsses costumes é o de o chefe da família receber um homem em seu "iglu" e partilhar com êle o próprio leito conjugal. Por êsse motivo foi que um excursionista aconselhou aos seus amigos que também iam até lá: se forem, não levem suas espôsas...

Quando convidam os visitantes para o repasto, que sempre é carne de urso, de foca ou de baleia, tudo cru, ficarão muito satisfeitos se os hóspedes arrotarem com estrépido... Como vemos, os costumes de lá são muito primitivos e os esquimaus fazem questão de que não sejam modificados ao contato dos civilizados.

Deixando o Alasca, demos um pulo ao Círculo Ártico, em terras da Suécia. Ali vemos tropas em pleno exercício de guerra. A Suécia, país pacífico, tendo escapado a duas grandes guerras, não se descuida de seus deveres para com seu povo e trata de aperfeiçoar seus soldados, que estão magnificamente supridos de armas moderníssimas e perfeitas.

Nesta página apresentamos ao leitor algumas cenas de manobras de tropas suecas nos desertos gelados do Ártico, onde o termômetro marca 40 graus centígrados abaixo de zero, temperatura impossível de ser imaginada por nós, aqui nos trópicos.

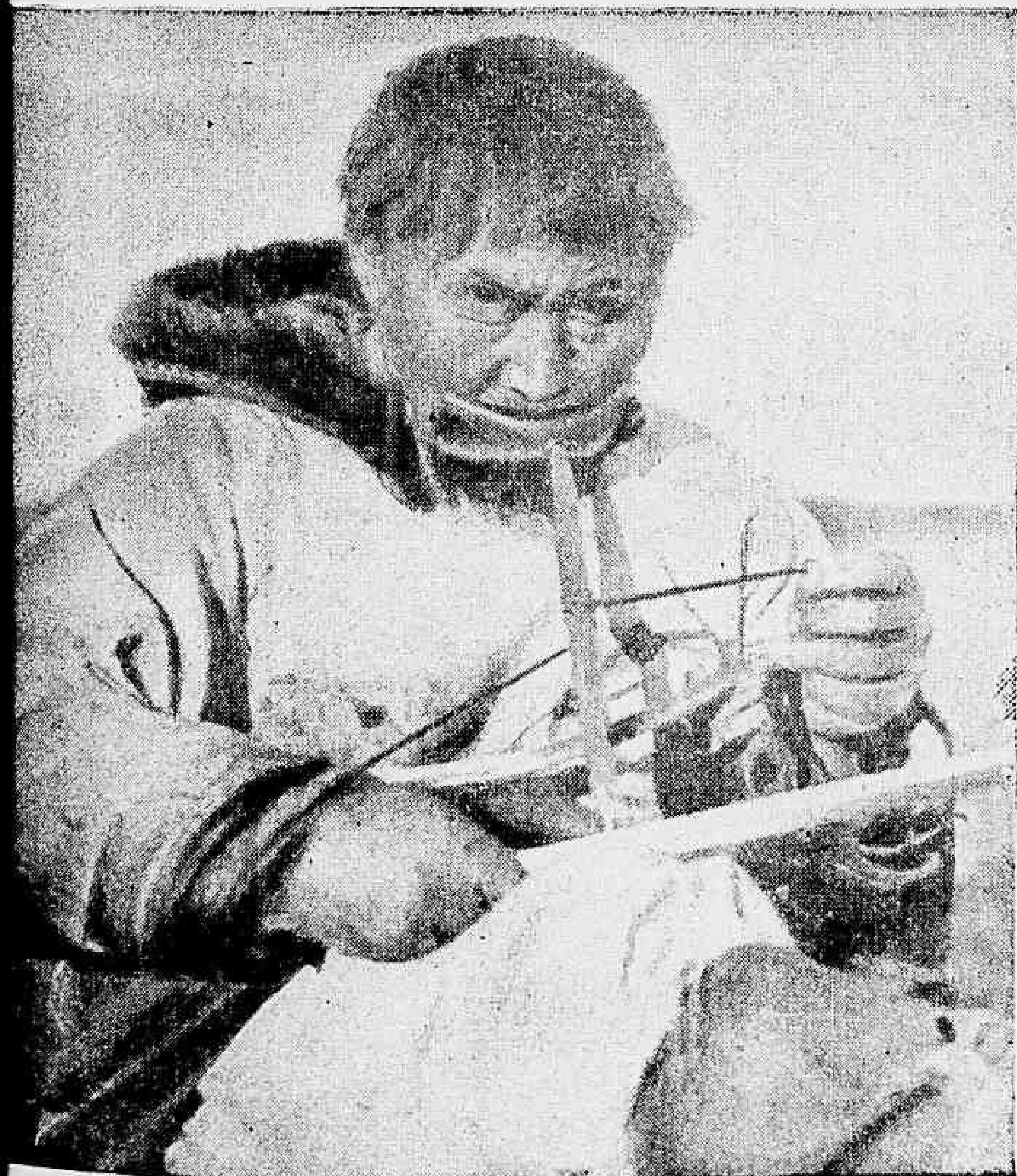
A situação internacional é de advertências, e o govêrno da Suécia não se descuida da preparação militar e estratégica de sua mocidade em idade capaz de servir à pátria nas fileiras do Exército. Também as mulheres se engajam e prestam serviços inestimáveis. Mas estas filhas de Eva da Suécia não tomam parte nas manobras militares por motivo de convocação militar. São voluntárias, jovens pertencentes ao "Lotta Svard", ou seja o "Movimento Feminino" de seu país, que espontâneamente se oferecem para ajudam os seus



ESTA JOVEM do Alasca chama-se Nanadink e tem os mais longos e bastos cabelos daquela região. Parece que a natureza auxilia com tais mantos naturais para combater o frio glacial que ali reina permanentemente. Na outra foto, vemos uma jovem filha de esquimaus a soprar numa tripa de baleia que fôra ressecada ao fraco sol do verão do Alasca e que será convertida, logo depois, em objetos impermeáveis. Êstes indígenas são muito hábeis em confeccionar vestimentas de pele de tôda sorte.



**ISTO QUE AQUI VEMOS** é muito comum entre os esquimaus: fazem um «iglu», ou seja, a casa em que devem passar muitos meses do ano, em pleno inverno. Quando chega o verão, êles substituem a casa de gêlo pela de pele de foca. Comem gulosamente carne de foca crua, de baleia e de urso que sabem caçá-los com grande habilidade, mas pelos métodos mais primitivos. Da gordura da foca fabricam óleo para iluminação de suas cabanas. Dentre seus costumes mais esquisitos está o de jamais se afagar os cães.







**OS PROCESSOS DE «INDÚSTRIA»** são os mais primitivos entre aquela gente simples e quase bíblica. Vejam êste velhinho procurando furar um osso de baleia por meio de um trépano engenhoso, mas primitivo. O meio de as mulheres conduzirem os filhos pequeninos é o mesmo dos habitantes da China e outras nações do Oriente. Também o uso do tabaco está generalizado ali, graças ao contacto com os brancos. Vejam esta beldade do Alasca, a pitar o seu cachimbo, presente de um norte-americano amigo.




**ÊSTES DOIS** soldados suecos estão no Círculo Polar Ártico a 2611 quilômetros do Polo Norte, executando serviços de patrulha e reconhecimento nos limites em que começa o «Reino do Gelo».

# AS NOVIDADES DO POLO NORTE

patricios em exercicios tão árduos e dificeis. Entregam-se, então, a serviços de culinária, mais próprios de mãos femininas e temperam a "bóia" com tôda a arte doméstica em que são peritas.

É a presença de Eva em meio de tanto gêlo e de tanto frio, como que consegue aumentar um pouco o calor no coração dos rapazes que estão sob 40 graus abaixo de zero.

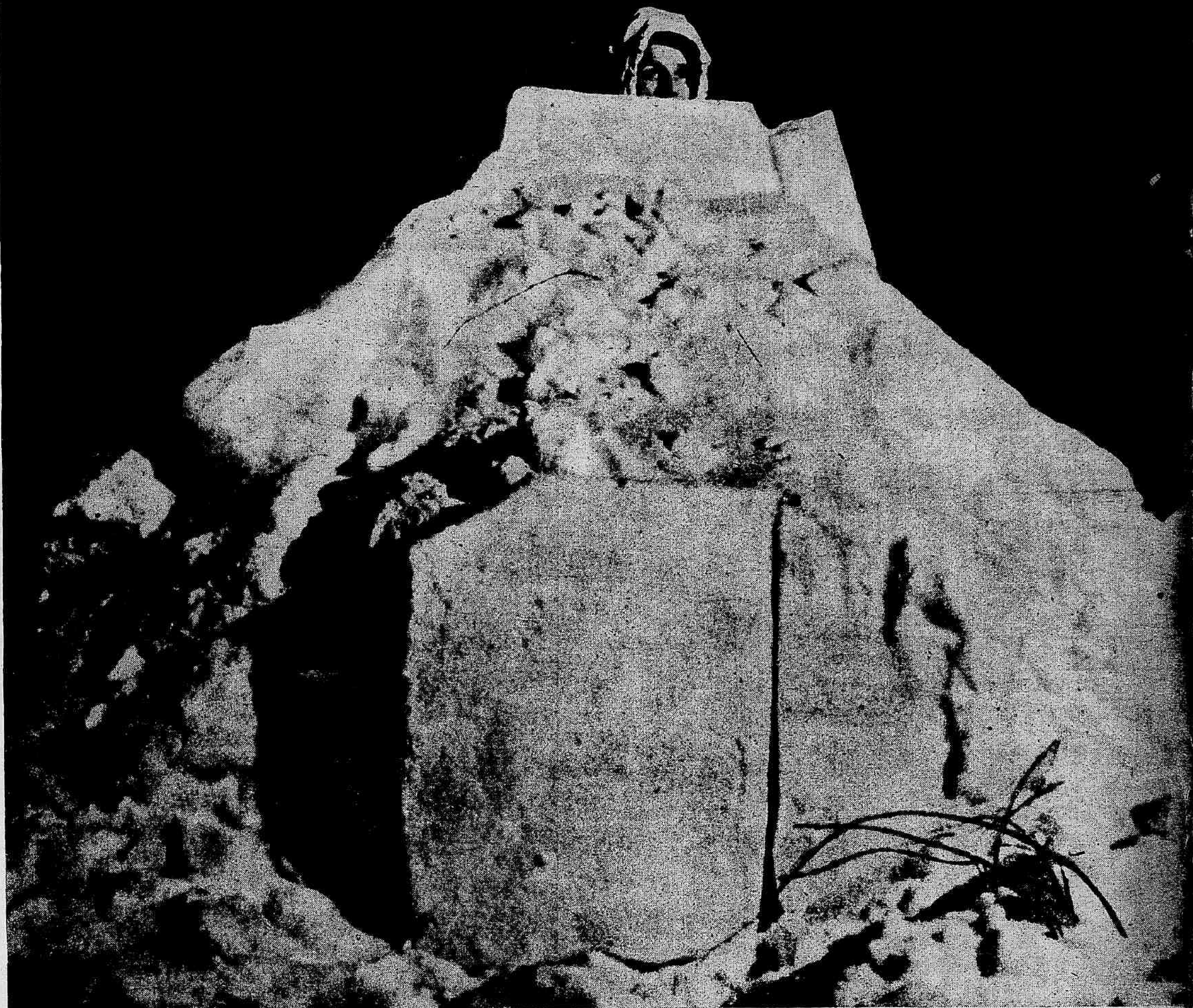




**A VIDA MILITAR** das suecas a serviço do Exército é bem árdua. Aqui vemos duas voluntárias da «Lotta Svard» (movimento feminino) entregue à preparação do «rancho» da tropa que serve naquele deserto de gelo. Na outra foto, um soldado refugiado num «iglu», acende uma vela de espermacete, cuja chama espalha tênue luz na imensidão dos gelos eternos. ..s tropas que estão naquela região frígida da Suécia, são preparadas através de manobras militares destinadas, exclusivamente, à zona do Polo Ártico.



**A TÉCNICA DA GUERRA** no Círculo Polar Ártico obedece a regras especiais, de acôrdo com o ambiente natural em que agem os soldados. Os movimentos das tropas que precisam ficar absolutamente treinadas para os momentos oportunos, são coordenados por oficiais de grande experiência. Aqui vemos uma companhia de esquiadores ligados entre si e armados com fuzis, precedidos por um ligeiro carro de assalto fabricado especialmente para aquêle ambiente. Fazem o serviço militar, homens de 18 a 40 anos.



**UM SOLDADO DE GUARDA** em um «iglu», na guarita feita de blocos de gêlo em poucos minutos. E' um refúgio mimético pois dissimula o seu ocupante em face do meio embiente dificultando sua descoberta por parte do inimigo. A temperatura é «apenas» de quarenta gráus abaixo de zero. Os soldados suécos estão dotados de armamentos moderníssimo e perfeito. Jovens de 18 anos e homens de 48, podem fazer o serviço militar que tem uma duração mínima de nove meses, sob preparação intensa nos vários setores.





**O COMANDANTE DE UMA COMPANHIA** distribue as ordens aos seus soldados para uma ação de surprêsa, à noite, contra suposto inimigo. Instantes depois calçava a tropa os seus esquis e chegaram silenciosamente ao local indicado. Todos os soldados são esquiadores experimentados e tanto os calçados como a roupa são feitos de material impermeável, tudo muito branco, de acôrdo com a técnica do mimetismo na guerra Na outra foto, um soldado atira com a «super-bazooka» contra avanço de tanques.

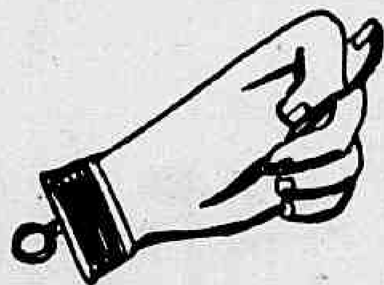
# Nem Cara...

## A EVOLUÇÃO DOS TALISMÃS

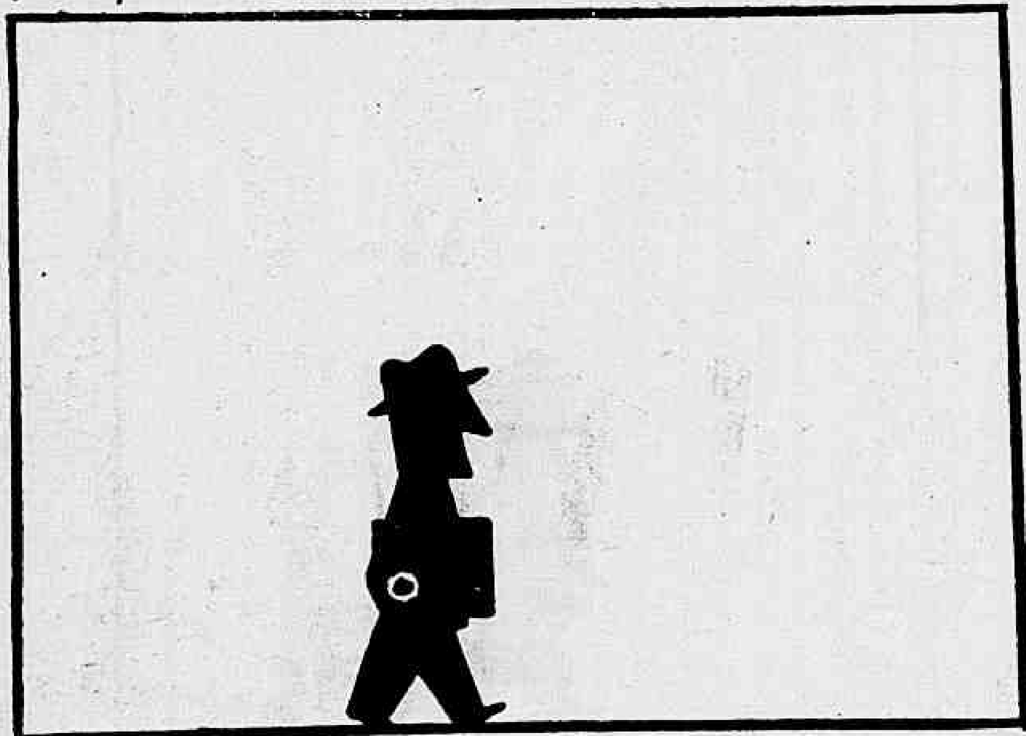
Nicolaus

A MAGIA BRANCA E OS TALISMÃS NASCERAM AO MESMO TEMPO. O SIMPLES COLAR DE DENTES DE URSO, DO HOMEM PRIMITIVO, QUE TRARIA SORTE NAS CAÇADAS DEU ORIGEM AOS FALOS, AOS FETICHES QUE AS HETERAS DA INDIA, AS BELAS CORTEZÃS DE ATENAS, CORINTO E ROMA TRAZIAM SUSPENSOS AO PESCOÇO E QUE LHES DAVA SORTE NO AMÔR...

COM OS CRUZADOS, VIERAM DO ORIENTE MISTERIOSAS FORMULAS QUE COMBINADAS ÀS VELHAS TRADIÇÕES LATINAS, CONSTITUIRAM TALISMÃS ONDE SE MISTURAVAM O MISTICISMO CRISTÃO, O PODER DOS DEUSES DO OLIMPO, DOS ARCANJOS, DEMÔNIOS E GENIOS ARABES. O TREVO DE QUATRO FOLHAS, AS SAFIRAS, OS BRACELETES, OS BALANGANDANS, OS ANEIS, OS BREBES, A FIGA, INDIFERENTES AO TEMPO, SUBSISTIRAM...



PRETO NO BRANCO



MEIA CONFECÇÃO

A SAUDE DO BEBÉ

# HÁBITOS E DISCIPLINA DA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

COM a disciplina de hábitos, deve ministrar-se cedo à criança o espirito de obediência. Questão delicada, sem dúvida, porque, de um lado não há deixar fazer tudo à criança, mas, de outro, é preciso também não tiranizá-la ao ponto de destruir-lhe os próprios germes da personalidade em desenvolvimento.

O ambiente familial é fator precipuo na formação da criança a tais respeitos.

Czerny chama especial atenção sôbre o excesso de concessões ao petiz na idade dos primeiros meses, máxime nos primogênitos ou nos filhos que vieram após muitos anos de intervalo de um para o outro.

Como que lhes procuram advinhar as menores vontades, diz êle.

Em conseqüência disso, no segundo ou terceiro ano, já dominam tais crianças, em casa, como tiranos. Anarquisa-se com o regime alimentar. A criança come quando quer o do que quer, ou só do que quer.

Como se sabe, as variações do regime alimentar obedecem a certos principios visando satisfazer as necessidades da criança com a idade. A "qualidade" do alimento tem de ser atendida e mudá-lo periòdicamente é um imperativo ditado pelas condições de desenvolvimento da criança.

"A maioria das crianças — escreve o grande pediatra — repele, a principio, alimentos a que não está habituada. Lograr-se-á, porém, vencer tais dificuldades com persistência e esperando até que se manifeste necessidade real de alimento. Isso não pode ser conseguido sem certo desconforto."

Como justamente falta o ânimo firme de vencer as resistências opostas pelo petiz, conseqüentemente permanece a criança com a alimentação primitiva, mesmo quando se patenteiam em seu desenvolvimento fisico os maus resultados de tal inconveniência.

Assim é que costumamos ouvir falar de crianças que até 3 ou 4 anos só aceitam leite, e de outras que, já no segundo ano de idade, não querem largar o seio materno. Sob as mesmas regras educativas, outras há que apresentam variadas dificuldades relacionadas com a alimentação. Basta que a criança deseje um alimento que casualmente vê e isso será motivo para que o possua. Se mais lhe agrada a novidade do que o alimento que lhe convém, recusa êste último formalmente."

Na verdade, a experiência tem aprovado os bons resultados, sempre que se retira a criança dêsse ambiente impróprio onde vive; então ver-se-á, em breve prazo, a criança corrigir-se de defeitos educacionais e sujeitar-se às boas normas, vencidas as naturais resistências da primeira hora.

O excesso de transigências e mimos com a criança conduz em muitos casos às próprias crises neuróticas de tipo vário, em cuja base está como fator desencadeante a *cólera da criança*, em se vendo contrariada: crises de desmaio e perda da consciência, com parada da respiração, etc., de desmaio e perda da consciência; parada dos movimentos respiratórios, convulsões, etc.

Naturalmente varia de uma para outra criança seu grau de receptividade às normas educacionais, no seu sentido mais amplo.

Porém uma coisa é indispensável: é que elas existam no sentido de formação dos hábitos e discernimento *do que é ou não é permitido*.

Proibir *hoje* e ceder *amanhã* — jamais. A conduta tem de ser uniforme, para produzir todos os seus efeitos desejados.

O problema correcional em face da desobediência da criança é muito debatido quanto aos meios a empregar.

Mas é sempre pelo *pedido* ou o *desejo contrariado*, que se há impor à criança os meios disciplinares, como norma de conduta. Quando, no meio doméstico, nada se obtém por tais processos, vale a pena a mudança da criança para a direção de estranho, pois muitas e muitas vêzes se verificará uma adaptação satisfatória ao seu novo habitat.

E tanto melhor quanto mais cedo, e menos traga em si os germes da indisciplina e desobediência.


A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BÉL-HORMON**

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....................

RUA .................... Nº ....

CIDADE .......... ESTADO ..........

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00







VEJA PAGINA 32

# A INTELIGÊNCIA OU A BELEZA?

(CONCLUSÃO)

O Poeta, vendo aproximar-se o dia da festa, e só ouvindo falar em fantasia da bela Isabel, perguntou um dia à outra sua filha: — Maria, e você não vai ao baile? Onde está a sua fantasia?

Muito meiga, Maria respondeu:

— Eu não vou ao baile; vou ficar com o senhor!

O Poeta compadeceu-se... Aquilo não podia continuar assim: a sua filha Maria estava sendo sacrificada; não estava tendo mocidade!!

E' que Maria, se não tinha sido, como a irmã, dotada de beleza física, em compensação, recebera o dom de uma grande inteligência e de uma profunda bondade. Dedicada e extremosa, passava os dias fazendo companhia ao pai que era cego; tomava constantemente nota dos versos que o pai lhe ia recitando; e, graças à sua colaboração, as poesias do apreciado vate podiam ser publicadas e os moradores da Cidade e do País podiam deliciar-se com as rimas delicadas daquela alma brasileira e inspirada.

Maria pouco saía, passava os dias entre as quatro paredes do escritório do pai. Mesmo agora, com o bulício em tôrno da fantasia da irmã, ela se conservava alheia a todo aquêle entusiasmo. Preferia mesmo ficar em casa ouvindo e escrevendo versos — mesmo na hora da festa.

— Mas, isso não pode ser! — repetiu o pai, ruminando uma idéia impertinente...

Meio indignado contra os zelos excessivos da espôsa com os preparativos da fantasia de Isabel e o descaso pela outra filha, a dedicada Maria, tomou êle uma resolução: mandou a filha chamar a tia.

Combinou, então, com d. Matilde todo um mistério... E depois pediu à irmã completo sigilo. E que só voltasse depois que Isabel tivesse saído para o baile!

D. Matilde partiu, prometendo tudo fazer para a maior satisfação do seu irmão.

Iluminado, então, por uma profunda convicção, o Poeta disse à filha: — "E nós havemos de ver o que vence: se a Inteligência ou a Beleza!".

★

Desde então, pai e filha, horas seguidas, dias seguidos, se enfiaram no escritório a organizar quadrinhas, a compor tercetos e oitilhas...

Maria decorava todos êsses rimários: uns humorísticos; elogiativos outros; irônicos alguns... Havia-os para todos os convidados: o Poeta não tinha dificuldade; conhecia todos os defeitos e qualidades dos que iam à festa. Felizmente, Maria já possuía a cadência nos ouvidos e podia decorar aquêles versos todos com a maior facilidade.

As horas passavam velozes. Maria decorava, decorava... Ninguém desconfiava de nada: já não estava a filha do Poeta habituada a ficar a maior parte das horas no escritório?!

Aos poucos, Maria se foi entusiasmando pela idéia daquele interessante certame, promovido pelo pai. Ela também queria ver o resultado, e já ansiava pelo dia do baile.

★

Por fim, alvoreceu o dia da festa. A cidade inteira suspirou de alívio, e respirou risonha e feliz.

Um céu azul, com um sol a brilhar, augurava o maior êxito para o baile.

Os sonhos, as ilusões, as esperanças se avolumavam, se concretizavam, se alvoroçavam dentro do peito dos jovens e das jovens convidadas... Romances entrevistos, namoros ansiados, casamentos em vista!... Como se sentia feliz tôda aquela mocidade na alviçareira expectativa de triunfo e de sonhos realizados!

À noite, também, a hora ansiada não tardou a chegar. As estrêlas faiscaram mais alegres, mais chamativas do que nunca!...

★

Junto ao portão da casa do Poeta, desde cedo, lá estava a carruagem à espera... Era uma "vitória" bem digna daquele acontecimento: brilhante, recém-pintada de prêto, era tôda forrada de "drap grenat". Puxava-a uma parelha de pêlo lusidio, muito bem tratada e a ostentar arreios novos. O cocheiro, de dolman impecável, orgulhava-se de servir àquele acontecimento.

Pouco depois das dez horas, sob os auspícios da criadagem, reunida na soleira da porta e ávida do êxito da linda filha Isabel, deslizou a "vitória", deixando um rastro de poeira alvoroçada...

★

Ao chegar a carruagem à residência do casal Souza, a casa se apresentava feérica — iluminada de ponta a ponta! O jardim, também iluminado, concorria para reproduzir um cenário das Mil e Uma Noites.

No salão principal, as danças iam animadas. A orquestra tocava uma valsa...

Os anfitriões, ao verem chegar a filha do Poeta-Amigo, em companhia da sua genitora, logo se adiantaram a recebê-las. O sr. Souza sentia-se orgulhoso em receber a linda Isabel tão ricamente trajada. Era mesmo uma Rainha! — A Rainha da sua festa!! — pensou, e logo antegozou o prazer de apresentá-la aos demais convidados.

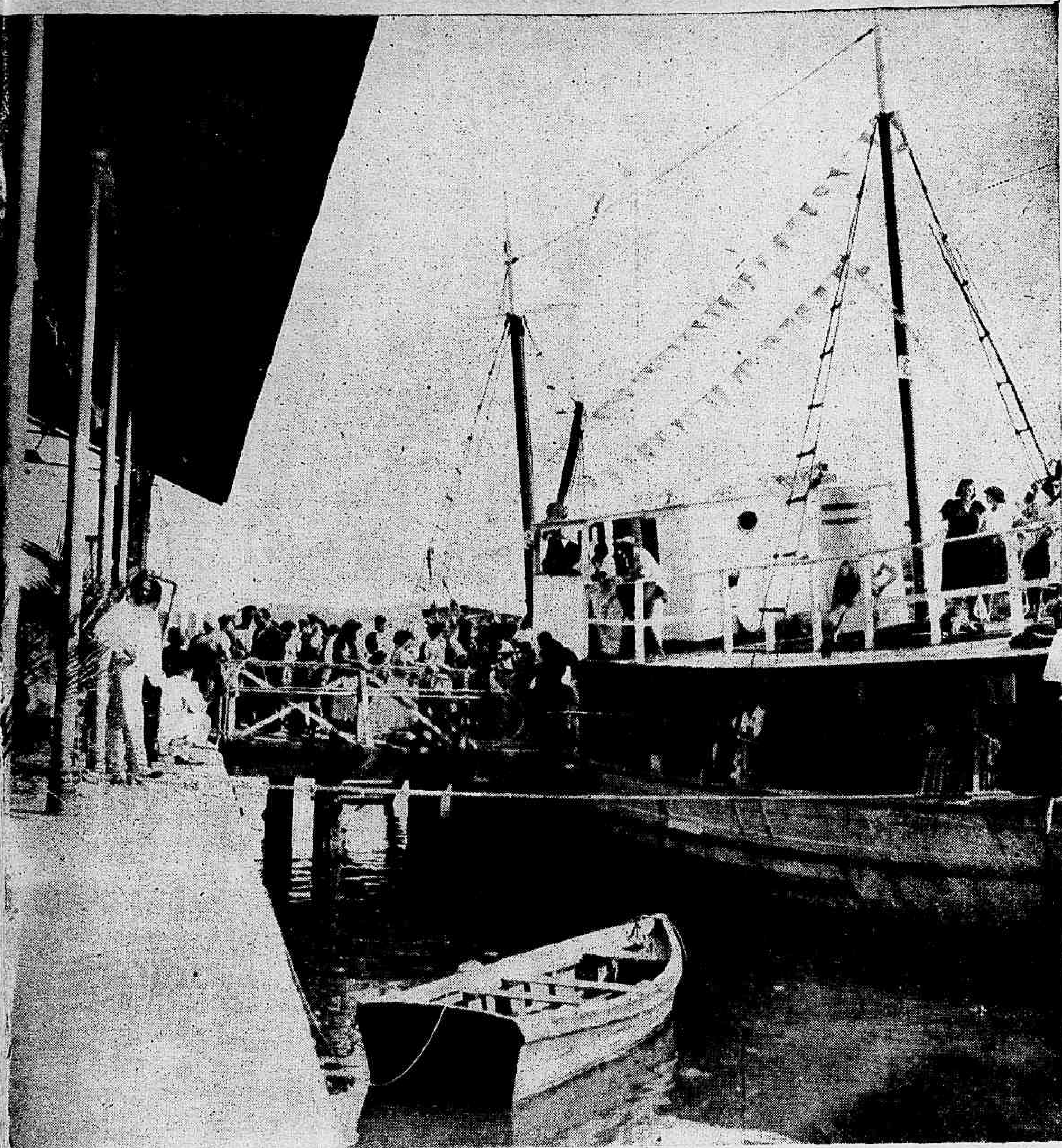
De fato, quando Isabel penetrou no salão, correu um sussurro de admiração. Linda — sempre fôra! mas como naquela noite, não há memória. Não é possível descrever o deslumbramento que causou: muitos pares pararam de dançar — uns rapazes desejando solicitar-lhe uma contradança; outros preocupando-se em deixar espaço para melhor poderem apreciá-la dançando... Não era ela a mais bela da cidade e a mais linda da festa? E, além disso, não estava trajada com a mais rica fantasia? Não tinha rival naquela seleta assistência, repleta de fantasias luxuosas e de moças bonitas. Isabel concretizava um triunfo!

Bem que d. Margarida, a senhora do Poeta, tinha o êxito da filha como certo.

(Cont. na pág. 43)

NOVELA DE **ROSA BARRETO** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ORVAL**





COM AS MESMAS características da Festa de Nossa Senhora de Nazaré que se realiza, todos os anos, em Belém do Pará, a direção da Ilha das Flores vem promovendo há muito a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que êste ano contou com o apoio do Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho. Na foto um aspecto do embarque no cáis Pharoux.

# A Festa de N. S. dos Navegantes

REVESTIRAM-SE DE EXCEPCIONAL BRILHANTISMO OS FESTEJOS ÊSTE ANO ★ LEMBRANDO NOSSA SENHORA DE NAZARÉ, EM BELÉM DO PARÁ ★ PROCISSÃO MARÍTIMA COMPOSTA DE 15 EMBARCAÇÕES ★ A IRONIA DO NOME; UMA ILHA QUE TEM DE TUDO . . . MENOS FLORES. ——

**Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES**

## NA ILHA DAS FLORES . . .



O SR. JOSÉ JOAQUIM DE SANTANA, patrão da barca «Rio Negro», olha atento o rumo que conduz à Ilha das Flores. A travessia é perigosa, pois há muitos recifes.

A festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que há muito vinha sendo promovida pela direção da Ilha das Flores, êste ano revestiu-se de excepcional brilhantismo, devido ao apoio e colaboração do Departamento Nacional de Imigração e Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho.

Num ambiente festivo e de sadio otimismo, foram realizados os festejos no dia 29 de abril próximo passado, obedecendo ao seguinte programa:

Alvorada — Salva de 21 tiros;

8,30 hs. — Missa celebrada pelo Rvmo. Bispo de Niterói;

9,30 hs. — Chocolate com biscoitos, oferecido aos marítimos e visitantes;

10,00 hs. — Procissão na baía de Guanabara com autoridades, várias representações marítimas, da imprensa e do cinema;

16,00 hs. — Kermesse com: *a*) música da Fôrça Policial do Distrito Federal; *b*) barraquinhas com prendas e comestíveis; *c*) hora de calouros; *d*) leilão americano;

20,00 hs. — Encerramento com fogos de artifícios.

★

Às 8 horas partiram do Cais Pharoux as duas primeiras barcas para a Ilha. Numa delas ia a banda de música anunciada. Quando a embarcação singrava as águas os músicos puseram-se a tocar lindos e patrióticos dobrados. Por sua vez os conjuntos regionais, sanfonistas e cantores improvisados alegravam também o ambiente da outra barca. Assim viajávamos quando, decorridos trinta minutos, divisamos a primeira ilha. Alguém exclamou: "Estamos chegando!"... — "Ainda não, — disse o sr. João Fernandes, mecânico da Electrolux. — Esta é a ilha Mocanguê" — e apontando mais adiante, esclareceu: "Aquela lá longe é a Ilha do Viana; ao seu lado está a da Conceição; são ilhas de atracação proibida. Lá estão os grandes depósitos de material bélico da Marinha de Guerra".




DEPOIS DA CELEBRAÇAO DA MISSA CAMPAL por D. João da Matta, bispo de Niterói, teve lugar a procissão marítima. O andor foi conduzido em barco especial.



A PROCISSÃO foi composta de 15 embarcações; sendo 4 grandes, 6 médias e 4 pequenas. Tôdas enfeitadas de bandeirolas e cheias de gente.



A STA. TEREZINHA Fraga recebe das mãos do sr. Matheus Ferreira Coelho, funcionário do Min. do Trabalho, um doce. Também refeições foram servidas aos visitantes.



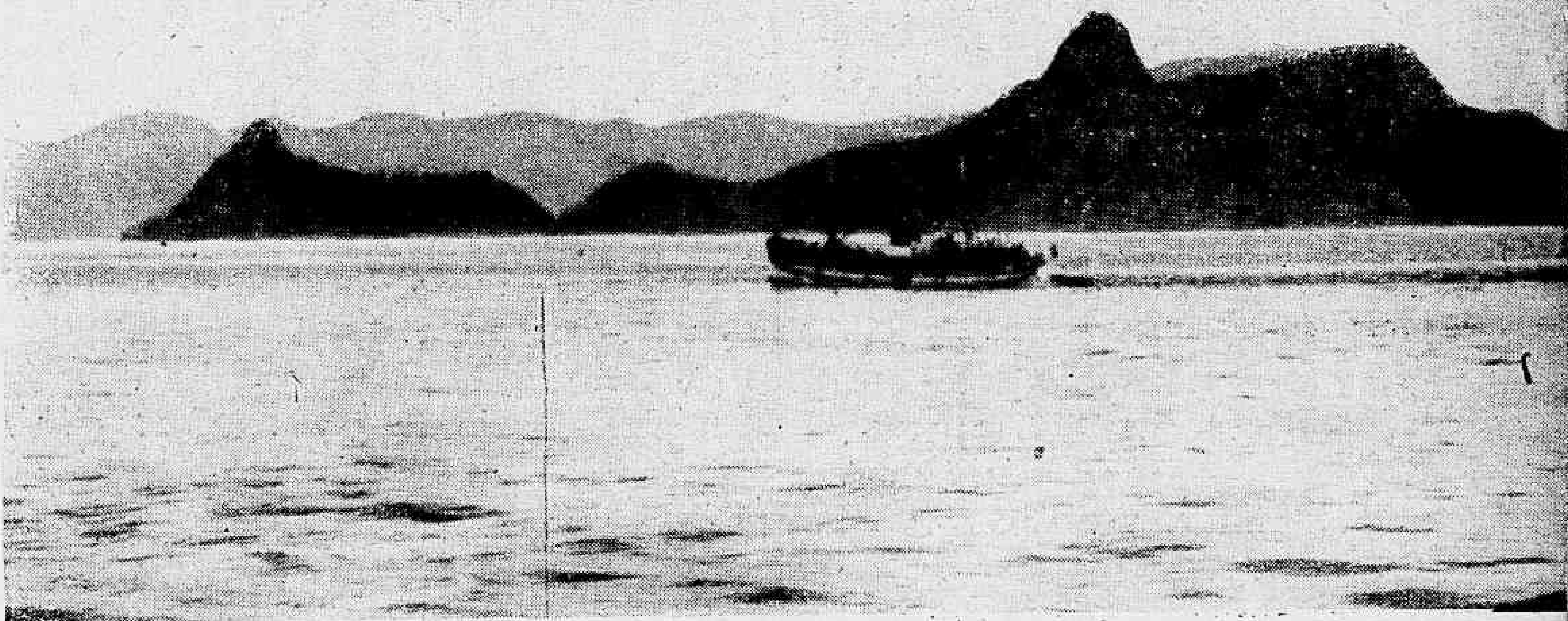
**UM FLAGRANTE** da festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A avó e o neto; a experiência e a inocência; ambos tomaram parte nos festejos.



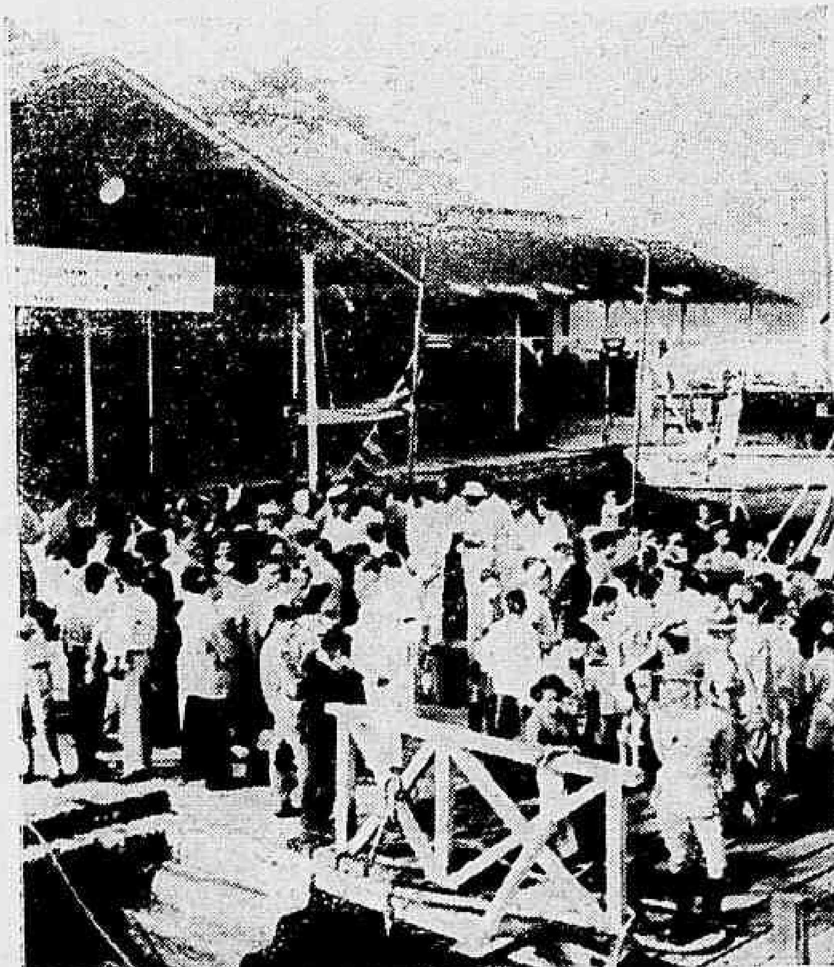
Efetivamente, próximo à Ilha da Conceição achavam-se três submarinos. Quinze minutos depois chegávamos à Ilha das Flores. Centenas de pessoas vindas do Estado do Rio, principalmente de Niterói, já aguardavam a nossa chegada. Também o Revmo. D. João da Matta, bispo de Niterói, aguardava a chegada das primeiras embarcações do Rio a fim de celebrar a missa campal. Ao desembarcar o povo, em massa, encaminhou-se para o local onde se achava erguido o altar. Auxiliado pelo capelão da ilha e mais dois outros vigários, o senhor bispo oficiou o ato religioso. As moças — Filhas de Maria — e as religiosas da Ilha, que pertencem à Irmandade *Agustiniana Missionárias*, entoaram cânticos religiosos. Os fiéis fizeram côro. A banda de música executou dobrados sacros, enquanto os foguetes espoucavam no ar. Depois de dar a santa comunhão às Filhas de Maria, D. João da Matta fêz um belo sermão, exaltando as virtudes de Maria Santissima, acentuando que "a Virgem Maria é a *Rainha dos Marinheiros*; que, quando a tempestade ameaça o navio no meio do oceano, às vêzes, dentro da noite enorme, o marinheiro ergue os olhos para o céu e pede proteção à Maria Santissima". Esclarece ainda aos fiéis, dizendo: "Todos nós somos navegantes aqui na terra; portanto, levemos à Maria não sòmente flores naturais ,mas, também, as flores dos nossos corações. E seremos bem guiados, pois Ela é o roteiro da Eternidade... o século das vitórias. E, como disse o Papa Pio XII, nós nos encontramos no século de Maria". Refere-se, finalmente, aos milagres de Nossa Senhora de Lourdes, de Fátima e da Glória, acentuando: "Tudo é milagre de Maria Santissima — a *Divina Operária*."

★

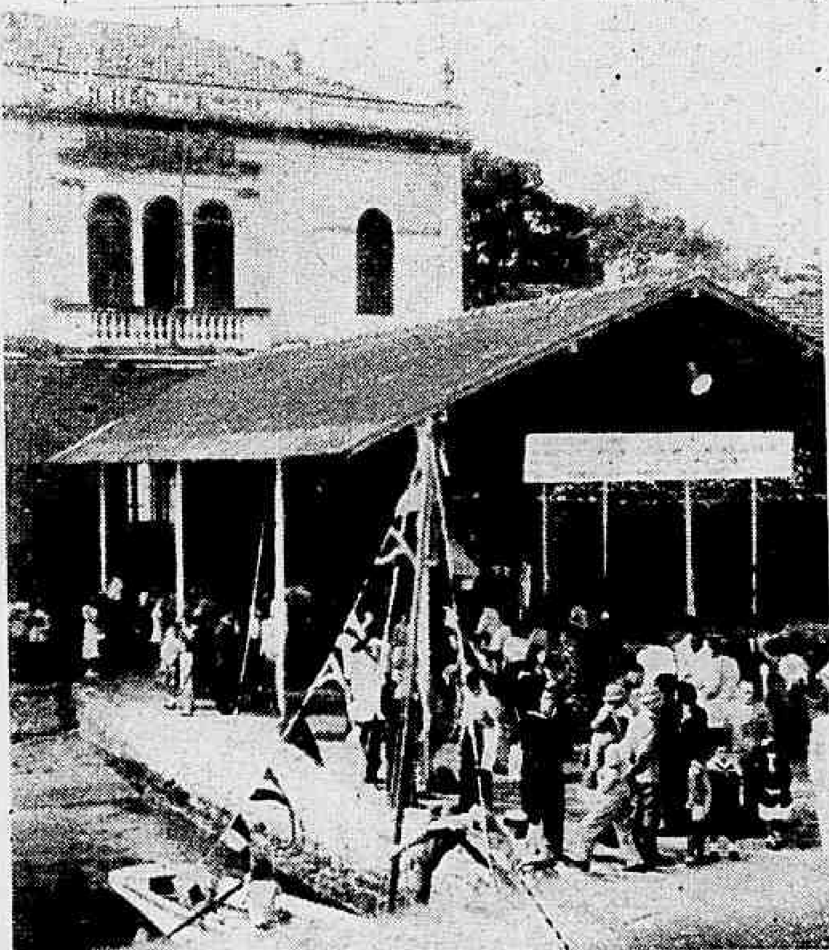
Terminada a missa é servida uma lauta mesa de doces aos convidados especiais e há farta distribuição de sanduiches e café a todos. Muitos, entretanto, dispensaram as guloseimas, pois foram prevenidos... Às 10,45, precisamente, teve início a procissão. O andor de Nossa Senhora dos Navegantes foi colocado numa embarcação, es-



**PARTINDO** da Ilha das Flores as 15 embarcações vieram até a enseada de Botafogo. Foguetes e bandas de música animavam a procissão; aviões sobrevoaram os barcos. Esta foto foi colhida exatamente quando um «Douglas» sobrevoava a barca que conduzia o andor de Nossa Senhora.



**GENTE DE TÔDAS** as camadas sociais compareceram à festa. E tudo correu dentro da maior ordem e harmonia. Êste é um flagrante do desembarque na Ilha das Flores.



**ANTES** mesmo que a barca «Rio Negro» atracasse colhemos esta foto onde se vê numeroso pessoal que nos esperavam assim como a fachada do pavilhão central de imigração.



**ANTES DA** procissão houve uma missa campal celebrada por D. João da Matta, bispo de Niterói: êsse ato religioso foi assistido por centenas de pessoas.

## NA ILHA DAS FLORES




**DÊSSE RECANTO pitoresco partiram 15 embarcações para a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. Afora os barcos maiores, muitos botes acompanharam o cortejo dando assim um aspecto singular à festa.**



pecialmente preparada para isso. Nesse barco iam o capelão e as religiosas.

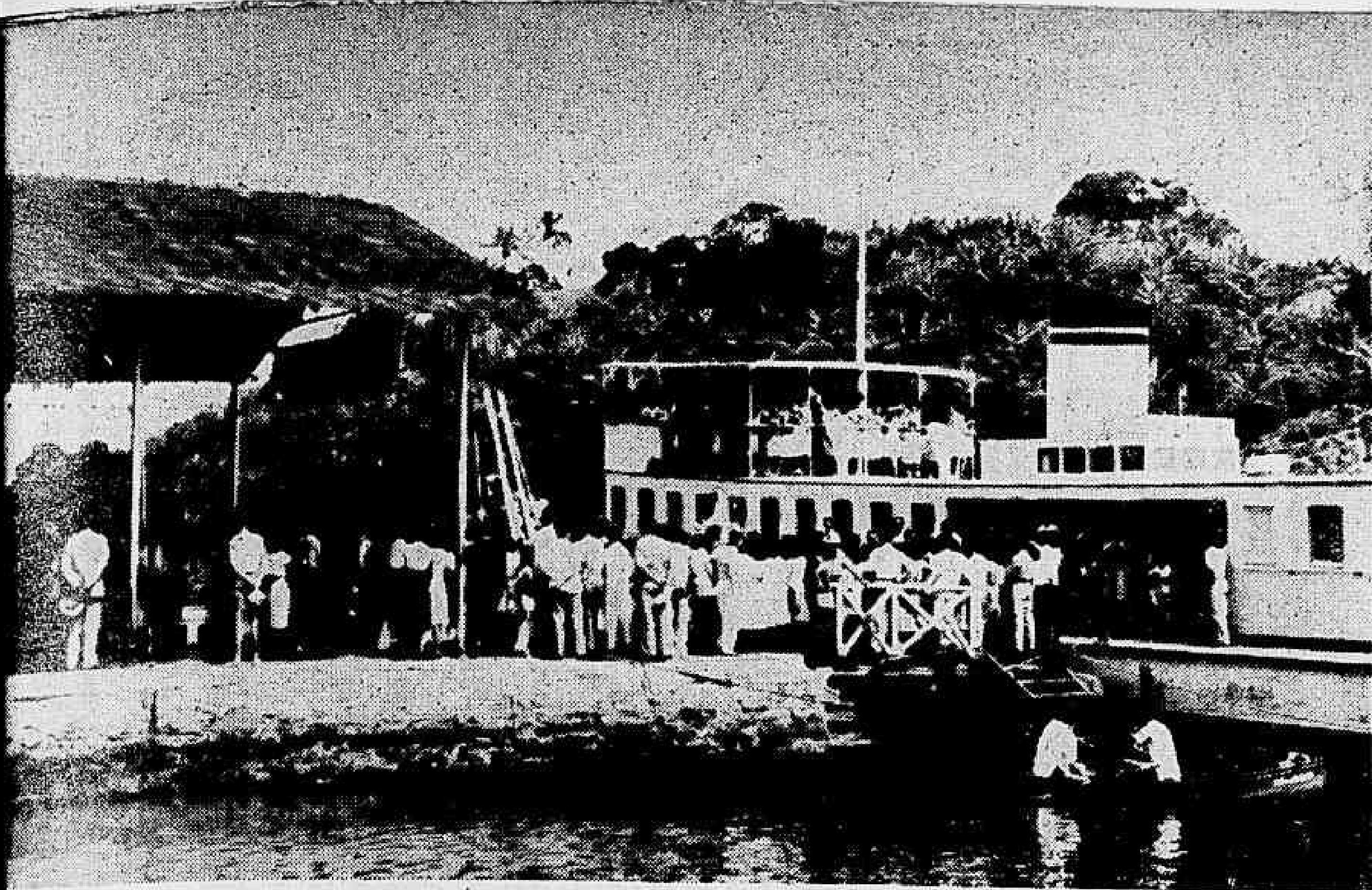
Outras 14 embarcações, sendo 4 grandes, 6 médias e 4 pequenas, tôdas enfeitadas e cheias de gente, seguiram o barco que conduzia o andor. Apenas num dos barcos apareceram *umas mulheres semi-nuas, vestindo tanguinhas de Bikini*. O barco que as conduzia, aliás, muito veloz, cruzou várias vêzes o barco em que ia a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. Foi um ato que repugnou a tôdas as famílias que acompanhavam aquela procissão marítima. Afora isso, tudo saiu magnífico. D. João da Matta acompanhou a procissão num barco especial. Deixamos de ir no barco do dr. Évio Santos Bustamonte, diretor da Ilha, por ser êste pequeno. Preferimos viajar na *"Rio Negro"*, que era a maior embarcação. Essa nossa preferência é justificada pela facilidade em fotografar. Tivemos sorte na escolha, pois encontramos como *patrão* da *"Rio Negro"* o sr. José Joaquim de Santana, competente marítimo. E, engraçado, ante o nosso desejo, o sr. Santana deixou de comandar para ser comandado, isto é, apenas manobrava o leme, mas quem dava o roteiro éramos nós outros. Assim, a nossa embarcação que era a segunda da fila, foi deixando que as demais passassem e acabou sendo a última. Com um sorriso nos lábios o velho lôbo-do-mar obedecia às ordens do repórter: "Agora encoste mais... dá um pouco mais de lado... vou fotografar — dizíamos nós. — Pronto. Passe bem junto daquela barca grande. Agora, manda para as máquinas; deixa êles seguirem até formar um colar"... Aviões sobrevoavam as embarcações. Um passou tão baixo que causou pânico a bordo. Um cardume de botos acompanhou o barco da santa durante muito tempo, disseram. Uma grande arraia veio à tona por duas vêzes junto à nossa nave. Lamentàvelmente, não conseguimos fazer o flagrante do seu segundo salto. E assim viemos da Ilha das Flores até a enseada de Botafogo.

Foi um expressivo espetáculo de fé católica.

Uma curiosidade interessante é que num ligeiro plebiscito que se fêz em nossa embarcação, verificou-se que 80% das mulheres que ali se achavam chamava-se Maria ou tinha êste primeiro nome. Isso faz lembrar-nos o que, certa vez, escreveu a folclorista Mariza Lira no "Correio da Manhã":

"A influência de Maria, mãe de Jesus, a Nossa Senhora, na formação brasileira, é inegável. Ela se faz

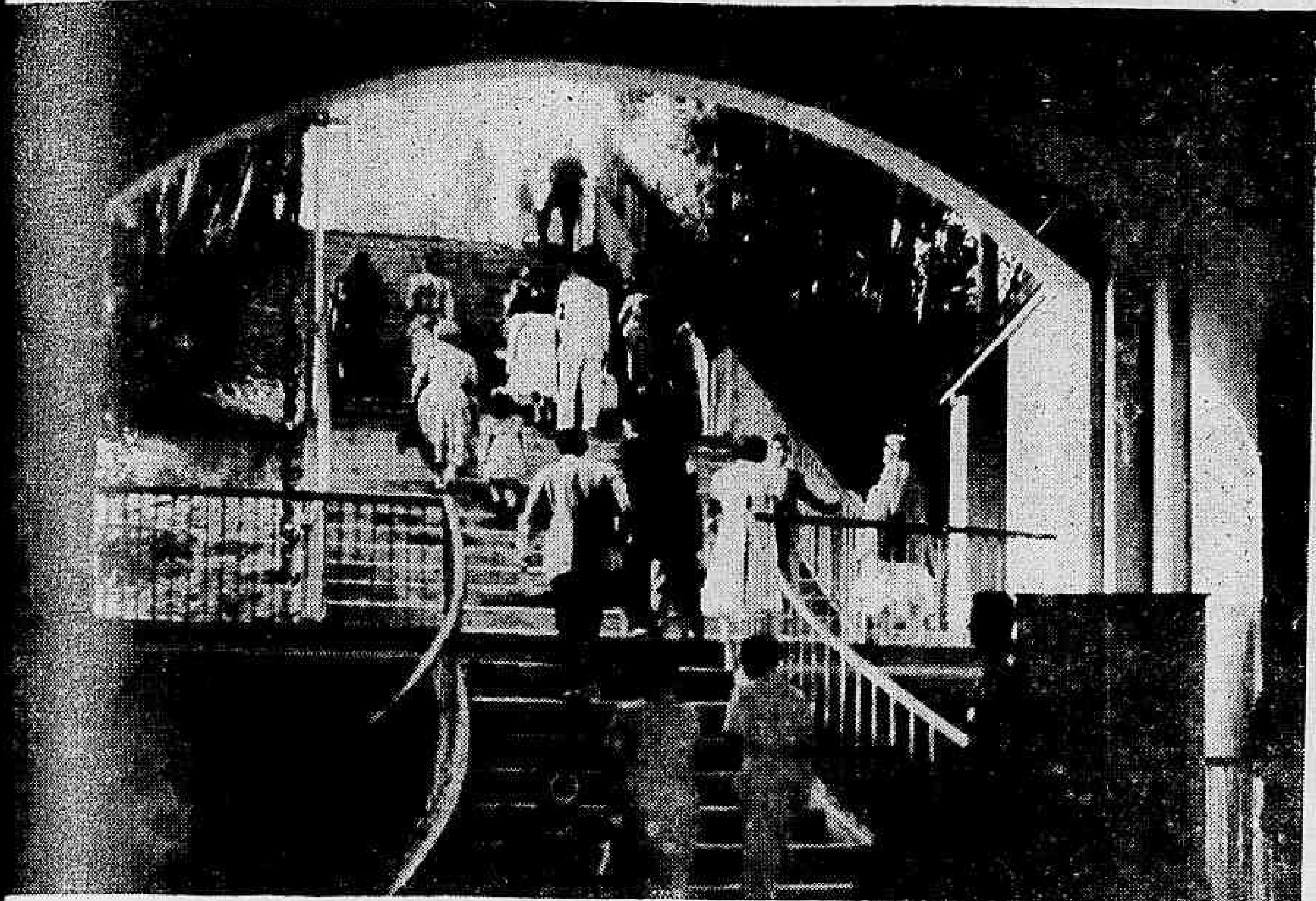
**A TARDE houve leilão americano, partidas de foot-ball e animado «show». A artista que está cantando foi grande animadora da festa.**



APÓS A MISSA o andor de Nossa Senhora foi conduzido para a barca que o transportou durante a procissão.



DA DIREITA para a esquerda a sra. Laura Simões Lopes, oficial do gabinete do Ministro do Trabalho; sra. dr. Martins de Almeida e suas filhas stas. Marilene e Sônia e a professôra Nilce Almeida.



ESCADA QUE conduz aos pavilhões de imigração da Ilha. Enquanto uns se divertem outros procuravam conhecer a Ilha.



DA ESQUERDA para a direita, stas. Maria Fraga, Terezinha Fraga, Abigail Gordilho Pôrto e Solânge Valois.

sentir desde a escolha do nome de Maria, que é uma imposição tradicional de fé. A própria trova afirma:

"A rosa para ser rosa
Tem que ser de Alexandria;
A mulher p'ra ser mulher
Tem que se chamar Maria."

E não só as mulheres recebem êsse nome simplesmente ou ligado a outros, como Maria Antônia, Maria Benedita, Maria Clara e uma série imensa de muitos e muitos. Em Portugal tôdas as mulheres católicas têm o primeiro nome de Maria. E' que, quando há omissões, as mulheres se ajoelham e o bispo dá a tôdas, num batismo singular, o nome de Maria. Para os homens não há apenas o nome de Mário, há também os compostos — José Maria, Júlio Maria e outros tantos. Desde o berço, a criança do Brasil, em muitas variantes, adormece embalada por acalentos em louvor a Nossa Senhora.

A infância dos colégios nas "rodas" dos recreios tem especial predileção por uma cantiga que mais não é que um lindo fragmento de uma canção natalina, de origem portuguêsa, na qual Nossa Senhora surge numa linda marinha de pura visão celestial:

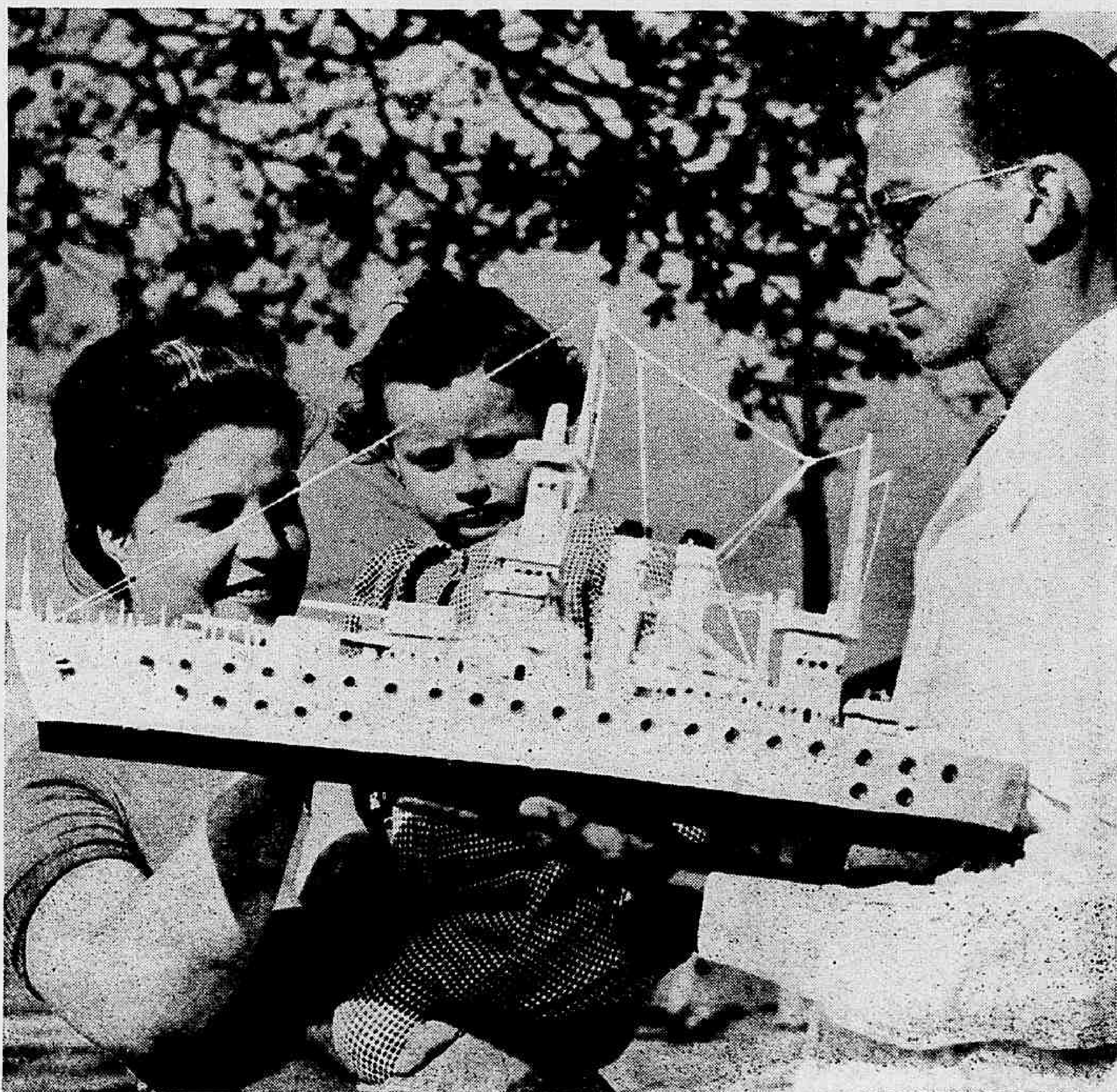
"Vamos, marinha, vamos
A praia passear,
Ver a lancha nova
Que do céu caiu ao mar.

Nossa senhora vem dentro,
Os anjinhos a remar;
Rema, remador,
Que essas águas são de flor."

O batizado, a primeira comunhão e mais tarde o casamento têm uma data preferida — o dia de Nossa Senhora.

O povo, cheio de fé, pretende, na sua ingênua fantasia, justificar tôda a grandeza de Maria, cria em tôrno de Nossa Senhora lendas de um encanto místico e tocante, que enlevam e confortam. Conta então que, "quando Jesus tinha apenas dez anos, certa vez foi ao Templo, onde se deixou ficar a discutir com os doutôres. Não o vendo regressar, Nossa Senhora procurou-o por tôda a

(Cont. na pág. 11)



O SR. FLORIVAL Nascimento enfermeiro da Ilha, quando mostrava a Ana Maria, filhinha de D. Joselinda Santos, a sua obra prima.

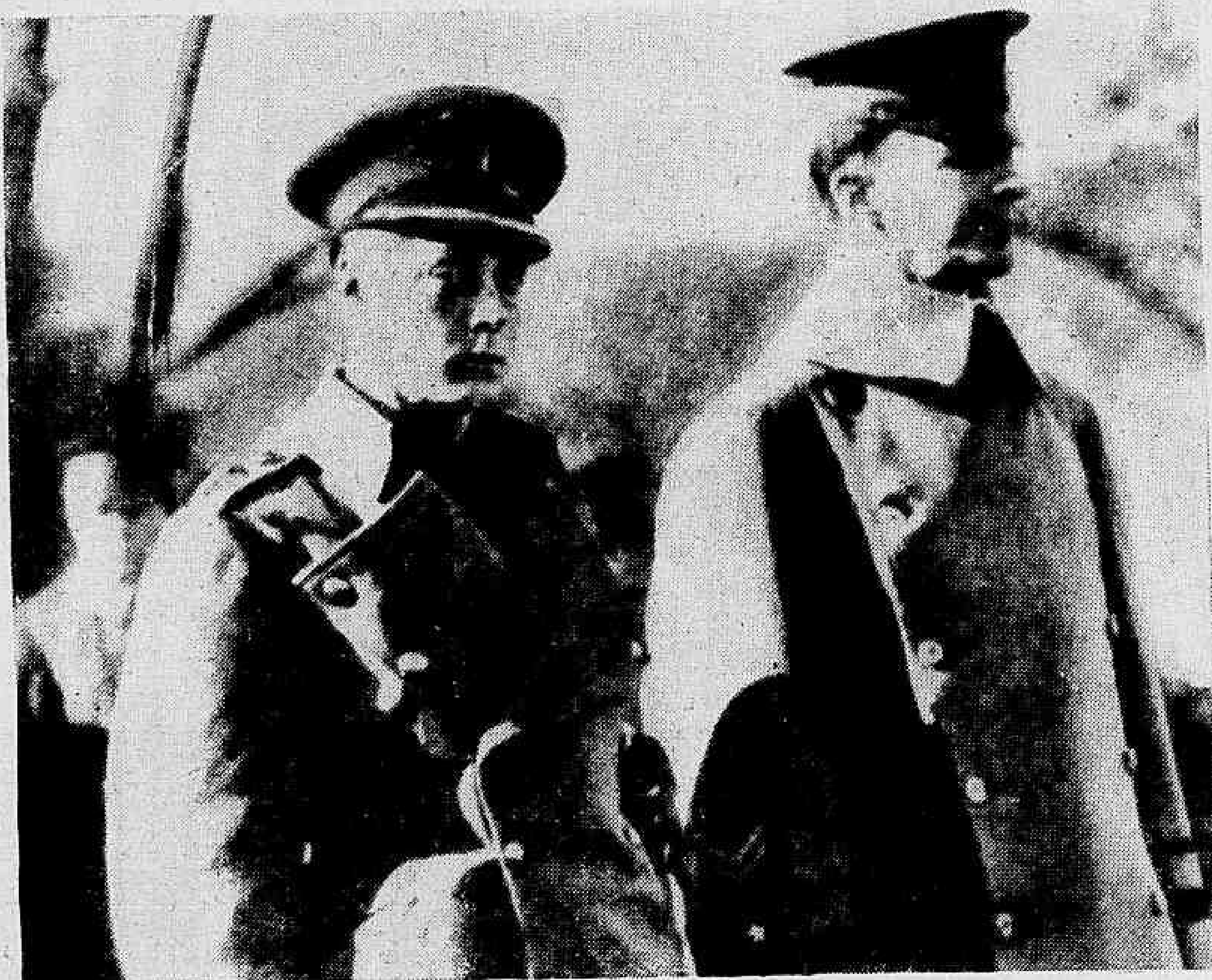
# GENERAL MacARTHUR

## O MAIS DISCUTIDO MILITAR DA ATUALIDADE

O famoso general Douglas MacArthur, que comandava as fôrças dos Estados Unidos nas Filipinas quando o Japão atacou traiçoeiramente as bases norte-americanas do Pacífico, entrando na guerra do Eixo contra as potências aliadas, nunca pensou que o seu nome voltasse à tona das mais intensas discussões político-militares, após sua volta do refúgio da Austrália, para vingar Bataan. Mas a vida de um militar é cheia de imprevistos enquanto está êle com a espada na mão, e o General MacArthur jamais embainhou a sua, enquanto estêve na direção militar dos Estados Unidos em terras e águas do Oriente. Rebentando a guerra na Coréia, coube-lhe a mais árdua tarefa que se pode imaginar entre dois fogos: um, o militar; o outro, o político. Entregue à democratização do Japão, sofrendo tremenda campanha comunista no país sob sua guarda, MacArthur se viu, de súbito, envolvido no conflito coreano, e, em seguida, arrastado a tremendas responsabilidades com a China Vermelha. Não podendo vencer a guerra sem atacar, ao menos pelos ares, as bases da Mandchúria, de onde começavam a vir recursos em homens, armas e munições para os norte-coreanos, advogou êste plano: bombardeio em guerra limitada, aos pontos de abastecimento da China comunista. O Departamento de Estado, com sede em Washington, não concordou. Daí a precipitação da crise. MacArthur foi destituído do comando geral das fôrças da ONU e dos Estados Unidos no Oriente, e volta aos Estados Unidos, depois de uma ausência de 14 anos, sendo recebido com as mais triunfais solidariedades que um povo já ofereceu a um soldado. Nestas páginas, várias etapas da vida do grande cabo de guerra.



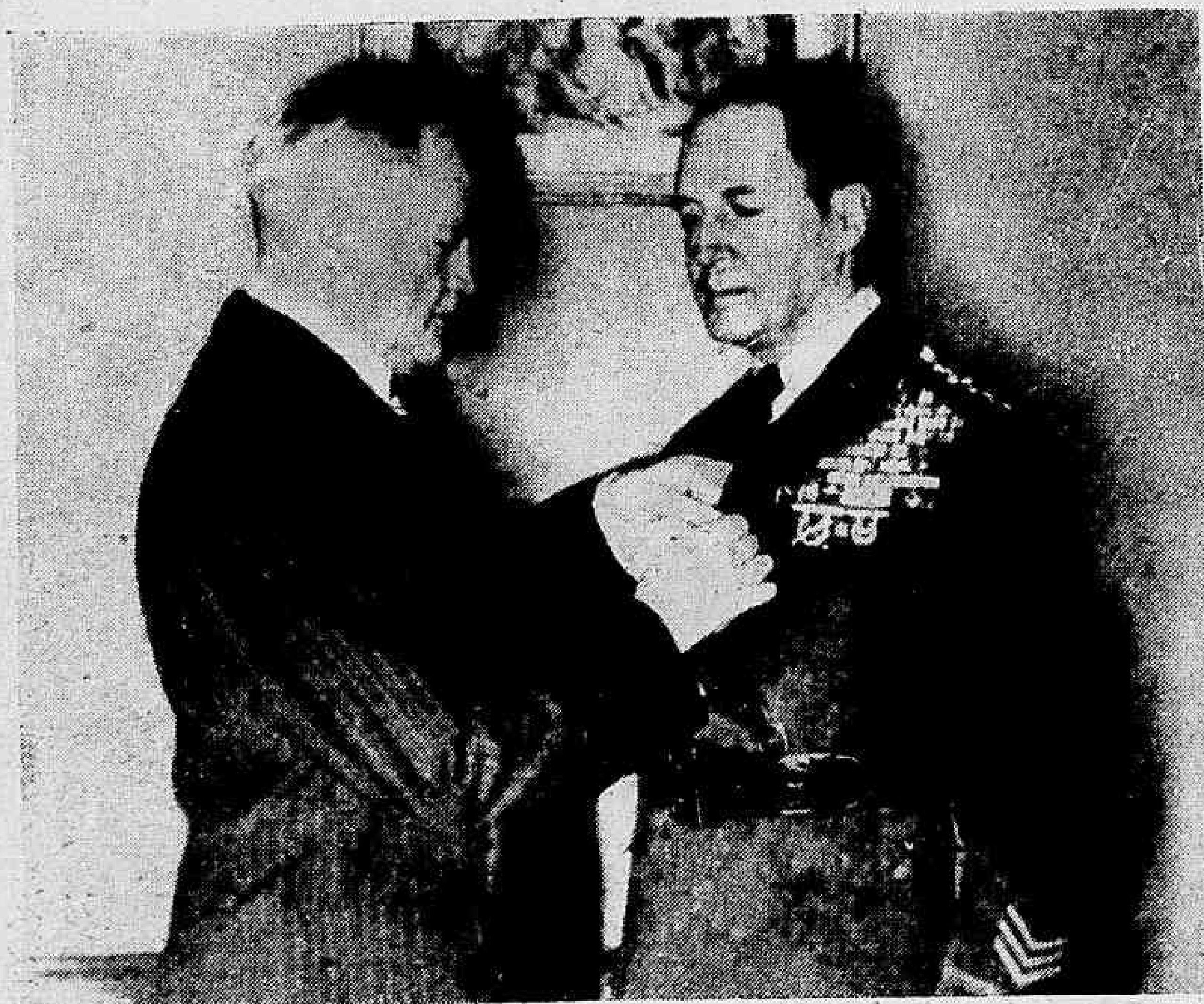
A carreira militar de MacArthur começou em 1903, aos 23 anos de idade, quando entrou para a Academia de West Point, entre os muitos candidatos da classe daquele ano. Herdou de seu pai a inclinação para a farda, pois o velho MacArthur fôra um bravo militar.



MacArthur, em 1919, quando fôra nomeado Superintendente da Academia Militar de West Point, acompanhando o então Príncipe de Galles, mais tarde Rei Eduardo VII, quando o filho de Jorge V visitava os EE.UU. Tinha Douglas MacArthur, naquela época, 39 anos.



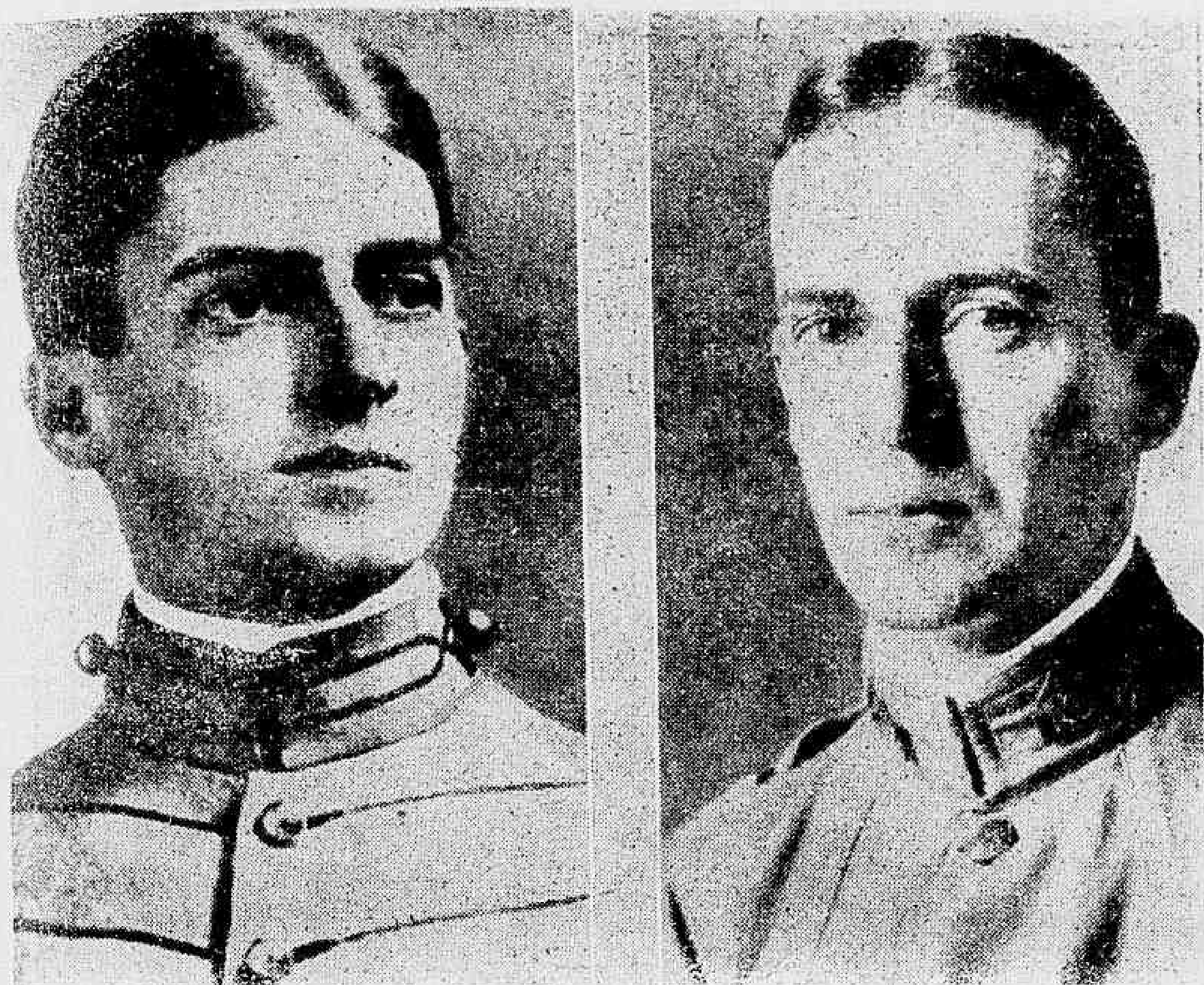
MacArthur, considerado um dos mais elegantes e bem postos oficiais do Exército Norte-Americano, é promovido em 1930 ao elevado pôsto de Chefe do Estado Maior do Exército dos Estados Unidos, cargo que ocupou até 1935, quando coordenou tropas de terra e do ar.



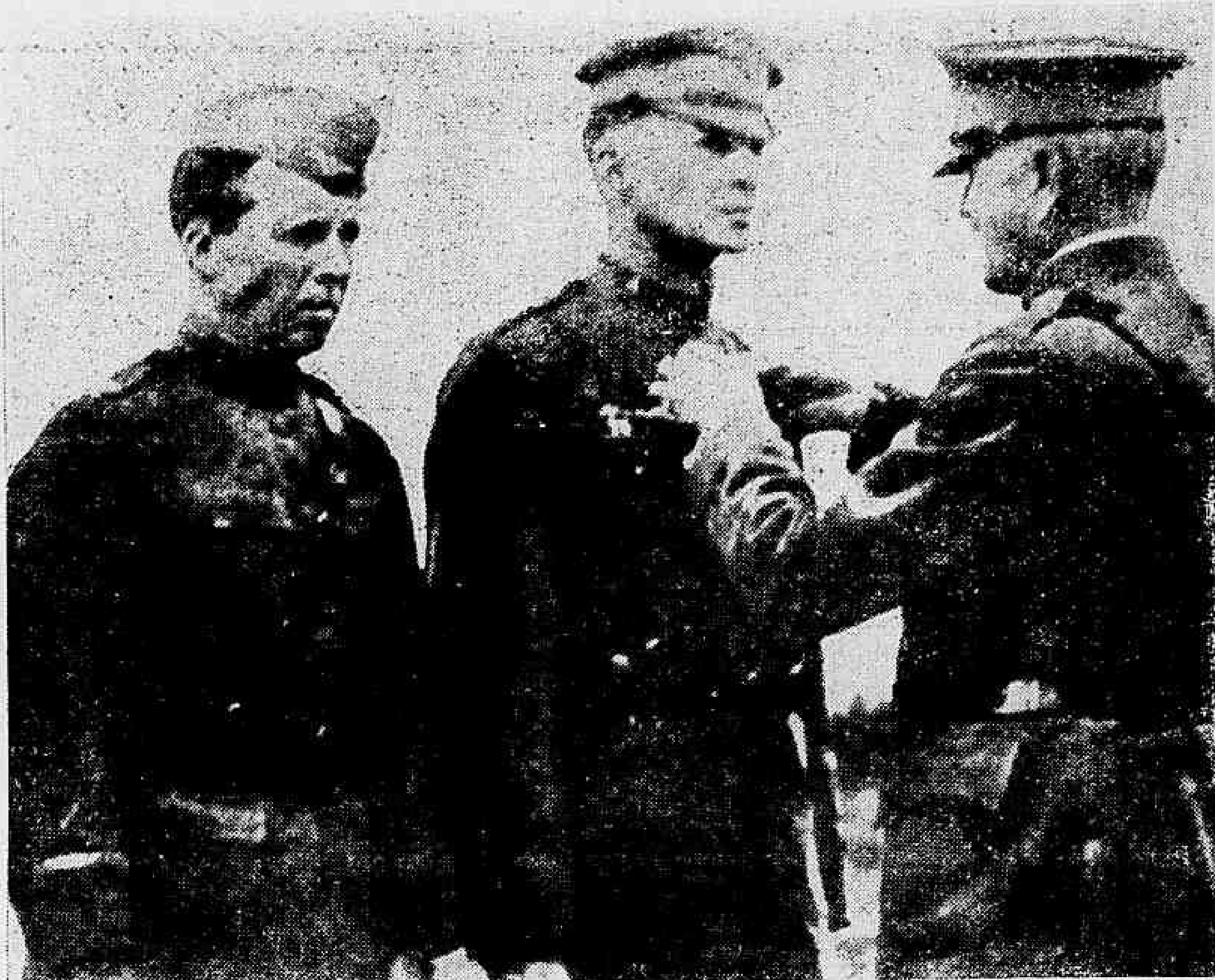
Poucos homens das armas norte-americanas têm sido tão condecorados como o General MacArthur. Aqui o vemos a receber no peito mais uma condecoração por feitos militares, com a grande honra de recebê-la das mãos de Pershing, o herói norte-americano de 1918



O único militar norte-americano que é «Field Marshal», MacArthur, exibe ao peito a grande estrêla simbólica que lhe foi outorgada pelo Presidente Quezon, das Filipinas, quando MacArthur, em 1935, tomou a seu cargo organizar as fôrças locais para a resistência



MacArthur envergando sua farda de cadete de West Point, onde sempre demonstrou disciplina e grande aproveitamento. Na outra foto, já em 1914, quando estava no pôsto de capitão do Exército Norte-Americano. Daí por diante suas promoções foram constantes.



Quando os Estados Unidos entraram na primeira Grande Guerra contra a Alemanha, MacArthur foi para os campos da Europa e, na qualidade de coronel, comandou as fôrças da famosa «Rainbow Division» em 1918. Nesta foto, recebe condecorações das mãos de Pershing



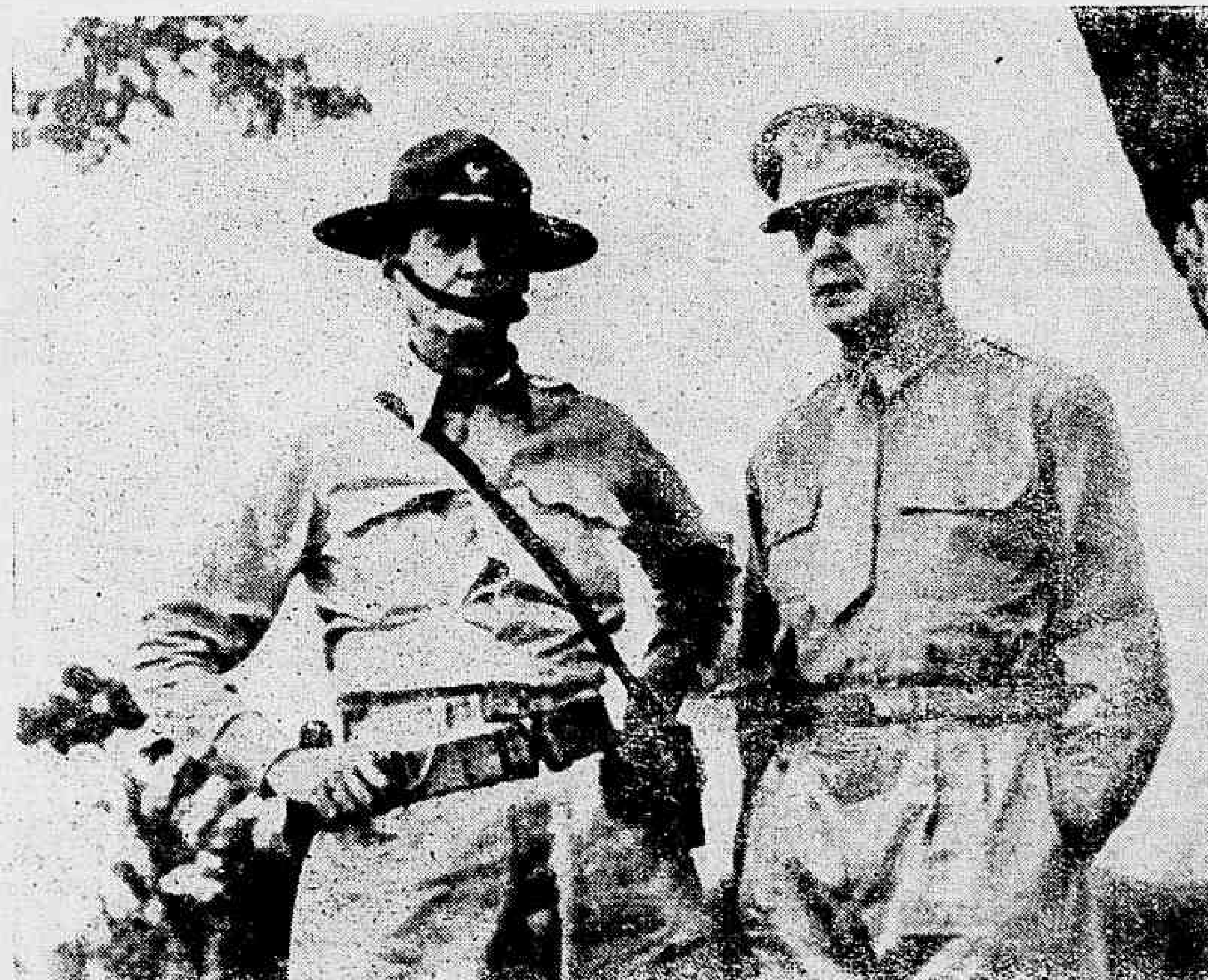
Em 1931, foi à França, na qualidade de Chefe do Estado Maior das Fôrças do Exército dos Estados Unidos, e, ali, assistiu, na qualidade de convidado especial, às grandes manobras de guerra do Exército Francês. Vêmo-lo, ao lado do gal. Weygand, famoso militar francês



O General MacArthur, quando de sua visita à França em 1931, rende homenagens ao grande Gouroud, famoso general francês, que, em 1918, deteve as fôrças alemãs na frente de batalha de Champanha. MacArthur abraça o gal. Gouroud, veterano mutilado de guerra.



Este garotinho é Arthur, filho do General e de sua espôsa, que o tem ao colo. Pela expressão do menino já se nota a característica dos MacArthur, sisudos e compenetrados. Tanto Mrs. MacArthur, como o pequenino Arthur acompanharam o General à Austrália.



O General MacArthur, já na época de sua tenaz resistência aos japonêses na luta das Filipinas. Está ao lado de seu colega, Major-general Jonathan Wainwright, na ilha de Luzon, naquele país, trocando idéias sôbre a resistência aos nipões.

# O BILHETE PREMIADO

MEUS deveres profissionais me levaram a residir alguns tempos numa cidade do interior. Fica essa cidade situada numa espécie de concha formada pelas montanhas que a circundam. Excetuando-se as "gargantas" por onde saem as estradas de ferro e de rodagem, o resto são serras de regular tamanho que a envolvem por inteiro. Estavamos no dôce inverno brasileiro e a chuvinha temporã que caía dias seguidos dava à vegetação uma coloração verde-escuro emprestando àquelas seras cobertas de grandes bosques o agradável aspecto de paisagem européia. Devendo o seu desenvolvimento à vários fatores e como fôra rápido notava-se nela um misto de civilização e barbaria que é o apanágio das cidades que surgem da noite para o dia. Para se ter a idéia de sua opulência bastava notar o número assaz elevado de automóveis de alto preço que trafegavam por suas ruas numa época que mesmo as grandes capitais não os possuiam em grande quantidade. Ao lado dessas ostentações podia-se ver muita miséria, muita sujeira e um exército de maltrapilhos a pedir pelas ruas. O que porém mais feria a vista do forasteiro era o número espantoso de casas de jôgo e bilheteiros. Chegava-se a duvidar que uma cidade, ainda que grande como aquela, pudesse manter tanta gente vivendo do vício. Mais tarde encontrei explicação para êsse fenômeno. E' que vendendo muitos bilhetes, como era natural, lá saía também muitas "sortes grandes" o que deu à cidade a fama de cidade da sorte e assim sendo, de outras partes os jogadores mandavam comprar ali os seus bilhetes na suposição de que a deusa da fortuna tinha escolhido aquêle lugar para distribuir dinheiro.

Hospedei-me num bom hotel cujo dono, a despeito de me tratar com grande deferência, era um tanto antipático por supôr que sendo êle o dono, os hospedes lhe deviam render homenagem e concordar com as suas idéias extravagantes a respeito de política, assunto de sua predileção. Nas horas das refeições falava-se muito na mesa e eu, conquanto apreciador de boa palestra, nunca tomei parte nas discussões por achá-las insipidas. Por diversas vêzes, quando se falava em tragédias, crimes e outras desgraças, ouvi fazerem referência a um crime muito conhecido ao qual davam o nome de "O Crime da Estação". Como não me interesso por narrativa dêsse gênero nunca cheguei a conhecê-lo. Quando o tempo permitia eu tinha por hábito dar meus passeios pelos arredores, ou subir a cavalo aquelas serras de onde se descortinava um panorama de incomparável beleza. Numa dessas tardes quando o sol ja declinava fui a passeio até ao cemitério, que fica a uns três qüilômetros da cidade. Era igual aos muitos que eu já havia visto. Túmulos bonitos, túmulos modestos e túmulos abandonados. Colunas truncadas indicando o desaparecimento do chefe da família, anjinhos de mãos postas rezando por alguma criança que cedo deixara êste mundo. Cristo de cabeça pendente e face macilenta simbolizando a Dôr... enfim tudo o que possa servir de elo entre êste mundo e o outro, o grande mundo desconhecido que o homem tenta em vão perscrutar. Parei diante de um jazigo abandonado, já invadido pelas ervas daninhas. Na cruz pensa e quase a esbarrar no solo a placa, verde de limo, mal deixava ver uma estrêla e adiante: "Nascido em... a data estava apagada. Em baixo precedida de pequena cruz encravada: "Falecido em... também não se podia ler. Fiquei alguns minutos a meditar no mistério do Além... nisto ouço distintamente uma voz que me diz: "O meu nome é Constantino Sanches. Estou aqui ha muito, esquecido de todos, inclusive de minha família. Isto não teria nada de extraordinário porque o fim de todos nós é êste, mas não morri num leito cercado de pessoas de minha estima que deplorassem o meu desaparecimento. A minha vida me foi arrancada violentamente embora eu tenha sido no mundo, quem se podia chamar de "um homem de bem". Nasci nesta cidade que o destino reservou para meu bêrço e para meu túmulo. De origem humilde, como todo menino, aos sete anos ingressei na escola pública e findo êsse período entrei para um curso comercial e me diplomei em contabilidade. O colégio, um dos melhores da cidade, alugou nesse dia o cinema inaugurado havia pouco, para nêle levar a efeito a solenidade da formatura e o seu diretor diligenciou para que tudo se revestisse do maior brilho. Depois de ouvir as palavras da praxe: "Declaro-vos Perito Contador", receber o meu diploma, esperei o fim da festa e me dirigi para casa sem a menor emoção e sem considerar aquêle dia diferente dos outros. Devo declarar todavia que eu conhecia tão bem contabilidade como conhecia as dinastias dos faraós, mas o meu pai, na sua simplicidade, já não era da mesma opinião e pensou que aquêle diploma tão imerecidamente conquistado e que com tanta facilidade me haviam conferido, me abriria as portas da Glória. Muito orgulhoso me declarou: "Você já tem um título. Agora é só se empenhar para conseguir um bom emprêgo porque você está em condições de ocupar cargo de grande responsabilidade em firma importante". Tanto fez que conseguiu um emprêgo no Banco da Produção, o banco principal, o banco oficial. A confiança que êle depositava naquele diploma e nos meus conhecimentos era tão grande que ousou pedir para mim o cargo de chefe da contabilidade da mais conceituada firma do lugar. No Banco, depois de rápido exame, o gerente, homem experimentado, me deu o emprêgo de mensageiro e apontando-me uma bicicleta que estava encostada do lado de fora me disse: "Você vai trabalhar com aquela bicicleta mas cuidado para não quebrá-la". Mandou-me a seguir falar com o funcionário Porfírio, a quem estava afeta a entrega de "Avisos".

O emprêgo não era de todo máu, por se estar sempre longe dos superiores, ser livre de horários e de mais a mais eu gostava de pedalar. Para mim que da vida só via o presente estava muito bom. O ordenado era insignificante mas de vez em quando um freguês me dava uns níqueis, mais movido pelo sentimento de piedade do quê mesmo pelo reconhecimento de um serviço prestado, e como eu não tinha vícios essas gorgêtas me chegavam bem para as minhas cocadas. E' bem verdade que eu não desempenhava o meu serviço com muita correção entregando os avisos sempre com algum atraso e muitas vêzes amarrotados e sujos de gordura, isto quando ia entregá-los depois do almoço.

A minha vida corria assim plácidamente, sem qualquer incidente, pois sempre fui de natureza pouco expansiva, qualidade a que devia a vida tranqüila que sempre levara. Valendo-me da amizade do meu amigo Antônio, amizade dos tempos do curso comercial, ia freqüentemente à sua casa, tomava um cafézinho e conversava, mas isso servia apenas de pretexto para me aproximar de sua irmã Iolanda que tinha uma pequena oficina de costura na sala da frente. Era uma morena de olhos verdes, contraste que a tornava ainda mais sedutora. Tinha, é certo, alguma tendencia para engordar pois não obstante a sua juventude isso era evidente, coisa aliás que não me desagradava pois não apreciava as mulheres magras. Quando ria formava duas covinhas nas faces e mostrava uns dentes tão certinhos e tão alvos que era um encanto. Foi a primeira, a única, a grande paixão da minha vida! Paixão que me levaria à morte mas que não se teria concretizado ou tomado o vulto que tomou se não fôsse um bilhete de loteria. Se não fôsse a "sorte grande" essa paixão não teria tomado êsse vulto e teria morrido como outras, no fundo do meu coração. Foi a riqueza inesperada que me acendeu no peito a chama que me devia consumir numa agonia de meses sem fim para em seguida, num golpe, terminar de vez. Jamais me passou pela mente que aquêle anjo de formosura pudesse me dedicar algum sentimento que não fôsse de indiferença ou mesmo desprêzo, mas a minha grande paixão se satisfazia no apenas contemplá-la, adorá-la secretamente, sonhar com os prazeres inefaveis que me podia proporcionar, aquêle amor, se fôsse correspondido. A vida me negava a realidade mas a minha imaginação ardente e sonhadora supria essa falta criando para mim outra vida, embora irreal, mas na qual eu me sentia feliz. Assim tôdas as noites lá estava eu afagando um grande cachorro, o Leão, que ficava o dia inteiro deitado à entrada da sala. Então quando às vêzes acontecia de ela me encarregar de algum serviço, comprar um carretel de linha, por exemplo, o meu coração só faltava desfalecer de alegria. Sabia que eu não podia inspirar-lhes outro sentimento que não fôsse o de compaixão, isso porém não me importava pois só queria a permissão de amá-la e assim ficava horas seguidas na contemplação muda daquele amor sem esperança. Ela, parece que para me mortificar, falava de seu amor pelo Fernando, amigo comum, meu e de seu irmão. Como o meu amor era platônico, por assim dizer, a minha imaginação não conhecia limites e dêsse modo essas revelações não chegavam a magoar-me.

(Continua na pág. 42)

CONTO DE **JOSÉ ALPHA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**





ALÍCIA ALONSO, um dos maiores expoentes do «Ballet Theatre», num dos momentos de «Fall River Legend», música de Mourton Goul e coreografia de Agnes Mille

# "BALLET THEATRE"

## ONZE ANOS DE ABSOLUTO ÊXITO — NO BRASIL TAMBÉM É IMENSO O NÚMERO DE SEUS FÃS — LÚCIA CHASE, A GRANDE ORGANIZADORA

DENTRE os conjuntos coreográficos mundiais da atualidade, destaca-se o Ballet Theatre como um dos de maior significação artística. Formado em fins de 1939, êste notável conjunto, uma verdadeira escola, não se limita à apresentação de bailados modernos, sob temas atuais e estritamente americanos, nem tampouco ao teatro bailado, como seu nome pode deixar transparecer. Sua linha se desenvolve em tôrno das bases clássicas, e em seu repertório as coreografias acadêmicas têm lugar marcado. Lúcia Chase, uma das principais organizadoras do conjunto e sua atual diretora, nos conta que aos inglêses causou grande espanto, quando da primeira apresentação do Ballet Theatre no Covent Garden, em 1946, a perfeição técnica e a sensibilidade dos americanos ao dançarem "Les Sylphides". Um crítico disse francamente: "Jamais pensei que os americanos pudessem dançar "Sylphides". Tal comentário valeu como prova de que, apesar das modernas obras que apresenta, o Ballet Theatre é bàsicamente um conjunto clássico.

Desde sua estréia, em janeiro de 1940, no New York's Center Theatre, a Companhia tem apenas colhido os mais elogiosos e bem merecidos sucessos. Os nomes de Lúcia Chase, Igor Youskevitch, Alicia Alonso, John Kriza, Mary Ellen Moyle, Norma Vance, Michael Lland, Paul Godkin, Ruth Ann Koesun, e a perfeição técnica do corpo de baile, são a garantia absoluta dos aplausos que vem colhendo o Ballet Theatre em tôdas as suas apresentações. E aos nomes dêsses bailarinos se aliam os de coreógrafos de reputação mundial, como Agnes de Mille, Jerome Robbins, Anthony Tudor, Eugene Loring e os de famosos mestres da coreografia do passado, como Fokine e Petipas.

Leonard Bernstein, Morton Gould e Aaron Copland, modernos compositores americanos, contribuiram para o



OUTRO GRANDE elemento, Ruth Ann Koesun, do Ballet Theatre.

# "BALLET THEATRE"





**CENAS DE BALLET em**
**Fancy Free, John Kriza**
**Mary Ellen Moylan, te**
**elenco de**

brilho de algumas obras
com suas partituras mu
River Legend" e "Billy th

O Ballet Theatre, conqu
dição de vários ballets
formas acadêmicas com
que reúne simultâneamen
de arte, estética, juventud

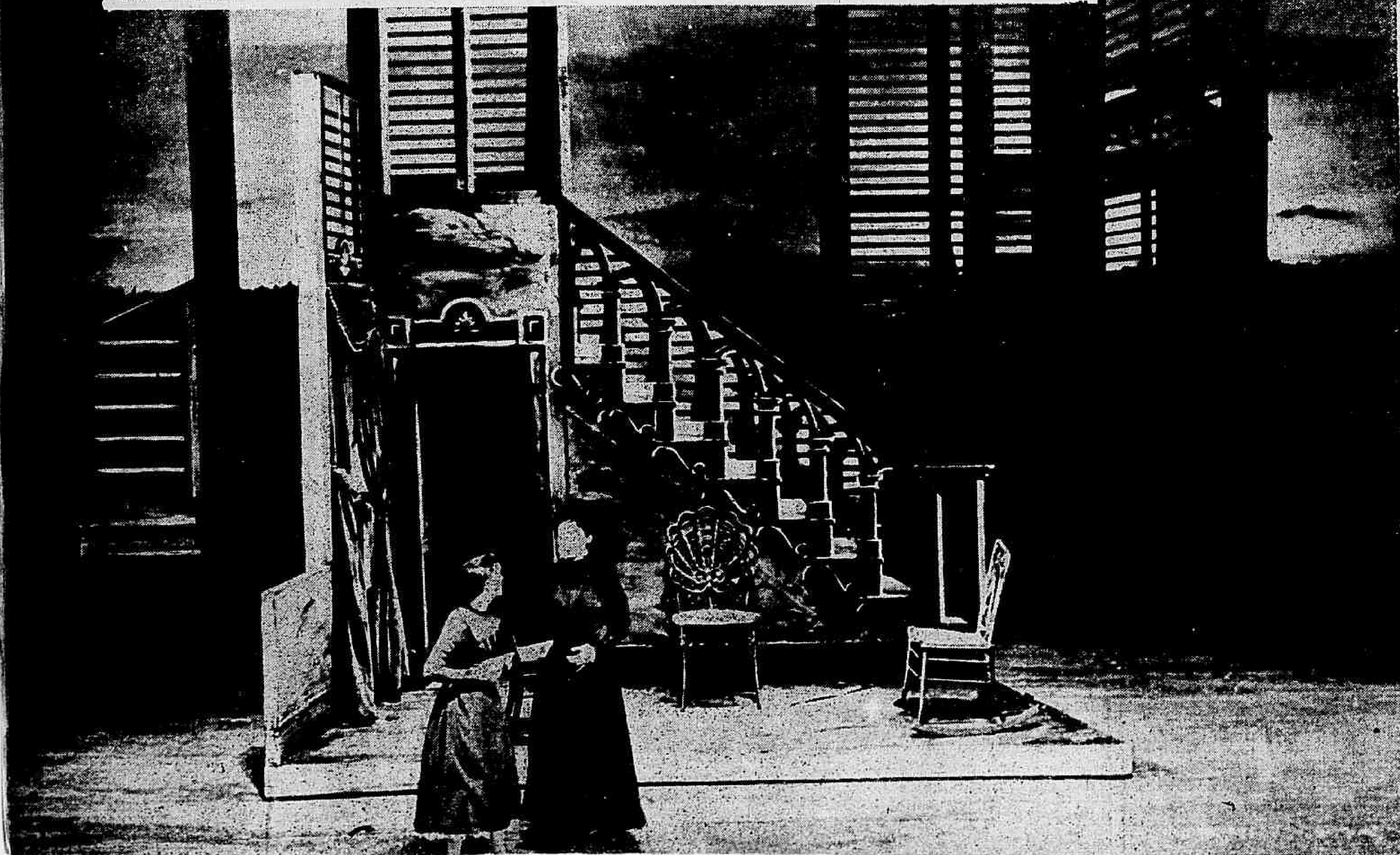
Em sua recente "tourn
meses, o Ballet Theatre re
inúmeras cidades europé
sua atual temporada de 19
Metropolitan Opera House
repleta.

Desde 1949 o Ballet Th
gramas de televisão, atrav
poration, NBC, havendo
pouco antes de sua excu
pleto, "Giselle", tendo Igo
principais papéis.

O repertório clássico do
phides"; "Giselle"; "Pet
"Bodas de Aurora"; três
"Suite de Quebra-Nozes",
Azul" (em revisão de Do
tipas); "Apolo", coreogra
Tróia", de Fokine-Lichine
tre"; "Theme and Variati

Entre os ballets modern
"Iiterplay"; "Fall River L
Strings"; "Billy the Kid";

E pela apresentação de
mentos e emoções, trans
coreográfica, o Ballet The
grande equilibrio na arte
as artes: a dança.



**DUAS CENAS de «Fall R**
**de impressionante desemp**
**Ballet Theatre de**





**...aparecem: Paul Godkin em**
**...ula Lloyd e a encantadora**
**...pertencentes ao magnífico**
**...et Theatre**

...pertório do Ballet Theatre,
... para "Fancy Free", "Fall
...", respectivamente.

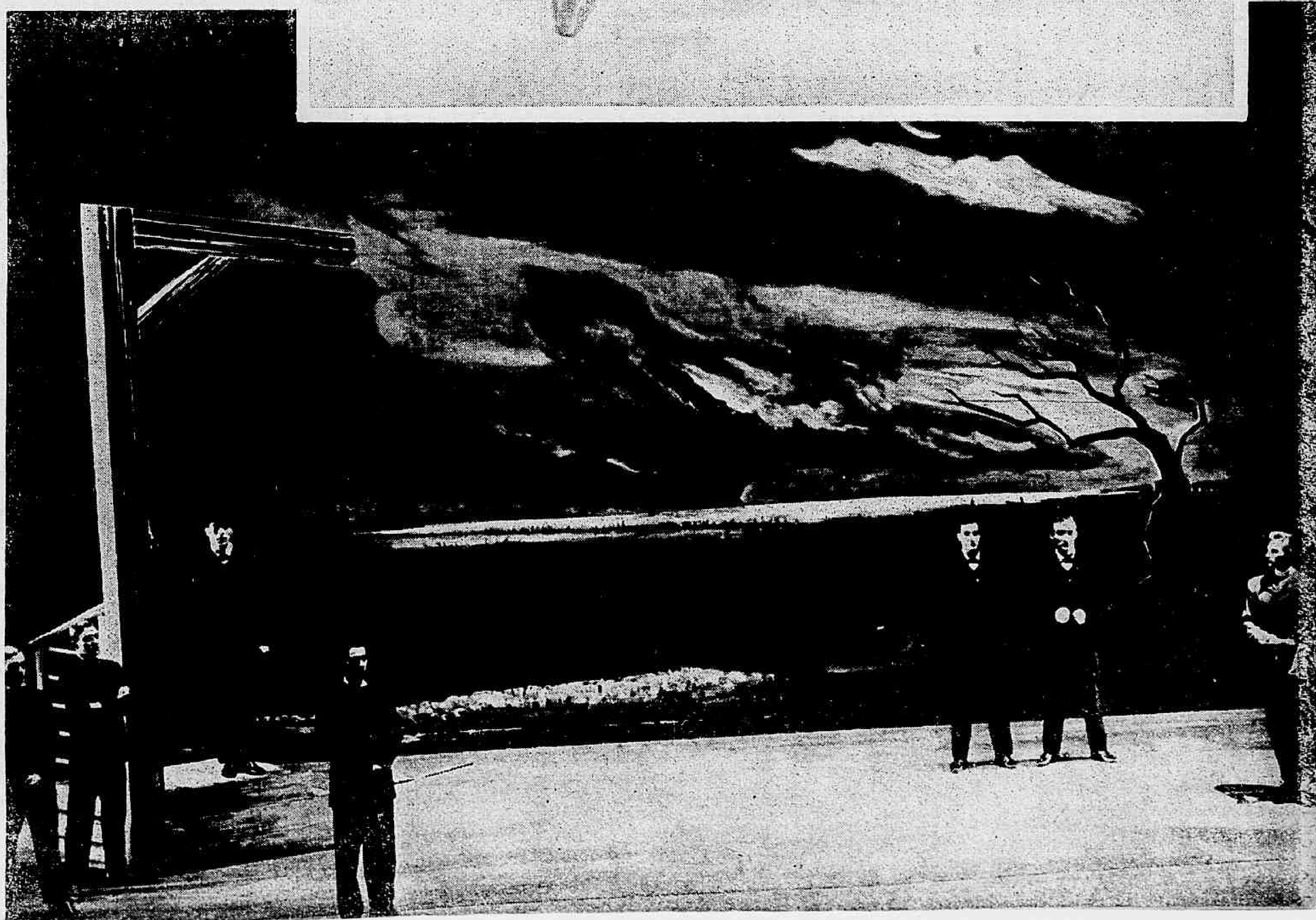
...apresente e preserve a tra-
...cos, procura combinar as
...dernas, criando um grupo
... qualidades indispensáveis
...italidade de expressão.

...uja duração foi de quatro
... os frenéticos aplausos de
...Antes que desse início à
...presentou-se o conjunto no
...New York, para uma casa

... vem participando de pro-
...National Broadcasting Cor-
...entado em julho último,
... Europa, um ballet com-
...skevitch e Nora Kaye nos

...t Theatre inclui: "Les Syl-
...a"; "Lago dos Cisnes";
...de deux classiques" — da
...isne Negro" e o "Pássaro
...egundo coreografia de Pe-
... Balanchine; "Helena de
...n Quixote"; "Pas de Qua-
... "La fille mal gardée".
...estacam-se: "Fancy Free";
..."; "Rodeo"; "Designs with
...richos" e "Pillar of Fire".
... variada gema de tempera-
...s ao público sob forma
...mostra ter conseguido um
...brange um pouco de tôdas

(Cont. na pág. 44)

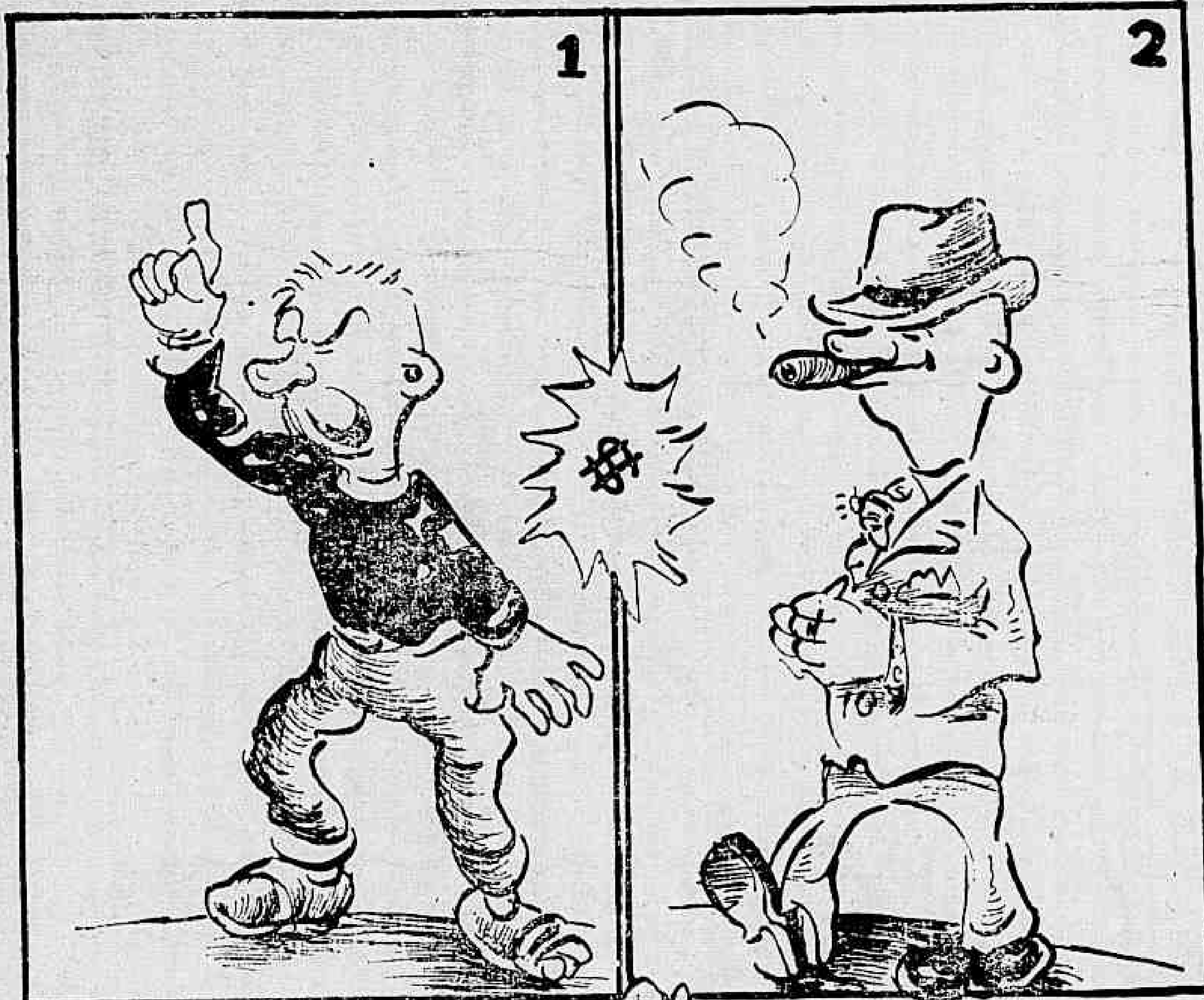


**...Legend», bailado dramático**
**...pelo conjunto artístico do**
**... de Agnes de Melli.**

# ESTÉ MUNDO E O OUTRO

OS DOIS PRÍS-
MAS DA VIDA...

CRIAÇÃO DE DARCY





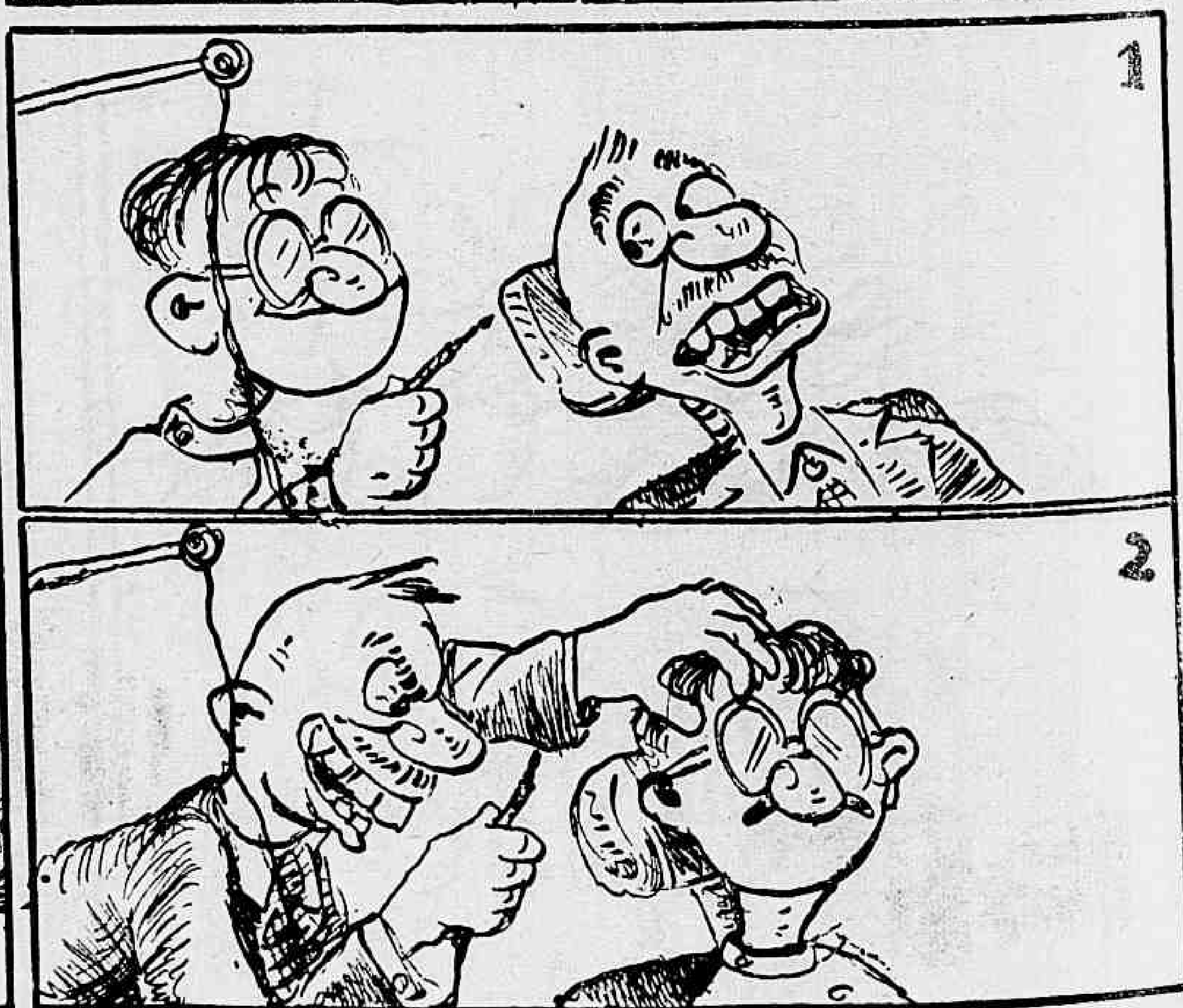










# CONTÍNUO-VEREADOR

TUMULTO NA CÂMARA DE VEREADORES DE NILÓPOLIS ★ VEREADORES-EXTERNOS NA ASSISTÊNCIA ★ OS VEREADORES TAMBÉM PEGAM NA ENXADA ★ TRAÇOS DA VIDA DE JOAQUIM DOS SANTOS: NA CÂMARA, NO SENADO, NA INTIMIDADE ★ UM ELEITOR EXALTADO PULVERIZA OS VEREADORES NILOPOLITANOS

**Texto e fotos de JORGE LYRA**

A imprensa tem destacado, em suas colunas cotidianas, o que de mais pitoresco as eleições de três de outubro trouxeram em seu bôjo — o deputado que foi eleito sem ter um voto sequer; o sacristão que se elegeu prefeito, derrotando o próprio vigário; o humorista carioca, que, no Distrito Federal, conseguiu maior votação que um dos candidatos à Presidência da República. Além dêsses, porém, há uma centena de outros casos interessantes e, como aquêles, dignos de menção. O leitor mesmo, nesta altura, já deve estar pensando numa dezena dêles. Mas, deixe os seus casos de lado e acompanhe-nos nesse que temos para contar-lhe.

Dentre os mais interessantes casos que conhecemos, nesta matéria, enquadra-se o de Joaquim dos Santos que, durante o dia é contínuo no Senado Federal e, à noite, é Vereador em Nilópolis.

No intuito de localizar S. Excia., o contínuo-vereador, tomamos um dos *confortáveis* trens da Central do Brasil e, depois de receber durante os sessenta minutos da viagem, uma série de *carícias* dos viajantes, tais como pisadas, rabos de arraia, tapas nas costas, empurrões, xingamentos, chegamos a Nilópolis.

De indagação em indagação fomos bater na Câmara Municipal da localidade. Olhamos o prédio — bom aspecto: em baixo casas comerciais, em cima a Câmara. Do lado, uma placa de metal: Câmara Municipal. Em frente ao prédio, dois cavalos, paramentados para longas caminhadas, pastavam despreocupados. Subimos; era dia de sessão na Câmara. Um contínuo espanava os móveis.

— Por favor, — perguntamos, — o sr. Joaquim dos Santos já chegou?

— "Não *sor*. Êle só chega lá pras oito. Até agora só *chegaro* dois *vereadô*".



COMO BOM democrata e cumpridor dos deveres que a vereança lhe acarreta, sua excelência prepara-se para votar...



TREMEI PENHAS que sua excelência vai falar! Assoma à tribuna e solta a velha verborrogia e, enquanto fala, os assistentes vão sorrindo da sua maneira simples, sincera e imperiosa de falar e os inimigos retiram-se!



NO MOMENTO em que saia da cabina indevassável da Câmara de Nilópolis, a objetiva focalizou o contínuo-vereador

Não nos foi difícil deduzir que os dois cavalos que estavam à porta da Câmara pertenciam aos dois vereadores que já haviam chegado. Agradecemos ao contínuo e nos retiramos. Quando, porém, íamos atravessando a rua, ouvimos uma voz que nos chamava pelo nome genérico de todos os desconhecidos:

— Psiu! Psiu!

Localizamos a voz. Partia de um botequim pegado à Câmara, aonde os vereadores vão bater o seu papo antes de iniciar-se a sessão. Fomos ver o que os homens queriam.

— "Moço, que quer vossemecê na Câmara?" — perguntou um dêles.

Olhamos o homenzinho. Gordo, forte, bastos bigodes, revólver à cintura. Verificando a presença dêste último, sólido argumento para que não deixássemos de responder, retrucamos:

— Desejamos falar ao sr. Joaquim dos Santos.

— "Êle num veio. Eu também sô vereadô. E' só cum êle?"

— E' só com êle, excelência, obrigado!

Retiramo-nos para dar uma vista d'olhos no local, enquanto não chegava a hora do início da sessão. Carros, caindo aos pedaços, trafegavam, tendo ao lado um chamamento: lotação. Compreendemos. Aquêles lotações eram

**SOLÍCITO**, amável e amigo dos senadores, Joaquim dos Santos a todos atende com um sorriso nos lábios. Sempre pronto a cumprir seus deveres profissionais no Senado vêmo-lo aqui no momento em que tirava um livro para um senador



**MIXTO de contínuo e de enfermeiro, o «comprido» relembra os tempos em que era apenas enfermeiro. Oôô tempão!**

como a pintura portinaresca que, se não se escrever o que representam, ninguém entende nada... Mulheres cruzavam a rua, filhos ao colo. Trens despejavam milhares de pessoas, pelas esquinas os eternos párias de todos os lugares conversavam e diziam seus ditos chistosos às transeuntes, o espetáculo era igual ao da cidade, enfim Resolvemos, então, voltar à Câmara que a hora estava chegando.

Ao passarmos pelo mesmo café, onde fôramos interpelados pelo *vereadô*, novas vozes nos chamaram. Já agora, ao invés de dois homens que tomavam café, havia três. O homem gordo, de bigodes que nos chamara da vez transacta, perguntou:

— "Já cunhece o Joaquim? E' êste."

Alto, esguio, amável, o contínuo-vereador se pôs à nossa disposição, depois dos "muito prazeres" de praxe e das explicações de norma. Entusiasmado, nosso homem nos levou até ao recinto da Câmara, onde explicava a todos:

— "Êste moço vai fazer uma reportagem sôbre mim."

Os interlocutores ficavam com os olhos muito reluzentes, com uma pontinha de inveja saltando de cada ôlho. Outros, porém, não continham uma explosão de entusiasmo:

— "Tu tá cum tudo, *cumprido*."

Havia outros ainda que perguntavam ao *comprido* quanto êle ia pagar e outras coisas que lançamos a débito daquela pontinha de inveja a que nos referimos.

UMA SESSÃO NA CAMARA NILOPOLITANA

Quando a campainha tilintou, anunciando o inicio da sessão, Joaquim dos Santos se despediu de nós e encaminhou-se para a sua bancada. Enquanto o observávamos, alguém nos bateu às costas e perguntou:

— O sr. não é da REVISTA DA SEMANA? Não estuda em tal lugar, assim, assim?

Não havia dúvidas, o homem conhecia tôda a nossa ficha, o que, certamente, iria prejudicar a boa marcha dos nossos serviços porque, se dissermos tudo o que vimos... será morte certa. Aliás, o homem é considerado, por todos, como vereador-externo já que, de certa feita,



**NA BANCADA** do seu partido, sempre atento aos serviços da Câmara, Joaquim está pronto sempre a um aparte e, quando isto acontece, preparem os ouvidos porque êle não é sôpa.



**ESTA DISTINÇÃO** não é para qualquer um, é preciso entender do riscado para poder secretariar a mesa e, aí, nessa função o «comprido» se sente mal. Não pode apartear...



**QUANDO chega ao Senado para o trabalho rotineiro, a sua primeira preocupação é mudar a farda e sacudir a poeira!**

quando os vereadores se reuniram durante um mês para votar o projeto que derrubava o "jeton", êle, através do líder da maioria apresentou uma conta pela qual, nos extraordinários e sessões ordinárias, já haviam os vereadores gasto mais do necessário a pagar as gratificações de um mês. Conhecedor profundo de tôdas as conspirações, das marmeladas, dos panamás, das lutas entre os vereadores, o homenzinho nos contou tudo, o caso do vereador nilopolitano que mora no Grajaú, líder da maioria.

Mas, o presidente anunciava abertos os trabalhos. O secretário procedeu à leitura da ata da sessão anterior. O presidente perguntou:

— Ninguém objeta? Quem aprova a ata queira permanecer (as)sentado...

Depois entrou em discussão um veto do prefeito ao projeto que dividia o subúrbio de Nilópolis em zona urbana (!), suburbana (!) e rural (!). Vai iniciar-se a votação, o presidente chama, nominalmente os quinze vereadores, todos estão presentes, a votação vai ser realizada em escrutínio secreto. Depois da votação o presidente contou os votos: catorze. Não era possível, havia quinze vereadores presentes, quem não votara? Nova chamada nominal e uma pergunta:

— Vossa Excelência votou?

— Sim.

Todos haviam votado. Alguma coisa estava errada. Como se explicava? Ao nosso lado o vereador-externo explicou:

— O Flores quis votar em branco e, como não sabe o que tem a fazer, não botou o envelope na urna.

Procedia-se a outra votação. Computados os votos, o presidente anunciou:

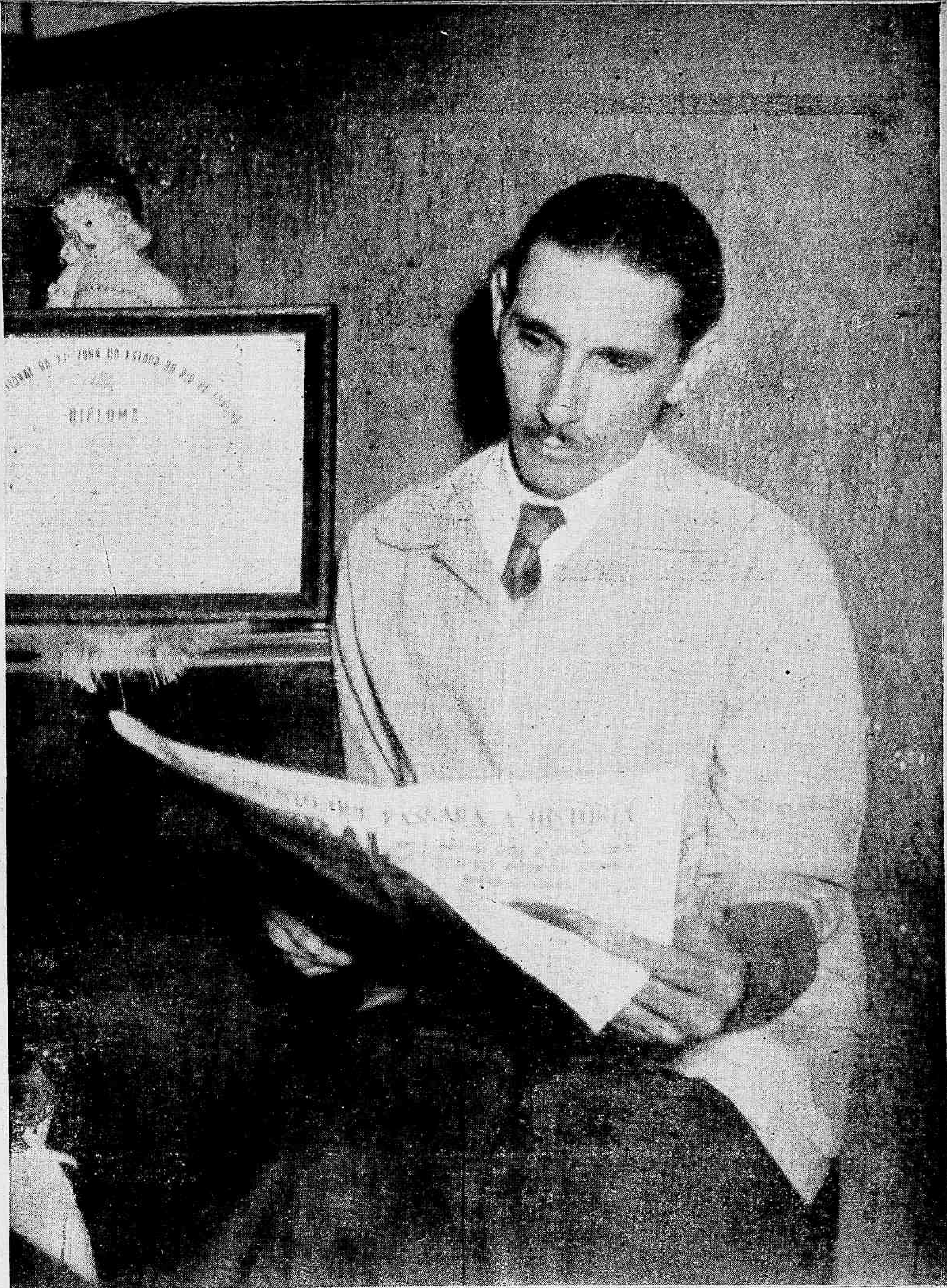
— Aprovado por catorze a um.

O vereador-externo explicou novamente:

— Foi o presidente que votou contra porque não topa o prefeito.

Enquanto procurávamos comparar a Câmara de Nilópolis com outras Câmaras que conhecemos, um vereador, com um catatau na mão, tomava lugar na tribuna. Começou a discurseira que, explicou o vereador-externo, havia sido escrita pelo filho ginasiano do dito vereador. Pres-

(Cont. na pág. 44)




**DEPOIS DO ALMÔÇO, aos domingos, o «comprido» pega do jornal, abre na página política e verifica os apartes dos seus mestres da cidade. Tem aprendido muita coisa, confessa, que tem empregado, com sucesso, lá na Câmara Nilopolitana**



**ÊLE E SUA «cara-metade», que, segundo nos confessou, em segrêdo, será candidata à próxima eleição e será uma grande barbada porque ela tem muito mais prestígio no seio das massas do que êle próprio. Vocês que esperem...**



**A CASA do contínuo, vereador, enfermeiro, ciclista, campeão pelo Vasco da Gama enche-se de fans e amigos que vão gozar da intimidade do «comprido». Isto lhes dá um prestígio enorme lá fora. «Êle é amigo do vereador. Tá prosa!»**

# Nem Corôa!



PROVERBIO

DA ABUNDANCIA VEM O TÉDIO ...

O MÊDO

O HOMEM PRIMITIVO RARO MORRIA DE VELHICE. A VIOLENCIA OU A DOENÇA LEVAVA A MAIOR PARTE DAS CRIATURAS. POR ISSO ATRIBUIU A MORTE, O RAIO, O TROVÃO, A AGENTES SOBRENATURAIS.

O MÊDO ADQUIRIU A PATERNIDADE DE TODAS AS RELIGIÕES. MÊDO DA MORTE, DA SOLIDÃO, MÊDO DO DESAMPARO NA LUTA CONTRA A NATUREZA ...



O APOIO, A PROTEÇÃO DE UM DEUS PREENCHERIA A LACUNA DEIXADA PELA MORTE DO PAI DE ORIGEM. O HOMEM, POR NECESSIDADE, INVENTOU OS DEUSES E CONSEQUENTEMENTE AS RELIGIÕES.

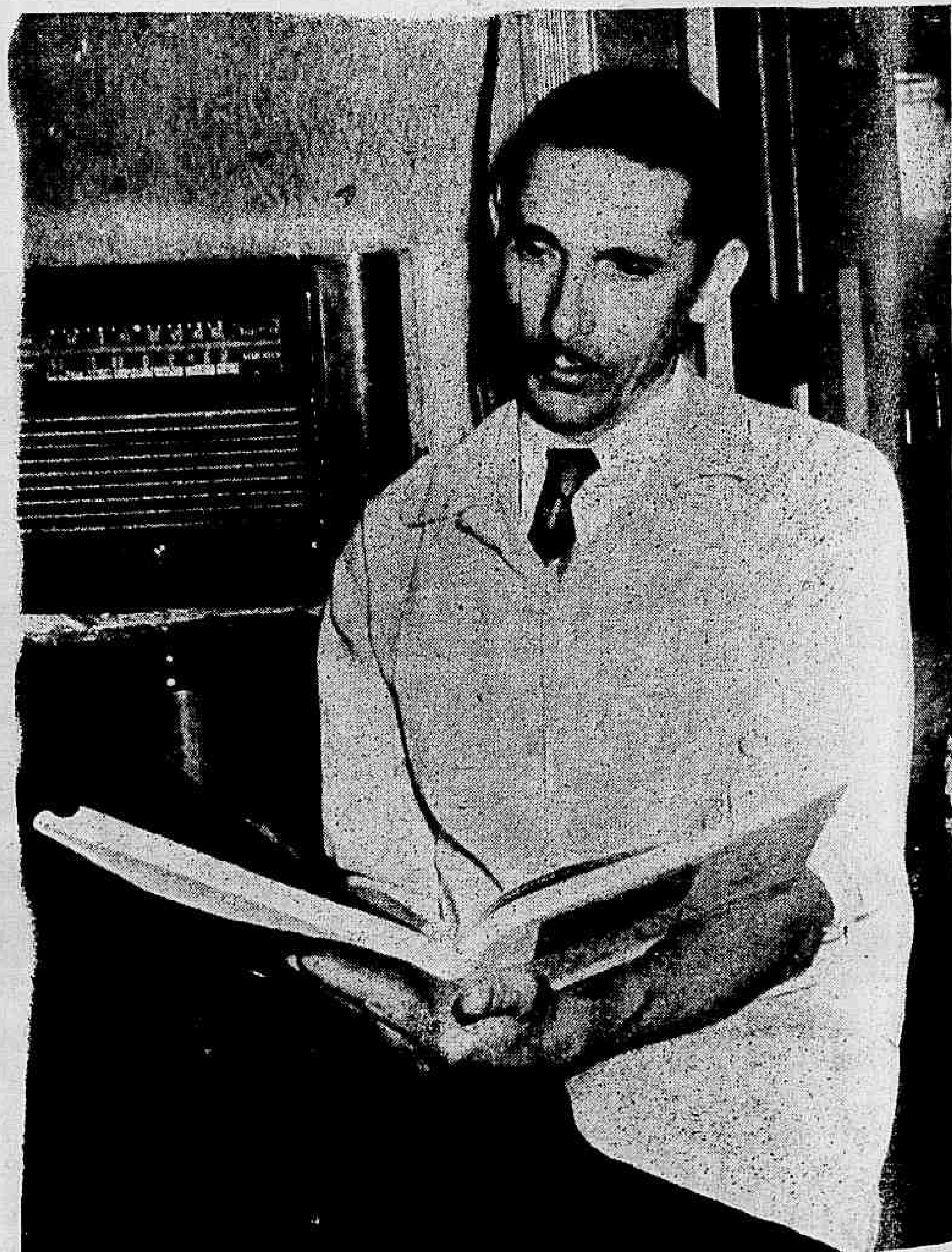
PENSAMENTO

O ESPOSO É O CEU DA ESPOSA.

PAN-HOEY-PAN



**SEMPRE** há uma pausinha para bater um papo com os amigos, durante a sessão da Câmara de Nilópolis. Êstes dois que aí estão foram os que o levaram, pràticamente, à Câmara.



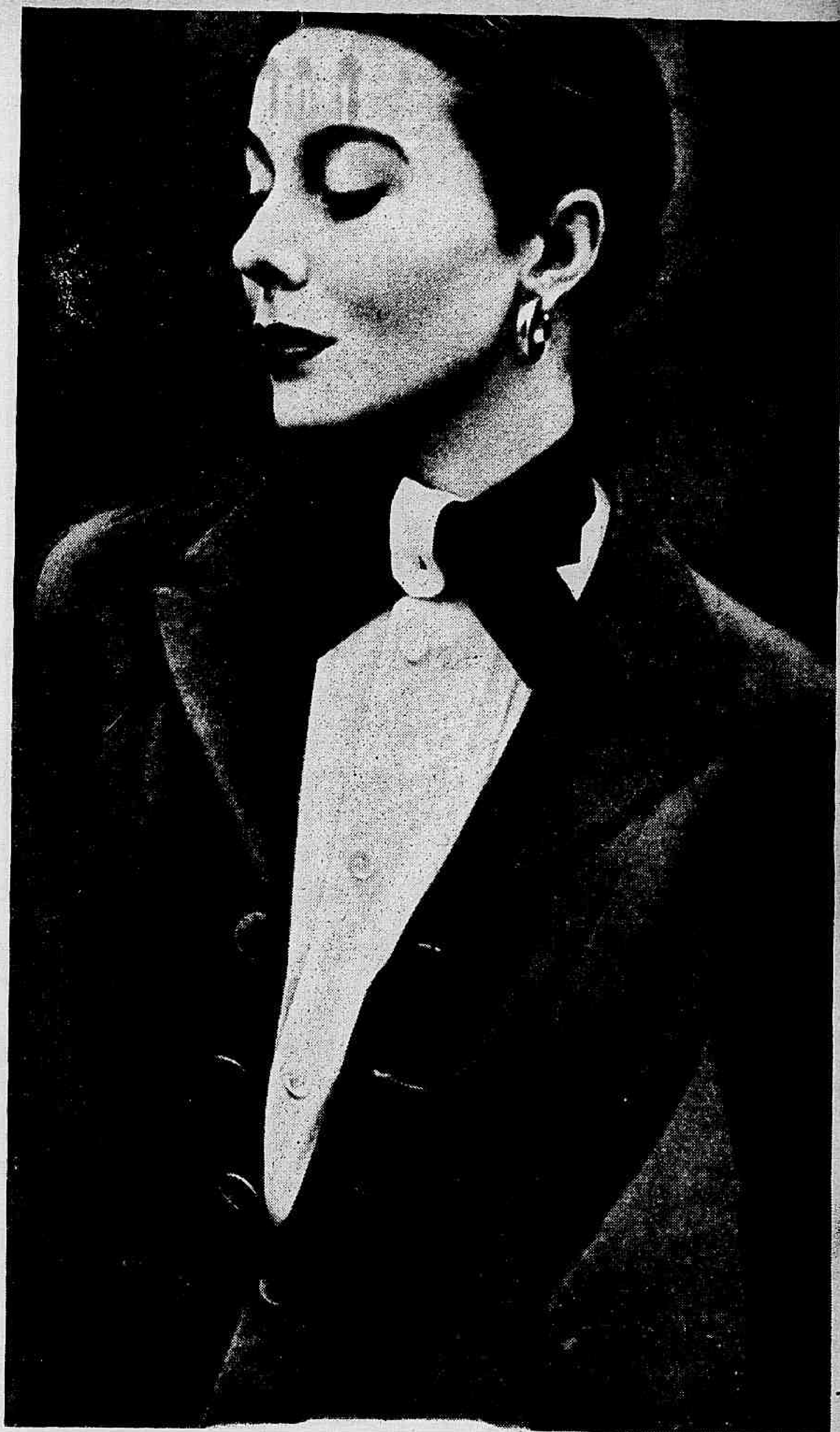
**OUVIR AS** últimas notícias políticas é um dos passatempos prediletos de s. excia., mas quando se pode conciliar a audição com olhos, lendo um bom livro, é muito melhor!

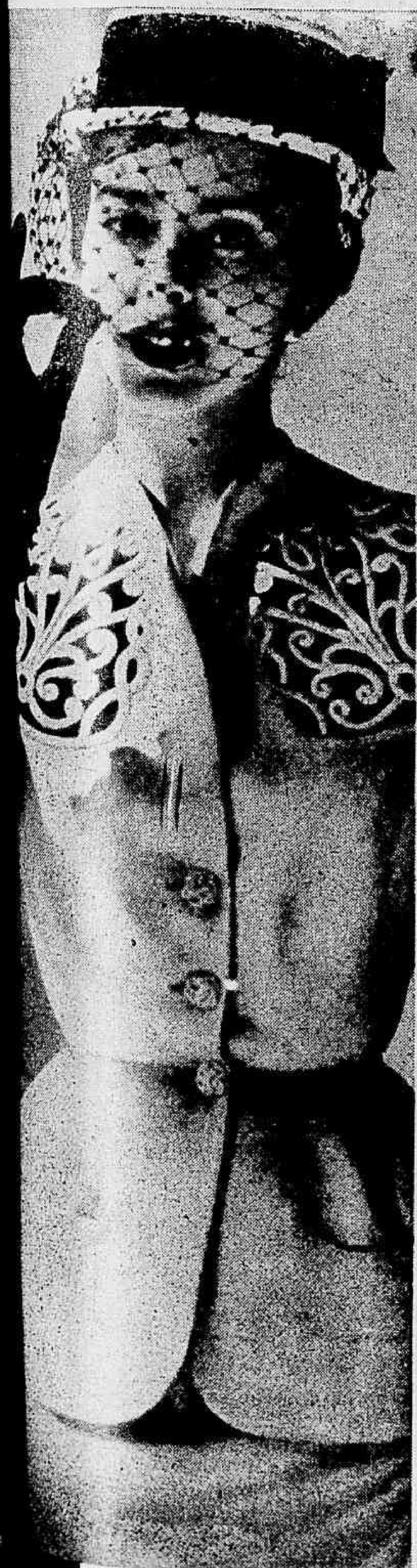
MODAS

# Dona Neblina

*Foi por uma dessas noites de Municipal. Fazia frio e chovia, um chovisco miudinho e irritante. Naquele ônibus, que parecia uma crônica mundana, semeado de grandes nomes e florido de "modelos", distraía os olhos nos cartazes sorridentes de dentifrícios. Esgotada essa literatura ilustrada, reparei que ia ao meu lado, exatamente aquêle "belo tipo faceiro" do célebre poema da viação urbana... Estava tôda borrifada do chuvisco, como se saísse de sob um pulverizador perfumado... Era linda. Linda e elegante. Elegante, principalmente, no seu casaco caríssimo, de pele de arminho. Daí a pouco, talvez sentindo mais a umidade do ar, ela levantou a gola do casaco. Mas, não sei se reparando na minha curiosidade, minutos depois ela tornava a descer a gola, embora o frio continuasse arranhando, ronronando, como um gato de mau-humor... E, como daí a pouco ela tornasse a erguer a gola, para, em seguida, descê-la de novo, o caso começou a preocupar-me... Lembrei-me, então, de já ter visto antes aquêle casaco... Onde?... Ah! foi em uma página do "Vogue"... Já vira, sim, aquêle abrigo sensacional, anunciado por um grande "pelletier" de Paris, todo em arminho, como os mantos reais, feito especialmente para um rei pagá-lo — rei da banha, do feijão prêto, do queijo de Minas, mas um rei... Lembrei-me até de que a legenda, explicando a ilustração e tratando particularmente daquela gola, dizia: "Êste modêlo de X... é para ser usado com a gola sempre descida, etc." Aí está por que aquela criaturinha linda e elegante, que chamaremos Dona Neblina, — para lembrá-la na poesia daquela noite e porque a neblina é a poesia da chuva — tanto se preocupava com a gola do casaco; preferia sentir frio, aquêle [illegible] como giletes, preferia apanhar uma laringite, uma pneumonia, talvez, — preferia tudo — a quebrar a linha do seu casaquinho, a infringir um mandamento do seu figurino, a ser infiel ao "Vogue"...*

LISE







# MODELOS VARIADOS

ALGUMAS sugestões bastante interessantes da moda européia, são apresentados aqui para uma apreciação das nossas leitoras. Em cima, à direita, um elegantíssimo «tailleur» em gabardine de lã, côr de canela, de talhe original, ampla gola. Camiseta em linho branco. Gravata em veludo negro com grande nó. Em baixo, à esquerda, dois outros modernos «tailleurs», o primeiro, à esquerda, em lã cinza, com originais bordados do mesmo tecido nos ombros; o segundo modêlo em casimira azul marinho apresenta bolsos amplos e um abotoado diferente, blusa de sêda branca. Em baixo, duas blusas elegantes e juvenis, a primeira em musselina branca pregueada, e a segunda em piqué branco com três aplicações em «festoné».





PARA amezinar os tons escuros dos trajes de inverno, são muito usados peitos e golas brancas, tanto nos «tailleurs» como nos vestidos. Aqui estão algumas sugestões interessantes, na aplicação de golas. — Vestido de lã, saia pregueada e corpo com peito em tafetá branco. — Costume ligeiro, adornado com uma grande cola em pé. O toque de elegância dêste modêlo está nesta gola em forma, confeccionada em faile branco. Acompanha a gola dêste «tailleur», uma tira enviezada de faile, transpassando na frente.





# Golas Brancas





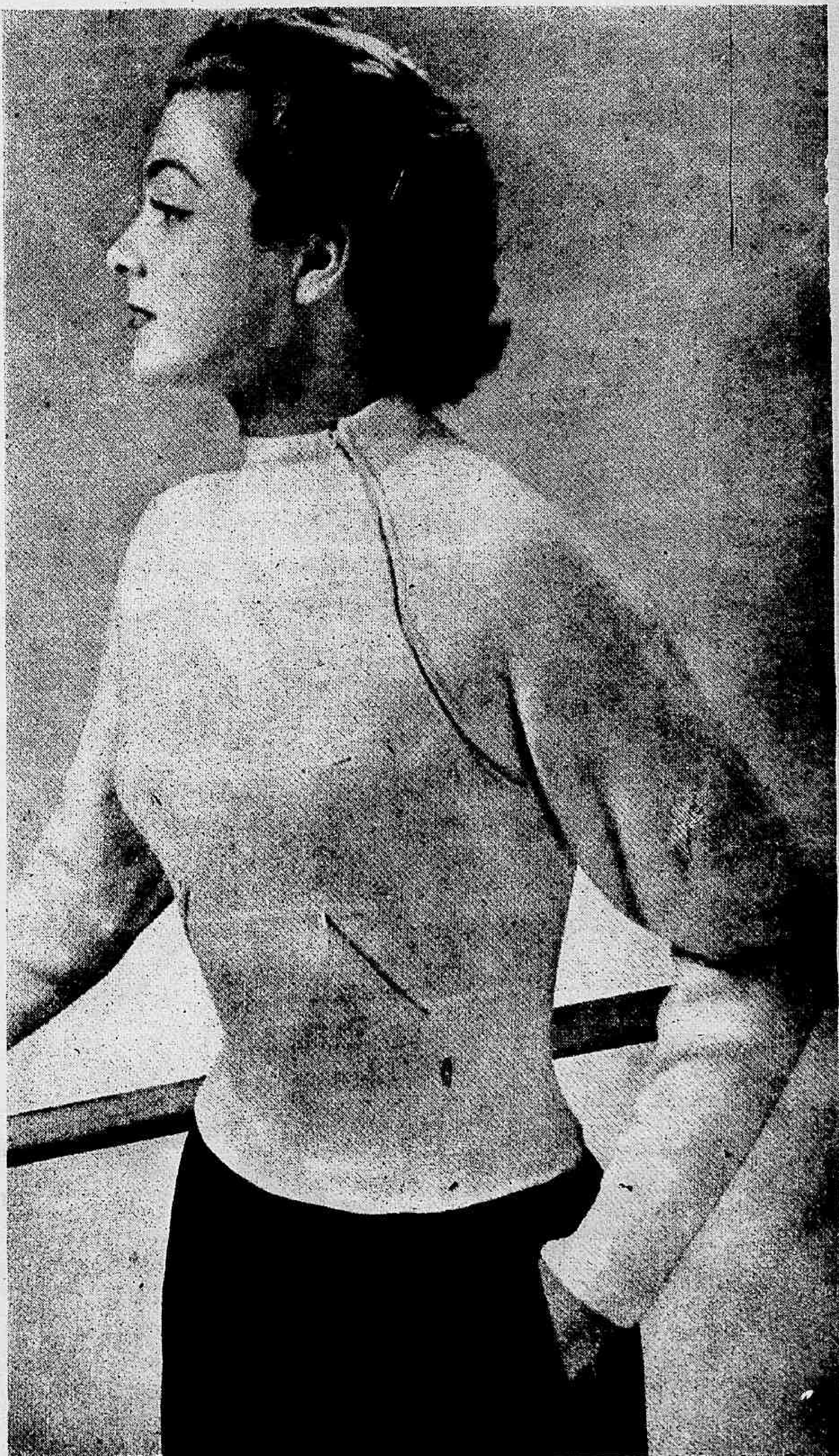


# Agasalhos de Tricot

SÃO muito usados durante o inverno, casacos e sweters de tricot, confeccionados em lãs grossas. Êstes modelos de fácil execução, podem ser feitos em casa com facilidade. Blusa olímpica em lã prêta. A pala tem ponto diferente do resto da blusa. — Blusa de mangas japonêsas, com o decote terminado com sanfona. — Casaco em dois tons. A sanfona das mangas e da cintura é tecida em lã clara. Gola alta e bolso embutido. — Blusa inteira, com mangas japonêsas e fecho eclair embutido.







# TARDE





PARA a tarde apresentamos esta coleção de interessantes modelos, práticos e elegantes. Em cima, duas criações, para dias mais frios, ambos em fina lã, o primeiro é beige com largo cinto de veludo negro e o segundo poderá ser executado em tecido cinza claro À esquerda, original modêlo azul, com longa echarpe rosa claro, plissada; finalmente, uma elegante creação em lã havana, grandes bolsos e gola ampla levantada.







OS modelos listrados continuam a merecer um lugar destacado no guarda-roupa feminino. Qualquer que seja a estação êles têem sempre um lugar de destaque nas novas creações. Um exemplo do que afirmamos são êstes modelos que nesta página sugerimos. Em cima, dois modelos ligeiros, o primeiro em lã crême, com listras marron; o segundo em casimira cinza, listras prêtas. A seguir, três elegantes creações sugestivas e recentes, duas para a noite e uma própria para a tarde.



# MODELOS LISTRADOS





# A MAIOR EQUIPE

**de Cronistas, Técnicos e Dirigentes já reunida na Imprensa Esportiva produziu o**

**ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado**

**PARA 1951**

TUDO SÔBRE FUTEBOL E TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS

OITENTA PÁGINAS FARTAMENTE ILUSTRADAS

**À VENDA POR Cr$ 10,00**

**EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL**

Pedidos, mediante vale do correio ou pelo reembolso postal á Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15 - Lapa - Rio




# WEEK-END

### TORTA DE SALADA DE FRUTAS

250 gr de farinha, 1 pitada de sal, 2 colheres de manteiga, ½ xícara de leite, 1 boa salada de frutas.

Faz-se uma massa com a farinha, a manteiga, o leite, e o sal. Divide-se em duas partes; deita-se metade numa fôrma untada com manteiga. Põe-se depois a salada de frutas, que se cobre com a outra metade de massa. Vai ao forno. Ao retirar, polvilha-se com açúcar e canela.

### FORMINHAS DE BATATAS

Cozinhe 200 gr de batatas já descascadas. Passe pela peneira e com o auxílio de um garfo trabalhe bem a massa. Junte 1 colher e meia das de sopa de manteiga, e bata a batata como se fôsse massa de pão de ló, seguidamente.

Junte salsa e cebolinha picada e continue batendo. Adicione leite fervente até a massa ficar menos consistente e bem cremosa. Junte duas claras em ponto de neve. Faça um refogado de presunto, ervilha, e ôvo cozido ou de carne passada na máquina e ôvo cozido. Numa tijela de louça ou fôrma própria, coloque, furando o fundo, uma colherada de purée, uma camada de recheio, farta, e outra camada de purée. Enfeite com 1 colherada de clara em neve com queijo parmezão (Depois de batida a clara em neve acrescentar 2 colheres-de-sopa de queijo parmezão). Leve ao forno de novo e retire quando a clara estiver em suspiro. Servir na própria tijelinha enrolada num guardanapo dobrado ao lado.

### TORTA DO IMPERADOR

250 gr de manteiga, 5 a 6 ovos, 125 gr de farinha de trigo, 125 gr de maizena, 250 gr de açúcar, 1 cálice de rum, casca ralada de limão, 2 colheres-de-chá de fermento em pó. 125 gr de corinto e 125 gr de cidra picada.

Junta-se a manteiga bem batida com a casca ralada do limão, então se vai adicionando 1 ôvo, 1 colher de açúcar, 1 colher de farinha (misturada com o fermento e peneirada), 1 colher de maizena e assim se procede até acabarem-se todos os ingredientes juntando-se por último os corintos, a cidra e o rum.

Enche-se com esta massa uma fôrma untada e polvilhada com farinha de pão e leva-se ao forno regular. Enfeita-se com glacê de água ou de rum.

### DELICIOSAS DE AVELÃ

175 gr de avelãs, 150 gr de açúcar, 1 ôvo. Com o açúcar, as avelãs e o ôvo faz-se uma massa que se estende com farinha na grossura de ½ cm. Cortam-se com forminhas diversas figuras, põe-se em tábua polvilhada e deixam-se descansar durante 24 a 36 horas em lugar quente, para secar. Depois põem-se em assadeira untada e assam-se em forno médio.

### PUDIM DE PÃO PRÊTO

125 gr de pão prêto ralado, 80 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 5 ovos, 1 pitada de canela, cravo em pó, um pouco de noz-moscada, 1 colher das de sopa de cidra cristalizada bem picadinha, 3 colheres das de sopa de rum.

Batem-se a manteiga, o açúcar, e as gemas bem batidas, junta-se a canela, o cravo em pó, a noz-moscada e a cidra. Embebe-se o pão no rum, junta-se com as claras bem batidas e mistura-se na massa de ôvo. Coloca-se esta em fôrma de pudim untada, deixando-se 1/4 da fôrma vazio, e cozinha-se o pudim em banho-maria durante 2 horas. Serve-se com môlho chadeau temporado com um pouquinho de rum.

### CREME DE CAFÉ

½ litro de creme de baunilha (com gelatina), 1/4 de xícara de café bem forte, 2 a 4 gôtas de anilina apropriada, 1 colher-de-sopa de aguardente, ½ litro de creme Chantilly.

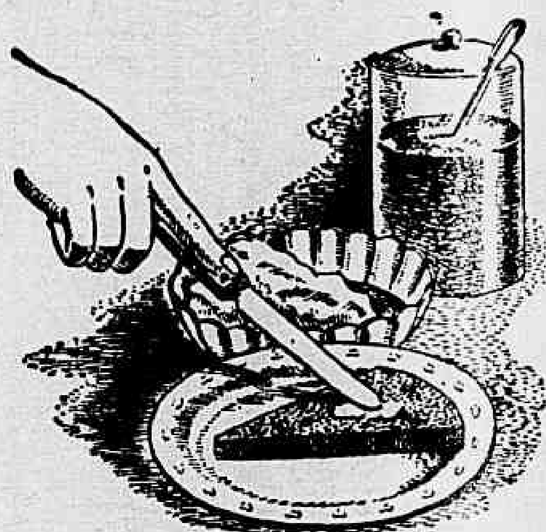
Mistura-se o creme de baunilha com a anilina e com o café quando começar a engrossar, junta-se o creme Chantilly batido e a aguardente.

Põe-se êste creme em fôrma untada com azeite e deixa-se descansar durante 2 horas em lugar frio.

Vira-se em um prato e enfeita-se com creme Chantilly.

### TORTA DE TOMATES

Misture com as pontas dos dedos 250 gr de farinha de trigo com 150 gramas de manteiga. Vá amassando e borrifando com água e sal (regula 1 xícara mal cheia de água e 1 colherinha de sal), até formar uma massa lisa e mole. Deixe descansar ½ hora. Desmanche quatro ovos com 3 xícaras de leite e ½ colherzinha de sal. Tome uma fôrma lisa, untada e polvilhada com pó de pão, e forre com a massa. Deite dentro fatias de uns 6 tomates grandes, sem sementes; despeje por cima os ovos desmanchados, polvilhe com queijo e leve a assar no forno.



### LOMBO TRUFADO

Tome 2½ kg de lombo fresco, e desdobre com faca afiada, para ficar um pano largo. Tome as aparas do lombo, passe na máquina e misture com um pouco de trufa, 3 ovos crus e deite sôbre o lombo. Amarre bem o lombo e leve a assar no forno coberto de toucinho derretido, e molhado com 1 cálice de vinho. Deve ser refogado constantemente. E' melhor servido frio, e o môlho quente, depois de desengordurado.

### SOUFLÉ DE ESPINAFRE

Toste 1 colher de manteiga com outra de farinha de trigo, molhe com 2 xícaras de leite, ferva um pouco e junte a um prato fundo de espinafres cozidos sem água, espremidos e batidos. Incorpore 3 gemas, 2 colheres de queijo ralado e por último 3 claras em neve. Deite numa fôrma untada de manteiga e polvilhada de queijo e leve a assar no forno. Não deixe endurecer; deve ficar delicado como um creme.

# NA COZINHA



CROQUETES AU JAMBON

Ponha de môlho 3 xícaras de miolo de pão, calcado em 2 de leite. Frite ½ colher de salsa e ½ de cebola picadinha, em 1 de manteiga. Quando alourar, junte o pão, 2 ovos, 1 colher de farinha e 1 pitada de cuminho miúdo. Deixe no fogo, sempre mexendo, até despegar da panela. Adicione 1 xícara de presunto picado, misture e retire do fogo. Depois de frio, enrole como dedos compridos, passe em pó de pão, em ovos, em pó de novo, e frite em banha quente. Arrume no prato redondo, como raios, e encha o centro com alface repolhuda. Sirva na molheira môlho tártaro, basta ½ porção.

RIM COM ARROZ

Faça meio quilo de arroz comum. Tome 2 rins, limpe bem, tire as glândulas, corte aos pedacinhos, tempere de sal e frite na manteiga. Quando estiverem passados, junte ½ colher de farinha, 1 xícara de caldo, ½ de vinho branco e deixe o môlho engrossar. Tome 6 ovos, bata (as claras separadas), tempere com sal, 1 pitada de pimenta do reino e 1 xícara de leite e despeje na frigideira com 2 colheres de manteiga quente. Deixe cozi-



nhar, mexendo com um garfo. Despeje o arroz numa fôrma quente, untada de manteiga, calque bem, emborque um prato. Retire a fôrma, deite os ovos em cima, formando uma pirâmide no centro e deite o rim ao redor.

SALADA DE COUVE-FLOR E CENOURAS

Cozinhe 1 couve-flor grande em água e sal e parta aos raminhos. Cozinhar 6 cenouras bem vermelhas com água e sal e 1 colher de açúcar e parta em rodelas. Depois misture 2 gemas cozidas e desmanchadas com 2 colheres de azeite, 1 de vinagre e 1 pitada de noz-moscada. Parta as claras duras aos pedacinhos. Arrume intercaladas 3 moitas de couve-flor e 3 de cenouras ao redor da saladeira. Regue com o môlho e bem no centro coloque num monte as claras picadas. Pode substituir o vinagre por limão.

TORTA SACHÉ

125 gr de manteiga, 1 pitada de sal, 125 gr de açúcar, um pouco de casca ralada de limão, 100 gr de chocolate, 70 gr de farinha de trigo, 1 colherinha de fermento em pó e 4 ovos.

Bate-se a manteiga como creme, junta-se o açúcar, o sal, a casca de limão e as gemas, mistura-se tudo bem e bate-se durante 15 a 20 minutos. Adiciona-se depois o chocolate derretido em banho-maria, as claras batidas em neve e a farinha peneirada com o fermento.

Põe-se em uma fôrma untada e vai ao forno médio, por espaço de 3/4 de hora.

Depois de 2 dias, corta-se a torta em 2 partes, passa-se na de baixo uma geléia de abricós e cobre-se com a outra parte, espalhando-se por tôda ela um glacê de chocolate. Pode empregar-se creme de chocolate em vez de geléia de abricós.

BISCOITINHOS DE AVEIA

100 gr de manteiga, casca ralada de um limão, 100 gr de açúcar, 1 ôvo, 100 gr de farinha de trigo, 100 gr de aveia, 2 colheres-de-chá de fermento em pó e 1 pitada de sal.

Bate-se a manteiga, mistura-se com o açúcar, o ôvo, a casca de limão e o sal. Junta-se a farinha o fermento, e a aveia e amassa-se tudo muito bem.

Estende-se a massa na grossura de uma faca, corta-se em vários feitios, pincela-se com gema e assa-se em forno quente.

FATIAS DE VINHO

4 a 5 pãezinhos cortados em 4 a 5 fatias cada um, 5 ovos, 1 copo de vinho, açúcar e canela.

Batem-se os ovos com o vinho, embebem-se as fatias de pão, fritando-se logo em seguida em gordura quente.

Polvilha-se com açúcar e canela, põe-se em uma vasilha, derramando-se por cima uma calda de vinho. Pode-se também fazer de diferente maneira, unindo-se as fatias, depois de fritá-las de duas em duas, com geléia de abricós, e polvilhando-se com açúcar. Servem-se com calda.

GLACÊ MARRON DE ESPIRRAR

1 a 2 colheres-de-sopa de chocolate ralado ou em pó, 1 a 2 colheres-de-água. Põe-se o chocolate e a água numa frigideira, deixa-se amolecer um pouco e mexe-se até a massa ficar lisa.

ROSQUETES

6 ovos, 2 colheres de manteiga, 1 colher de açúcar refinado, 1 colherinha de sal, 1 colher de fermento, 1 colher de cachaça.

Mistura-se tudo com os ovos. Leva apenas a quantidade de farinha suficiente para estender a massa, que se sova. Fazem-se as rosquinhas, pondo-as na água. Quando voltam à tona, mexem-se bem e retiram-se, pondo-as sôbre um pano sêco. Depois de sêcas, vão ao forno quente, tendo-se o cuidado de não tirá-las antes de estarem bem assadas, senão murcham. Cobrem-se com açúcar bem batido e dexam-se secar.

RECHEIO DE QUEIJO PARA SANDUICHES

2 xícaras de queijo ralado, 1 xícara de leite, 4 gemas, 1 colherinha de mostarda, 1 colher de manteiga, sal, pimenta.

Mistura-se tudo, leva-se ao fogo, acrescenta-se depois a mostarda, o sal e a pimenta e deixa-se ferver um pouco, até engrossar. Depois de frio, untam-se as fatias de pão com esta pasta, arrumando-se e cortando-se os sanduiches conforme a fantasia de cada um.

## RUMO A PORTUGAL



**Pelo vapor «Alcântara» embarcou com destino a Portugal, em viagem de recreio, o Comendador Armando Vieira de Castro Gomes, acompanhado de sua exma. família. Focalizamos acima um aspecto do seu embarque entre amigos e funcionários da Casa Granado.**

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

**Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".**

**Acaba de sair a 11.ª edição — Preço: Cr$ 60,00.**

**Pedidos para o interior à LIVRARIA FRANCISCO ALVES.**

RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

**FERRO ARSYLOSE**

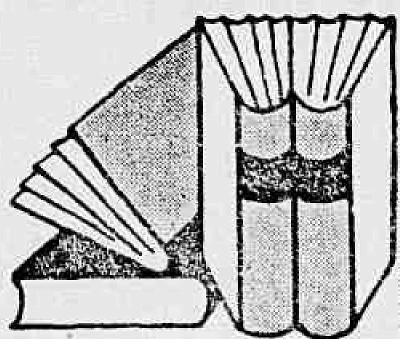
**Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock Contra fastio e anemia, só FERRO ARSYLOSE**

Pedidos do interior a **ARAÚJO FREITAS & CIA.** — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — RIO DE JANEIRO

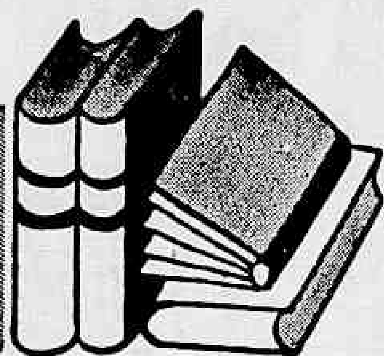



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 505, para remessa do programa e bases do Curso.



# SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

## ÁLBUM DE FAMÍLIA



*MURILO MENDES, que acaba de completar meio século, acontecimento que todos festejamos com a cordialidade de que se fêz credor, tanto pela altitude de sua poesia, como pelas extraordinárias virtudes do homem, é apontado hoje como um dos grandes poetas brasileiros. Não é êste o momento de apreciar sua obra, das mais significativas desta idade de nossa história literária. Os estudos que tem merecido, já nos deram o plano de sua situação, de sua singularidade, de seu gênio, revelando-nos em Murilo uma das vozes mais nobres e profundas de nossa lírica, assim como estar nêle, também, com o dom poético, uma das mais complexas e harmoniosas personalidades de artista de nosso tempo.*

# RECITAL POÉTICO DE MARTINHO SEVERO

*MARTINHO SEVERO, cantor e declamador português, há muito radicado entre nós, ofereceu aos seus amigos e admiradores um recital poético, no auditório da A.B.I. Com um amplo e variado programa, em que se incluíram clássicos e modernos, românticos, simbolistas e parnasianos, tivemos nesse recital, uma notável revista de poetas, onde, ao lado de Camões e António Nobre, ouvimos versos de Fernando Pessoa e José Régio, além de poemas de Cruz e Souza e Augusto Meyer. Martinho Severo não é um simples declamador, mas um artista do monólogo, um verdadeiro intérprete de poesia, diante do qual esquecemos tudo o que já se disse contra a declamação, graças ao exibicionismo que tem sido a única virtude dos recitadores de poesia. Martinho Severo poderá não "recriar" o estado de alma do poeta, êsse ato impossível em que Aragon baseou sua crítica da declamação, de certa forma fazendo a crítica de todo o teatro. Mas, êste artista dá-nos uma "mise-an-point" dos valores exteriores e intimos dos poemas que interpreta, vale dizer, fazendo-nos sentir os poemas sob outra forma, intensamente, como que "representando" pela voz, pela inflexão, pela valorização das palavras, os poemas que declama — palavra que, no seu caso, está distante do ato que representa.*

*Com isso, devemos assinalar também que cabe a Martinho Severo ter servido muito à divulgação dos novos poetas portuguêses entre nós, particularmente no caso de Florbela Espanca que, até sua vinda ao Brasil, era um nome pouco e mal conhecido aqui. Foi a propaganda e, sobretudo, as interpretações que nos deu, em reuniões particulares, dos admiráveis sonetos de Florbela que, aos poucos, foi vencendo a ignorância ou a reserva que havia em tôrno dela. Agora que o seu livro de "Sonetos Completos" já circula, com um prefácio inteligentíssimo de José Régio, parece que até os modernos mais ortodoxos já não vêem com antipatia a obra sincera e eloqüente da apaixonada poetisa de "Princesa Desalento". Florbela é, hoje em dia, um nome bastante popular no Brasil e isso se deve em grande parte a Martinho Severo, que a interpreta admiràvelmente, como, de resto, a todos os poetas que costuma apresentar.*

*Êste foi o primeiro recital público do artista português, no Rio. Desejamos que outros a êle se sigam e que Martinho Severo procure a sala mais ampla do Municipal, onde poderá conhecer êxito igual ou superior ao de Berta Singermann, a cujo merecimento não fazemos qualquer injustiça, afirmando que Martinho Severo é um dos mais pessoais e expressivos intérpretes de poesia que temos conhecido, um artista singular da dicção, com um repertório eclético e significativo, onde sobressaem os modernos, com isso somando-se o fato, de especial importância para nós, qual seja o de recitar em nossa língua.*

## Variação

**(Para Fernando Goes)** — **REYNALDO PAISÃO**

*Sim, a janela está cada vez mais fechada*
*e a mesa continua cada vez mais esquecida...*
*Todos os homens estão definitivamente mortos*
*e, agora, já não há terra para todos os mortos...*
*Seria o mundo um campo de flores decaídas,*
*se a Alegria renascesse no Amor...*

***Os anjos, porém, persistem no maior silêncio***
***e não houve um anjo sequer***
***que decifrasse todos os ventos...***

**(Do livro inédito: *"O Tempo do Cansaço"*)**

# NOTICIÁRIO

PARA divulgar — ou, digamos um pouco melhor: para divulgar ainda mais os poetas brasileiros de legítimos valor, a Editôra Minerva está preparando volumes de poesias selecionadas prefaciados por um de nossos jornalistas.



**UM LIVRO SÔBRE LENA HORNE**

**A famosa cantora negra americana, consagrada no rádio, no cinema e nos «night-clubs», acaba de ver seu nome nas vitrinas das livrarias, com título de um livro. Trata-se de uma biografia, contada pela biografada à autora da obra, Helen Arstein. Não é a primeira vez que isto acontece, pois também Josephine Baker contou sua vida para um livro. A obra é assinada por Helen Arstein e Carlton Moss, e como era de esperar-se, constitui um grande sucesso de livraria.**

Inicialmente, aparecerão Castro Alves, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.

★

Deixando, temporàriamente, o velho Hogendorp, figura realmente digna de estudos, o professor Roberto Macedo está preparando um livro sôbre Barata Ribeiro. Terminado o trabalho, voltará o autor a ser escafandrista, na ânsia de acabar com os mistérios que envolvem Hogendorp, o do crepúsculo de Homero e aurora de Vergílio...

★

Vem causando sensação nos círculos intelectuais de Nova York o aparecimento, em inglês, dos "Lusíadas". A versão é de Leonard Bacon, publicada pela Sociedade Hispânica da América.

★

Agora, que tanto se fala em cooperativismo, é justo lembrar a história dos homens que, na Inglaterra, em Rochdale, em 1844, se constituíram em pioneiros de tão fecundo sistema. No ano de 1933 a Livraria Francisco Alves dava a público a pequena bíblia da matéria: o livro de Holyoake sôbre "Os 28 tecelões de Rochdale", em tradução de Arquimedes Taborda.

★

Pouco antes de morrer, Goulart de Andrade realizou uma conferência, por sinal que esplêndida, para provar que Milton bebeu, amplamente, na generosa taça de Camões... O estudo foi estampado na Revista da Academia Brasileira de Letras, de pequena circulação. Poderia "Santa **Fernanda" — a sempre admirável viúva** do poeta — autorizar um dos amigos de Goulart de Andrade a promover a publicação, em livro, da erudita conferência.

★

NOVO ROMANCE DE MÁRIO DONATO

Apesar do fulminante sucesso de "Presença de Anita", que já se encontra em sétima edição, Mário Donato não se julgou com direito a dormir sôbre os louros conquistados. Trabalhador infatigável e dotado de grande imaginação, o autor de "Presença de Anita", mal o seu livro acaba de ser transposto para o cinema, vem de concluir um novo romance, que se intitula "Galatéia e o Fantasma". Nesse livro, através de 400 páginas, Mário Donato conta a história de uma mulher que consegue, na vida, materializar o seu ideal. Ela era uma neurótica que as circunstâncias, desde a primeira infância, tornaram cativa de um impressionante drama psicológico e incapaz de sentir o gôzo dos sentidos. O romance, portanto, é a história da sua fixação e do desenvolvimento de tôda a sua tragédia, que, afinal, se precipita quando ela encontra o homem em quem supõe a possibilidade de realizá-la como mulher e fazê-la realmente feliz. A esta altura, principia no romance o reverso da história de Galatéia, estátua esculpida por Pigmalião, que por ela se apaixonou. Ela, a heroína de Mario Donato, afeiçoa a imagem do homem à imagem do seu ideal, que, em resumo, não era senão... o que o próprio romancista se encarrega de contar no desfecho magnífico de seu livro.

**"Galatéia e o Fantasma", que é um livro de fundo psicanalítico, dentro de poucos meses será uma nova edição da Livraria José Olympio e mais uma vitória para o seu autor.**



**GIDE AO PIANO**

**— Um retrato precioso de André Gide, êste, feito pela famosa retratista Laure-Albin-Guillot: Gide ao piano. Como se sabe, o grande escritor há pouco falecido, teve paixão pela música, particularmente pela música de Chopin, sôbre a qual nos deixou um livro inteligentíssimo. Nem todos, porém, sabem que Gide também tocava piano, interpretando, de maneira muito pessoal, seus autores preferidos.**

# Fora do Prelo

**LIVROS RECEBIDOS** Recebemos os seguintes livros: A Face Perdida, Cassiano Ricardo; Epitá Pessoa, Laurita Pessoa Raja Gabaglia; Silva Mello e seus Mistérios, Sérgio Valle; A Hora Eterna, José Miranda de Castro; O Seguro Social, a Indústria Brasileira, O Instituto dos Industriários, relatório do engenheiro Alim Pedro, presidente do I.A.P.C.; Mural, Saldanha Coelho; Fiadeira, Eva Reis; Manual de conversação da língua Tupí, Faris Antônio S. Michaele; Todo Verdor Perecerá, Eduardo Mallea (tradução de José Lins do Rêgo); Poemas, Nair Miranda Pirajá; Ângulo e Face, André Carneiro; Narrativas de um Psiquiatra, Heitor Péres; Beijo, canção de amor, João Guimarães; Estância Assombrada, Ramiro Frota Barcelos; Os Párias da Cidade Maravilhosa, Dilermando Duarte Cox.

★

**FIANDEIRA — Eva Reis — Imprensa Oficial — Belo Horizonte.** Em cuidada obra gráfica da Imprensa Oficial de Minas Gerais, aparece êste livro de trovas do Eva Reis, com ilustrações de Julius Kaukal e Reis Júnior.

Para título de sua coletânea de quadras, a poetisa foi buscar em Olegário Mariano êstes quatro decassílabos:

«Linda Fiandeira de olhos claros, fia!
Fia, mas nunca deixes de cantar.
Eu tenho desconfiança que a alegria
Anda a querer fugir do teu olhar».

A seguir, vêm as trovas a que outro poeta, citado no pórtico do livro — Sebastião Noronha — reconhece de grande suavidade e ternura, sôbre serem espontâneas, singelas, sentidas e comunicativas.

Dito isso, de um livro de trovas, está dito tudo. Essas qualidades essenciais da trova, que parece ter conseguido Eva Reis, somam-se com a delicadeza feminina com que são apresentados os seus assuntos. Essa delicadeza não impede, entretanto, a ironia, nem mesmo a sátira que repontam, aqui e ali, por entre a música dos quatro versos.

Um exemplo da arte da nova trovadora montanheza que vem retomar as heranças ilustres daquela terra de troveiros, onde floriram tôdas as rosas de Belmiro Braga:

«Não tenho mêdo, em verdade,
Do corisco ou do trovão;
Bem mais forte é a tempestade
Que trago no coração!...»

Uma das amostras mais femininas destas redondilhas está nestes quatro versos:

«Tenho-te ciúme tão grande,
Tenho ciúme de tal sorte,
Que, depois de dar-te beijos,
Quisera te dar a morte.»

Êste livro de trovas femininas — bastante femininas, mesmo — não é, porém, uma obra desinteressada., indiferente: já disseram que as mulheres são incapazes de escrever, sem se confessarem «Fiandeira» é uma confidência, por mais que disfarce, nos quatro setessílabos, a alma lírica, apaixonada, impetuosa a que a poesia serve como derivação.

★

**OS CAPRICHOS DO TEMPO — Maryanna Heile - Edições Melhoramentos - S. Paulo** «A história do tempo impressionou-me bem. A autora conta com precisão e simplicidade o romance dos caprichos do mundo», afirmou, ao ler êsse livro, Griffith Taylor, professor de Geografia da Universidade de Chicago.

Apresentando, sob forma popular, o estado atual da ciência, dentro do assunto, Maryanna Heile (tradução de Anita S. Reis e ilustrações de Jerome Graham, edição da Melhoramentos para o leitor brasileiro) estudou e pôs em desfile, com linguagem singela: O ar que nos cerca; Dia e noite; Frio e calor; A água do ar; O vento; Trovão e relâmpago; Balões e aeroplanos; O metereologista.

E' volume que pertence à espléndida série O Homem e o Universo, das Edições Melhoramentos, o qual vem juntar-se aos seguintes: O que a terra nos dá; O princípio do mundo; Outros mundos além do nosso; Os homens de antigamente; Botânica Divertida.

## POESIAS DAS AMERICAS



**Dália Iñiguez, a bela poetisa e artista de Cuba, em uma escultura de Juan D'Aniello.**

★

**FLORICULTURA — João S. Decker - Edições Melhoramentos — S. Paulo.** A flor é tema patrocido com o amor: porque êste e aquela são de todos os dias, têm a mesma aparência de beleza e felicidade, e costumam ser duma fragilidade infinita.

João S. Decker não fêz poesia, a despeito do encanto e da delicadeza desta sua obra, já em segunda passagem pelos prelos: «Floricultura». Ao contrário: é trabalho em bases positivas, de espírito prático, pois ensina o que, a tal propósito, deve ser conhecido dos profissionais e dos amadores, dos chacareiros e das donas de casa.

Integrando a Biblioteca Criação e Lavoura, da qual é o volume S. «Floricultura» está cheia de gravuras elucidativas e de noções, que abrangem considerações gerais, sôbre o jard'm, e vão até ao índice sinonímico. Diante dêste índice, pensamos que a baronesa de Canindé, por exemplo, não pronunciaria, como qualquer de nós, «loto»: diria textualmente: Nelumbo Lotus...

★

**LIVROS RECEBIDOS** Recebemos mais os seguintes livros: O Cinema, de Georges Sadoult (tradução de Luiz e Thais L. de Vasconcelos): Farândola, de João da Silva Correia: A Lã e a Neve e A Curva do Caminho, de Ferreira de Castro; Don Afonso Henriques e Bancarrota, de Tomás da Fonseca: Alfeu e Aretusa e Banco de Três Lugares, de Maria de Lourdes Teixeira; Borba Sangue (edição de luxo, Pongetti) e outros livros de Neves-Manta; A Ceia dos Cardeais (edição de luxo da Livraria Clássica, Portugal), de Júlio Dantas.

★

**HISTÓRIAS DO RIO PARAÍBA — J.B. Mello e Souza — Editôra Aurora — Rio.** O autor explica, na apresentação da obra o denominador comum destas páginas de evocação — o rio, o Paraiba que tanto tem merecido de nossos poetas, pela sugestão de beleza do seu vale como de nossos economistas e sociólogos, pela uberdade da região e por sua missão histórica. Agora é um prosador que nos traz estas páginas de memórias, por assim dizer, relembrando o rio como uma referência sentimental da infância.

Mas J.B. Mello e Souza não se limita à área da evocação pura e gratuita, pois seu livro nos traz muito mais nestas recapitulações em que encontramos tipos e lendas, história — e não apenas histórias — paisagens e figuras, tudo com uma contribuição muito apreciável ao conhecimento folclórico da região. Basta, no caso, as páginas consagradas a «Monge Velho» — esse desconhecido herói de noss bandeirismo que está aí a tentar um artista de nosso neo-indianismo, como tema para uma epopéia, uma ópera, um ballet, para constatarmos o inestimavel valor do livro.

Há muito, entretanto, na obra, de saborosa revisão de um tempo, de costumes, de personagens, como hoje a provincia não nos dá mais. O pitoresco e o colorido, o poder de recortar as paisagens nesse mundo entre o rio e a montanha, pois aos alcantis da Mantiqueira sobem das margens do curs dágua, fazem de «Histórias do Rio Paraiba», com seu estilo simples, sua linguagem correta — mesmo quando recapitula o linguajar matuto ou a africanização do idioma — um inestimáve repositório de tradições, de leitura sempre agradavel e muito interessante.

De certa maneira só o mar tem lastreado a investigação de nossos escritores. Nossas regiões fluviais, n interior, ricas de material de tôda a ordem e, em particular, com inexplorados tesouros folclóricos, permanecem desconhecidas. Como os próprios rios também corremos para o mar, com o seu mistério secular, seu prestigio cósmico, sua sedução exótica, fácil à inspiração, abundante de assunto poetico tanto como de água. Entretanto, para qualquer país, são os seus rios os verdadeiros conformadores de sua geografia, física e humana. Entre nós o fenômeno deve estar evidentemente ligado à civilização de fundo e de desenvolvimento marítimo. Herdamos o mar, o extenso mar, Atlântico, tanto na geodésia, como em Tordesilhas, copos, antes de tudo, dos Descobridores. Sob certa forma, somos os últimos alunos de Sagres. Por outro lado, a selva invisa de nosso «hinterland» tem dificultado a civilização, a cultura, a partir do simples ensino. Assim, o rio não nos tem dado, como em outros povos, o seu acervo literário. Como as próprias paisagens que êles percorrem, entre florestas, suas riquezas literárias são matas virgens, com raras exceções, como no caso do Amazonas e, mais recentemente, no do São Francisco, cujo lendário vem merecendo a atenção de estudiosos e comentaristas. O livro de J.B. Mello e Souza representa, por isso, um grande passo, no sentido do conhecimento da função espiritual de nossos rios e abre uma picada, a facilitar um novo rumo para o nosso melhor conhecimento.

## UM POEMA DE JOSÉ ESCOBAR FARIA

*As infantas de olhos vagos*
*sonham, cantam pela tarde.*
*Passam nuvens, céu profundo,*
*sôbre os sonhos descuidados...*

*As infantas de olhos claros*
*sonham reinos de romança,*
*cantam pelo que há de vir*
*entre os idos da lembrança...*

*Ó infantas que cantais*
*e sonhais nos verdes anos,*
*vêde os vossos tristes olhos*
*nos futuros desenganos...*

(Do livro: *"Poemas de Câmera"*)

## POEMA

(Vicente Augusto Camicelli)

*Não sei que antiga voz*
*Em mim se move e fala*
*Quando mudo contemplo meu pas-*
*[sado.*
*Quem desejaria falar com minha*
*[fala*
*Se outrora narrado não o fui sequer?*

*Penso-me, e pensar*
*E' andar vazio como a hora*
*E um passado antecipado por viver*
*Que não é dentro nem fora*
*Existe n'algum ser que não sou*
*E estou a ser.*

*Não sei se agora houve ou quando*
*Indômita vontade de parar a vida.*
*Quando é que morre meu tenente*
*[de comando?*
*Quando é que irá surgir outra par-*
*[tida?*



## NOTICIÁRIO

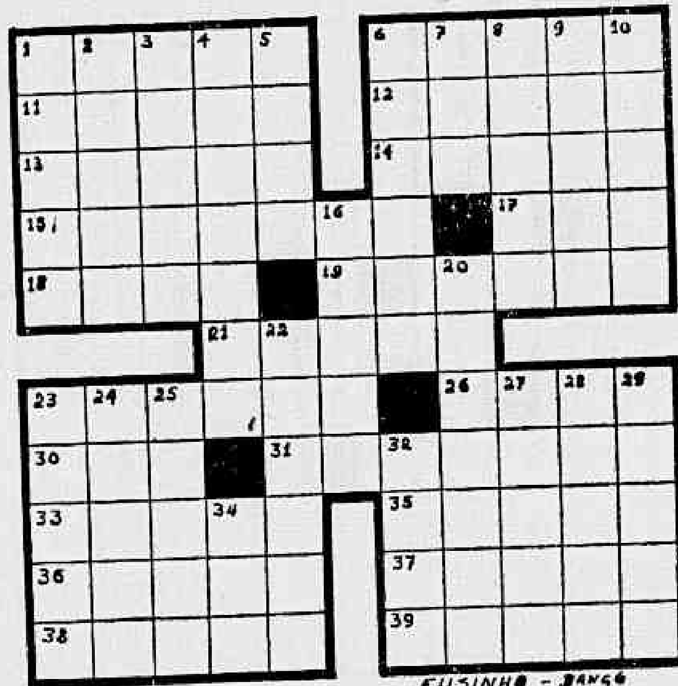
### ISABEL DE CASTRO, ATRIZ DO CINEMA PORTUGUÊS ESTRÉIA-SE COMO ROMANCISTA

Nas montras das livrarias portuguêsas apareceu há pouco um novo romance que tem para a gente do cinema um especial interêsse: trata-se da obra intitulada "Antes da Vida Começar" e assina-a Isabel de Castro, nome que já hoje fixaram os freqüentadores dos cinemas. A romancista agora revelada é, com efeito, a mesma atriz de "Viela", de "Fogo", de "Herois do Mar" e de outras produções rodadas em Lisboa, Madrid e Barcelona, onde a sua presença cheia de suavidade ficou em criações assinaladas pela naturalidade e simplicidade de processos.

Se as possibilidades e até o valor duma cinematografia se pode aferir pelas personalidades que lhe oferecem a sua colaboração, e se ao prestigio duma arte, tantas vêzes prejudicada pelas suas eras de expansão feirante e pela sua fácil repercussão popular, corresponde ao prestigio e ao nivel dos seus nomes mais representativos, a carreira literária de Isabel de Castro é mais um auspicioso indicador dos tempos novos do cinema luso.

# PALAVRAS CRUZADAS

## PROBLEMA N.º 54 -- PARA VETERANOS

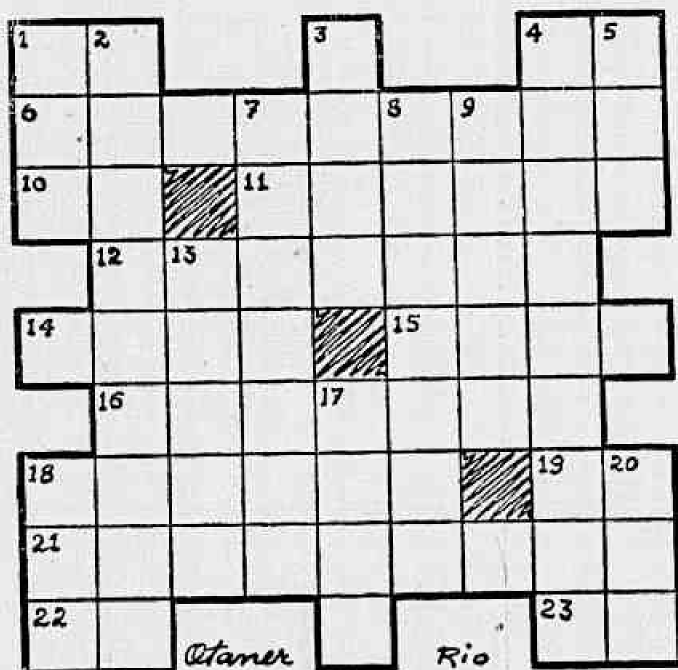


HORIZONTAIS: — 1. Domesticador de serpentes — 6. Nocivo — 11. Junco com que se entretecem assentos de cadeiras, etc. — 12. Patos reais — 13. Balofa — 14. Diferenças constitutivas entre o macho e a fêmea — 15. Sol forte e ardente (pl.) — 17. Duração sem fim — 18. 5º filho de Sem — 19. Negros da Oceânia, na Nova Guiné — 21. Embarcação dos mares do Norte (pl.) — 23. Exorbitar — 26. Êreo — 30. Certo jôgo de cartas — 31. Planta da família das Curcubitáceas — 33. Instante — 35. Charque (pl.) — 36. Espécie de dorna (pl.) — 37. Ferro-velho — 38. Amargurado, penoso — 39. Simples.

VERTICAIS: — 1. O que é ordinário, trivial — 2. Estado comatoso — 3. Romana — 4. Autênticas — 5. Região da Arábia, sôbre o golfo Pérsico — 6. Capital da ilha da Nova Calodónia (Lucaias) — 7. Canto — 8. Pituim — 9. Conserta — 10. Namoradas — 16. Limalha — 20. Escrava romana que penteava e perfumava as tranças de sua ama — 22. Ramudo — 23. Paga — 24. Despojo do inimigo vencido — 25. Grande estabelecimento de fabricação industrial — 27. Série de duas partidas no jôgo do whist — 28. Italiano — 29. Ofendidos — 32. Fecham as asas para descer mais depressa — 34. Grande lago.

★

## PROBLEMA N.º 54 -- PARA NOVATOS




HORIZONTAIS: — 1. Nota musical — 4. Mil e cinquenta — 6. Médico — 10. Tecido finiss'mo — 11. Vaso de barro com asas — 12. Formação de pedras ou cálculos em qualquer cavidade do organismo — 14. Varredor de ruas -- 15 O que não é comum 16. Domesticária — 18. Fizera pose — 19. Aqui — 21. Relativas a Erasmo, humanista holandês — 22. Sadia — 23. Feminino da terminação «ão».

VERTICAIS: — 1. Substância formada pelas abelhas — 2. Que isola — 3. Içai — 4. Exploração das minas — 5. Discurso laudatório — 7. Derradeiras — 8. Pegai — 9. Determinai o peso — 13. Cheia de ira — 17. Instrumento de ataque ou de defesa — 18. Eases — 20. Membro empenado de ave.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 53

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Balas — Tamís — Ril — Tom — Vagos — Lavar — Ala — Aramaré — Ema — Lagar — Ribas — Isar — Medra — Musa — Orças — Ardís — Pífia — Lutam — ócio — Zelos — Rito — Casso — Latir — Ala — Própole — Ore — Raios — Sitos — Ode — Arú — Ídolo — Arara.

VERTICAIS: — Ara — Ligar — Alor — Atar — Mover — Imã — Valia — Vagão — Sages — Lavra — Rebus — Casas — Lãs — Mas — Arroios — Imitara — Matiz — Aréus -- Tocar — Pisar — Aedos — Logos — Mitos — Côres — Cal — Tir — Ópido — Letra — Roel — Liar — Acd — Our.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Tal — Aca — Ir — Ri — Agronomia — Rir — Noa — Nai — Toa — Milésimos — An — Só — Lar — Rol.

VERTICAIS: — Tia — Argentina — Crimonoso — Aia — Orate — Ni — Ornai — Os — Mal — Sol.

**Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS**

## BILHETE PREMIADO

(Cont. da pág. 24)

Confesso que nunca almejei riqueza e, assim sendo, nunca trabalhei para isso e muito menos pensei em consegui-la com o jôgo, a despeito da cidade inteira se entregar à jogatina dando a exata impressão de um grande cassino. Mas, diz o provérbio, "quem está na chuva é para se molhar" e, vivendo naquele ambiente de jôgo era quase impossivel que um dia não me visse forçado a partilhar dêle também. O Banco, como a maioria das casas da cidade, tinha o seu fornecedor de bilhetes. Era um velhote que fornecia essa estranha mercadoria" a crédito para ser paga no fim do mês. Aquilo era rotineiro e os funcionários, à medida de suas posses, compravam um, dois ou mais bilhetes por mês. Certo dia o velho me ofereceu um bilhete e como eu recusasse êle me enfiou um no bolso e se foi. Só por acanhamento não o devolvi.

À tarde a notícia estorou como uma bomba: Eu havia ganho a sorte grande! Sim senhor! Dois milhões de cruzeiros!

Era o caso para me emocionar e até perder a fala, no entanto me conservei impassivel diante da notícia. A súbita riqueza não conseguiu alterar os meus nervos. Notei porém a profunda diferença de tratamento que daquela hora em diante começaram a me dispensar. O gerente que nunca ousou responder aos meus cumprimentos bateu-me carinhosamente nas costas e disse: "Então "seu" Sanches, quem diria!". Levaram-me para a casa de loterias e me fizeram tirar o retrato com o bilhete sôbre o peito. Nessa ocasião muitos conhecidos se postaram a meu lado para sair na fotografia comigo. O Banco se encheu de gente. Todos queriam me abraçar. A conselho dos próprios funcionários, daquele dia em diante, deixei o meu emprêgo.

Mal podia pensar que naquele bilhete premiado com a sorte grande, onde todos supunham estar a minha felicidade, estava o germem de uma tragédia. Dai por diante a minha vida tornou-se outra, e não foi sem alegria que notei o estreitamento da amizade do meu amigo Antônio que não me deixava um minuto. Foi quando descobri a única vantagem que me podia trazer aquela fabulosa riqueza. Era a realização do meu sonho, a conquista daquele amor. Passei a ser a figura mais considerada naquela casa onde todos me cercavam de grande provas de atenção que me teriam confundido e revoltado se a minha candidêz não me impedisse de ver naquilo exclusivamente o interêsse. Não demorou uma semana, o pai da Iolanda interpretando o desejo da família tôda reunida na sala de jantar, me declarou oficialmente noivo da filha. O resto todo o mundo pode imaginar, foi a dilapidação da minha fortuna. O meu futuro cunhado me aconselhou a compra de um grande terreno, um capinzal, que, disse êle, era de rápida e certa valorização, um grande negócio enfim. Não me ocultou que como corretor ganharia apreciável comissão. Eu com tudo concordava porque só me interessava viver em paz com aquelas piranhas para que o casamento se realizasse o mais depressa possivel e a meu ver dois milhões, mesmo para gastar, levaria tempo. A Iolanda despediu as duas mocinhas que a auxiliava nas costuras e abraçou o firme propósito de viver no mais refinado grã-finismo.

À sua instância comprei um reluzente automóvel da melhor marca. Como não sabia dirigir, os vendedores puseram à minha disposição um motorista para dirigir o meu carro enquanto eu não tivesse a necessária habilitação. O prefeito prontificou-se a fornecer-me uma carteira provisória que me facultava dirigir o carro como qualquer profissional antigo. Aquelas facilidades me aterravam! Ganhei tanto poder como um potentado indiano. Tudo era possivel para mim. Os objetos com os quais jamais havia sonhado foram motivos de compras. Móveis, geladeiras, rádios, — dois, um de cabeceira e outro grande para sala de janatr — roupas em profusão, para mim e para a minha futura família. O casamento marcado para o fim do ano, foi antecipado com receio naturalmente que eu pudesse antes daquela data tomar outra deliberação que viesse pôr em perigo a situação daquela gente. A Iolanda, industriada pela mãe, certamente, manifestou-me êsse desejo. De resto, isso era muito fácil para quem possuia tanto dinheiro. Com a vida de casado os gastos recrudesceram e eu sem ser precisamente um homem econômico notei, muito cêdo, que aquela mulher era de manutenção dispendiosissima. Presenteava as pessoas amigas e parentes com uma generosidade que apavorava. Todos os dias tinhamos o que comprar. Quando em nossa casa que era enorme não cabia mais nada, tratou-se de substituir o que existia, pois era a única forma que restava de gastar dinheiro. Eu assistia indiferente àquele tufão financeiro e não me intranqüilizava o futuro sombrio que fatalmente havia de chegar, pois, a fortuna só me interessava em função do meu amor. Entre as pessoas que freqüentava a nossa casa com assidui-




ALBERTO MANES — Rio — No momento, o que nos propõe, não interessa.

ALEIXO CORREIA NETO — Guarapuava, Paraná — Recebemos e passamos à Comissão Julgadora. Queira aguardar.

AUGUSTO RAMALHO — Campos do Jordão — Tomamos nota. Espere novos informes.

MOACYR DUARTE — Natal — Foi aprovado o seu conto «Seu Isaac do Bazar Monte Líbano». Está muito bem urdido. Continui, mas procure melhorar sua ortografia de acôrdo com o sistema da simplificação e acentuação em vigor.

ANTÓNIO ERNANI — Salvador, Bahia — «A vingança do Dr. Gaspar» já está em mãos dos ilustradores e deverá sair dentro em breve. Mande-nos outros, pois o amigo tem muita inclinação para o gênero literário.

J. THALES — Rio — Vamos ver o que há com o seu «Pai João» e, em outra edição lhe daremos notícias.

O.A.P. — Ipiranga, S. Paulo — O seu conto intitulado «Um compromisso com alguém», está com os julgadores. Queira aguardar o resultado.

LUIZ TEIXEIRA FERRO — Rio — Vamos verificar.

LUIZ PEREIRA LEMOS — Niterói — Aguarde novas notícias.

F.M.F. — Rio — Seu conto, «O palacete da montanha», embora acuse certo pendor para o gênero literário, se ressente de faltas muito graves em literatura. Uma delas é a balbúrdia das idéias. Ainda bem não termina uma cena, outra surge de permeio, sendo, logo depois seguida de outra e outras... Não, menina! Assim o leitor não pode fixar bem o enrêdo, que, embora com muitas personagens, deve seguir uma certa ordem lógica para ter clareza. Mande outro em mais perfeitas normas.

C. dos A.M. — Rio — Faça um cursozinho de português, meu caro, e volte. Não creia que se possa ser literato, escritor, poeta, jornalista, ignorando certas bases de nossa lingua. Nem sempre linotipistas e revisores estão de pachorra e consertam o que está errado nos originais. Assim é de mais Eis a razão por que o seu conto «Um amor desfeito», ficou evaporado...

B.V. — Belo Horizonte — Impossível aproveitar seu conto. E' politico, sem aplicação em nossa Revista.






CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

**VINHO CHICO MINEIRO**

**Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.**

**EUTRICHOL ESPECIAL**

**que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.**

**À venda nas boas Farmácias**

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

**LEITE DE ARROZ**

**Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.**

**(Exigir a embalagem verde)**

**MULTIFARMA**

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

**VARIZES EM SENHORAS**

E HEMORRÓIDAS EM GERAL

**Novo tratamento sem operação e sem injeções**

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (nas pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



**Hemo-Virtus**

H-10-4 Ag. Pestana


dade estava o ex-namorado de minha espôsa, o Fernando, rapaz simpático que exercia a profissão de contador e segundo diziam era muito competente. Sendo amigo comum, meu e de meu cunhado não era estranhavel que passasse a ser **amigo da casa.**

Mais cedo do que eu esperava a nossa "mina" deu sinal de exaustão. A primeira hipoteca foi a do terreno e a essas se seguiram outras e a impossibilidade de pagar acarretou a perda irremediável de tôdas. A situação financeira ia-se agravando de dia para dia. Ao fim de certo tempo já estávamos bem próximos do ponto de partida. Foi quando resolvemos, por iniciativa do nosso amigo Fernando, mudar-nos para a capital onde, dizia êle, a vida era mais fácil e os negócios mais promissores. Êle conhecia bem contabilidade e sugeriu montarmos um escritório de contabilidade, representação e conta própria, isso com o derradeiro dinheiro que nos restava, uns cinco mil cruzeiros.

A mudança se fez e o negócio marchava a contento. E' bem de ver que tudo se fazia sem a menor consulta à minha pessoa que dali por diante passou a ser figura apagada. Tive em seguida a confirmação do que há certo tempo supeitava. Agora, longe dos parentes e dos conhecidos a Iolanda não teve mais a preocupação de esconder certas intimidades com o meu amigo Fernando. O escritório era na sala da frente e eu fui deliberadamente encarregado do serviço externo para deixá-los à vontade. Algumas vêzes encontrei-os em situações que não podia deixar a menor dúvida sôbre a natureza das relações que os dois mantinham e que não era de simples amizade. Certa manhã êles me comunicaram que eu devia fazer as minhas refeições na cozinha enquanto êles dois eram servidos na sala de jantar pela empregada. Às vêzes quando por qualquer coisa era obrigado a passar pela sala de jantar nas horas das refeições encontrava-os abraçados. Não tinham sequer o escrúpulo de fingir que me temiam. Eu via que aquela situação me aviltava mas me sentia cada vez mais preso aos encantos daquela mulher. Às vêzes queria rebelar-me contra aquêle estado de coisas mas a minha alma irresoluta contemporizava e eu ia adiando. Minha vida tornou-se um tormento. Passava as noites em claro a olhar pela janela horas sem fim sentindo o frescor da brisa e só me recolhia ao despontar da aurora, imerso em profunda dor! Às vêzes tinha idéia de abandonar aquela casa mas só em pensar em ter que deixar aquela mulher sentia um apêrto no coração. Por fim tomei a deliberação de eliminá-la e embriagado de amor e ódio resolvi que aquela situação devia terminar. Fui à minha mala e de lá tirei o meu velho "H O", revólver que me veio parar ás mãos nem sei como. Carreguei-o e meti-o no bolso. Era de madrugada. Com quanta ansiedade esperei que o dia surgisse! Na hora do café quando passei pela sala de jantar e vi os dois enlaçados fiquei como que alucinado e num supremo desespêro, proferindo impropérios saquei do revólver e disparei a esmo sem fazer pontaria.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Soube na cadeia que havia matado o Fernando e ferido gravemente a minha espôsa O julgamento não demorou. Fui absolvido pela invocação de "legítima defesa da honra". Os auxiliares e funcionários da justiça compadecidos da minha situação se cotizaram e me deram algum dinheiro que muito agradeci. Andei perambulando pela cidade sem destino. Por fim resolvi partir para cá. Podia ter tomado mil caminhos diferentes pois nada eu tinha que fazer aqui nesta cidade que já fôra minha mas que agora só podia encontrar o opróbio. Mas o destino já havia armado a mão que me devia abater, e, assim, uma fôrça misteriosa e incoercivel me impelia para aqui. Era o designio da Fatalidade e precisava ser cumprido. E assim foi. Pela madrugada estava eu à espera do trem alheio àquêles apitos, gritos, imprecações e a tôda aquela multidão que se agitava em tôrno de mim. O meu passado que eu via através de densa névoa me parecia desligado do presente, tal o meu torpor. Embarquei. Era setembro e os cafesais estavam floridos. Aquela visão tão doce para mim em outros tempos passava agora diante dos meus olhos indiferentes. Quando o trem parou aqui na estação, já era noite. Esperei que todos os passageiros descessem pois eu não sabia o que ia fazer. Resolvi apear. Mal dou alguns passos deparo uma figura conhecida, uma senhora com o olhar de ódio com as feições transtornadas. Era a mãe do Fernando. Quase a queima roupa ela dispara tôda a carga sôbre mim. Senti como que um ferro em braza atravessar meu peito.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

**Por isso aqui estou no reino da bem aventurança, onde, a ausência da dor é absoluta, o que prova quão pueril é o terror da morte e que é também um desmentido para os que pensam que a morte é o portal do Nada.**

## A INTELIGÊNCIA OU A. . .

(Cont. da pág.17)

— Um coração de mãe, — pensava, — nunca se engana! E respirava satisfeita, espumando dentro de si todo o orgulho há tanto acumulado. Não era ela a genitora da fascinante Isabel? A quem se devia todo aquêle espetáculo de arrebatadora beleza, senão a ela, a mãe — a semente da qual germinara tôda aquela formosura?! Era mesmo de tontear um cérebro de mãe!

Não havia quem pudesse resistir aos encantos mágicos daquela moça. Ela não parava de dançar; não a deixavam um minuto. Eram tantos os pedidos que não podia negar-se.

O prêmio — já se sabia! — ia ser para aquela Rainha. Nem se cogitava de outra caididata. Era preciso, no entanto, esperar, como estava combinado, o toque da meia- noite, para a entrega do brinde. Até as senhoras que, sentadas e enfileiradas em derredor do salão, tinham mordido os lábios de despeito com a chegada da "Maria-Antonieta", já estavam conformadas com a sorte: Não podia haver competição; a filha do Poeta era a única!

★

A dança continuava no seu auge de animação. A orquestar tocava com delirio, animando os passos, amortecendo os pensamentos...

O sr. Souza, preocupado, consultava o relógio. Faltavam poucos minutos para meia-noite! Estava ansioso por entregar o prêmio. Podia fazê-lo desde já — pensava. Há muito que a candidata estava unanimemente escolhida, e, depois, àquela hora já não chegaria mais ninguém...

Enquanto se debatia nessas conjecturas, como atraído pelo subconsciente, lançou um olhar vago para o portão... Que diferença lá fora! — observa — lá o silêncio e a escuridão, enquanto aqui reinam a luz, a música e a alegria, e, dentro de sua própria alma, uma satisfação inaudita...

Mas eis que, olhando melhor, deparou com um vulto no portão... qualquer coisa escura e pequenina — vindo da rua deserta. Era alguém que se aproximava... Coisa inesperada, um mascarado esquisito àquela hora! Quem poderia ser? Para a casa... dêle... aquilo?! Era lá possivel uma afronta dessas? Era só o que faltava! — disse entre dentes. Vendo que o vulto pequenino se aproximava resoluto, — decidido, com o sangue a ferver-lhe nas têmporas, foi ao encontro do insignificante mascarado, para embargar-lhe a entrada.

★

Vestido de um esmirrado arlequim de estôpa, com bastante remendos dos mais variados tamanhos, côres e tecidos, o mascarado dava a impressão do que havia de mais pobre. Como era horripilante aquela criatura de Deus! Não podia mesmo ser para o seu salão festivo — pensou, e concluiu — naturalmente estava a delirar! Eis, no entanto, que aquêle mascarado, obscuro e ousado, chega-se, segreda-lhe algumas palavras que o tonteiam, e dirige-se, sem hesitação, para o salão de dança... Reagindo contra a perplexidade que, no primeiro momento, sufocara o seu gesto, o sr. Souza procurou ainda tolher os passos ao intruso... Era tarde! Estupefato notou que o Arlequim de aspecto duvidoso, remendado, em vez de causar asco, estava despertando a maior admiração por onde passava. Provocava risadas, aqui e acolá...

Os pares-dançantes paravam no meio do salão. Rapazes abandonavam suas damas. As senhoras obesas, que guarneciam as cadeiras ao longo das paredes, se levantavam. Era um entusiasmo geral! Um delírio! Rapazes-dançarinos ambicionavam ao menos a honra de uma contra-dança com aquêle interessante enigma. Outros contavam seguir o misterioso Arlequim; queriam beber-lhe as palavras rimadas, sorver-lhe a fina ironia, tão bem posta em quartetos inéditos. Tão divertido que era com suas quadrinhas! — Quem seria o autor? Que mistério! Que enigma insondá-

(Cont. na pág. 45)

**Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.**





e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



## B A L L E T . . .

(Cont. da pág. 27)

A realização de temporadas anuais de Ballet já é uma tradição entre nós. De uns dez anos para cá, temos visto ballets russos e franceses nos mais variados estilos. Mas êste ano o nosso público assiste a uma sensacional novidade, ou seja, a exibição do Grande Ballet Norte-Americano do Ballet Theatre de Nova York. Fundado em 1940, de então até hoje, só tem alcançado sucessos artísticos o já famoso "The American National Ballet Theatre", que a sociedade carioca tem oportunidade de ver e admirar nesta temporada.

---

## NA ILHA DAS FLORES . . .

(Cont. da pág. 21)

parte sem encontrá-lo. Exausta e desanimada sentou-se na relva e chorou. As lágrimas de angústia que rolaram pelas faces puras de Maria, caíram sôbre as florzinhas brancas que pontilhavam o relvado. Ao divino contato, as flores tornaram-se azuis como os meigos olhos de Nossa Senhora. Assim teriam surgido os miosótis". Também a flor conhecida como "Coroa Imperial" tem a sua história para justificar a floração contrária às leis da natureza. Contam que foi a única flor que não emurcheceu com o sofrimento de Nossa Senhora, daí o castigo de florescer com as pétalas para baixo, deixando cair de quando em vez uma lágrima de dor.

Os animais também servem de tema para as lendas. Sempre ouvimos afirmar que o jumento, o cão e a andorinha eram abençoados e o gato amaldiçoado. A curiosidade infantil levou-nos a indagar por quê? E a preta velha de casa explicou: "Quando a Sagrada Família — Jesus, Maria e José — atravessava o deserto, Nossa Senhora procurou abrigo na sombra de uma árvore. Para evitar o fácil encontro dos fugitivos pelos perseguidores, a tamareira arriou os galhos até ao chão, a andorinha ciscou a areia apagando as pegadas, enquanto o cão ia buscar água e o jumento procurava aquecer o Santo Menino. O gato, que tinha parte com os judeus, urinou na água, daí serem a andorinha, o cachorro e o jumento abençoados por Deus e o gato amaldiçoado."

No Brasil, como entre todos os povos católicos, os templos estão, quase sempre, envoltos em lendas criadas pela ingenuidade popular. De origem européia é a encantadora lenda que Graça Aranha em "Canaan", põe na bôca de um colono alemão, cujo sentido é mais ou menos êste:

"Uma freira apaixonando-se loucamente por um viandante, que passava pelo convento, abandona tudo e segue o objeto de sua paixão. Não dura muito a fase de encantamento. O sedutor abandona-a à sorte amarga e a pobre criatura desce todos os degraus da perdição. Um dia, debatendo-se no lôdo do seu infortúnio, volta ao convento, mas não tem coragem de entrar. Cai de joelhos chorando a sua desgraça, quando pressente que a porta está aberta. A mêdo penetra no convento. Ouve o som de um canto de Angelus que vinha do côro das freiras. Pára indecisa, genuflexa pede, sinceramente arrependida, perdão pela sua falta. Ao erguer os olhos vê diante de si Nossa Senhora, que lhe diz meigamente: "Vai, filha, procura a tua cela. Ninguém notou a tua falta porque eu tomei o teu lugar durante tua ausência."

Há, entre as rendeiras de Santa Catarina, um preceito intransigentemente observado: *não trabalhar em dia santo*. Sôbre essa superstição ligada ao tema da proteção de Nossa Senhora e dos esponsais gira esta lenda bucólica, simples e encantadora.

"... A Belinha, uma rendeira já falecida há alguns anos, não era capaz de faltar às missas. E' que quando ela era bem moça deu-se um fato que assombrou tôda a redondeza. Tinha uma encomenda importante para entregar em dia certo, mas havia ainda um dia de trabalho seguro, dos luzeiros do dia até ao sertão alto à luz de querozene. Ia começar a trabalhar quando a mãe a fêz guardar a almofada, não a deixando rendar por ser dia de Nossa Senhora. Ficara zangada, fizera até malcriação. Não que não tivesse fé na santa, mas precisava muito acabar a encomenda. Era de freguês certo e com aquêle dinheiro é que iria fazendo o enxoval. Se perdesse o freguês que seria dela? Largou a renda e foi cuidar dos trabalhos caseiros. A renda, porém, não lhe saía da cabeça. Passou o dia todo mal satisfeita e nem foi com o noivo dançar a "ratoeira" na casa de um vizinho. Depois do têrço meteu-se em casa e foi dormir cedo. Alta noite acordou com uma claridade estranha iluminando a casa. Viu então u'a moça linda, tôda vestida de luz, pegar na sua almofada e fazer renda, batendo os bilros com incrível presteza sem fazer bulha. Nem se pode mexer. Deu-lhe uma dormência pelo corpo, um quebrantamento, adormeceu novamente. Quando acordou pela manhã, correu para a almofada, e assombrada viu que a encomenda estava pronta. Chamou a mãe, as amigas, os vizinhos e não houve quem não acreditasse no milagre de Nossa Senhora."

Como esta, outras lendas correm o Brasil, onde encontramos o culto de Nossa Senhora — tipo imaculado, perfeito, magnânimo, sublime de mulher — sob várias interpretações, entre as quais se destaca Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil.

★

Às 14 horas regressávamos à ilha. Colocada na capelinha a imagem da santa, foi servido almôço a mais de 600 pessoas. Houve a disputa de uma partida de futebol entre equipes de jogadores de Niterói e depois começaram a funcionar as barraquinhas e o leilão americano. Para êste foi construído pelo sr. Florival Nascimento, enfermeiro do hospital da Ilha, interessante "maquette" de um couraçado. A garotinha Ana Maria, de 3 anos de idade, filhinha de D. Joselinda Santos, ficou encantada com aquela obra-prima.

Às 17 horas, juntamente com os drs. Ary Azevedo e Sydney Ribeiro, médicos da Ilha; dr. Oswaldo Gomes da Costa Miranda, diretor do Departamento Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho e o jornalista Luiz Storino, percorremos a ilha, que, na ocasião, tinha apenas onze imigrantes. Todavia, chegaram depois a primeira leva dos cinco mil, que foram escolhidos ùltimamente pelo nosso Departamento de Imigração no exterior.

Às 18 horas, tomamos a primeira barca rumo ao Rio, empreendendo, assim, a longa viagem de volta. A última condução sairia às 20,30 horas, por isso centenas de pessoas ainda ficaram divertindo-se na Ilha que é uma negação ao próprio nome, isto é, que tem de tudo... menos flores.

---

## O CONTÍNUO-VEREADOR

(Cont. da pág. 31)

tamos atenção: era um projeto criando melhoramentos para determinada rua de Nilópolis.

O orador fazia ver aos presentes a necessidade de urgentes melhoramentos para a dita rua. Dedo em riste, numa atitude patética de demagogo de subúrbio, ia expondo seus pontos de vista, ante a desatenção do plenário e as risotas do auditório. Dir-se-ia que aquêle espetáculo era o mesmo que o de uma jangada singrando os mares em dia de bonança. Mas a tempestade vinha em caminho. O líder da maioria, felizmente, para os presentes, quebrou o marasmo:

— "Por que V. Excia. só apresenta melhoramentos para a rua onde tem um loteamento de terreno?"

As veias do cogote do homem se incharam, sua voz conturbou-se, a assistência esperou ansiosa a resposta que haveria de ser pulverizante. E veio:

— "Porque moro em Nilópolis e V. Excia. no Grajaú..."

Risos gerais, o líder havia perdido o primeiro "round", mas a luta ainda não terminara. O orador prosseguia:

— "Vou contar uma fábula de La Fontaine..."

— "Ora, — responde o líder da maioria, — vá contar fábulas a seus filhos. E, para seu govêrno, o nome do homem é La Fontaine..."

— "V. Excia. é bobinho, é estupidozinho" — foi a única saída do vereador pulverizado.

O presidente, porém, quebra a seqüência de pulverizações anunciando que o tempo do orador está terminado. Suspiramos aliviados. Parecia que havíamos atravessado um século ouvindo baboseiras...

### COM A PALAVRA JOAQUIM DOS SANTOS

O presidente anunciou que o vereador Joaquim dos Santos ia usar da palavra. Pela assistência correu um "frisson" de expectativa e de gôzo "a priori" pelas palavras do contínuo. Êle iniciou sua oração... Palavras despidas de ornatos literários, porém, saídas do fundo d'alma. Combatia um projeto criando cargos na prefeitura municipal de Nilópolis. Passamos os olhos pelos seus pares, todos calados, ninguém ousa apartear o "comprido", porque quando êle se exalta...

Analisando as palavras do homem, despimos, por instantes, a capa irônica que pedíramos por empréstimo ao incomparável Eça de Queiroz e passamos a ver na voz de Joaquim, apenas a sinceridade de uma alma que luta pelo progresso do seu "habitat"; era um homem pobre que combatia a possibilidade de se darem os cargos, que se projetavam criar, a apaniguados políticos:

— "Que se faça concurso. Nada de panamás. Enquanto eu fôr vivo, não consinto numa indecência destas."

Mas o quincas já perorava o seu discurso. Depois de acabado o mesmo, foi encerrada a sessão. Descemos em companhia dos vereadores.

Quando acabamos de descer as escadas, um homem visìvelmente embriagado nos esperava, dedo em riste. Havia ouvido, pelo altofalante colocado do lado de fora da Câmara, tôda a discurseira. Investiu contra os vereadores e disse:

— "Vocês são umas múmias. Onde já se viu Nilópi cum zona urbana e suburbana. Num voto mais im ocês."

Os vereadores, sem exceção, cercaram o homem e se explicavam:

— "Eu num tava nessa sessão."

— "Eu votei contra."

— "Eu tô contigo."

Pelas desculpas, percebemos que o homem era político influente na localidade. Fomos apresentados ao prefeito que, em mangas de camisa, procurava saber da *turma da resistência*, aquêles que o defendem, como havia decorrido a sessão. Enquanto êstes explicavam, o "comprido" nos pegou pelo braço e nos levou até à sala do café, que é botequim do lado da Câmara...

### O CONTÍNUO JOAQUIM DOS SANTOS

No dia imediato, fomos encontrar o "comprido", no Senado, desenvolvendo forte atividade. Aplicava uma injeção em um, atendia a outro, corria ao telefone, levava um livro a certo senador, ia buscar café para outro, um comprimido para u'a moça, enfim, uma atividade pasmosa que o tornam indispensável a quantos o conhecem. Um homem extraordinário...

Os senadores, chamam-no "sua excelência", os jornalistas da casa o estimam tanto que, por ocasião do lançamento de sua candidatura, fizeram um manifesto ao povo de Nilópolis, manifesto êsse que o "comprido" não usou.

Dia três de outubro, Joaquim dos Santos almoçou calmamente, foi às urnas e voltou a casa para dormir. Foi com surprêsa, confessa êle, que dias depois os amigos lhe anunciaram:

— "Estas eleito, "comprido".

Emoção igual aquela, nunca mais terá, pensa êle. Igual só quando venceu, para o C. R. Vasco da Gama, o torneio de bicicleta Rio — São Paulo — Rio. Êle agora era "sua excelência o vereador Joaquim dos Santos".

### O "COMPRIDO" NA INTIMIDADE

Fomos, num domingo chuvoso à residência do Joaquim dos Santos. Ao chegarmos, pensamos que havia festa em casa, tão grande era o número de pessoas que lá se aglomerava. Mas o "comprido" nos explicou:

— Isso é assim mesmo. Minha casa é de todos.

Realmente, soubemos, por vizinhos que, altas horas da noite, com luar ou chuva, o Joaquim é despertado por alguma pessoa que deseja uma injeção, um comprimido, um remédio qualquer. O "comprido" é um sujeito tão notável que quando o projeto de pasquim do local lhe dá uma marretada sorri e obtempera:

— Êles fazem isso, mas são meus amigos.

Perguntamos ao "comprido" se vai candidatar-se novamente à Câmara Municipal. Êle sorriu, apontou para sua espôsa e disse:

— Da próxima vez vai ser ela. E vai ser de colher...

Joaquim dos Santos tem várias filhas moças, tôdas em pauta para casar. Há um dos futuros genros que canta melodias populares e seus agudos fazem estremecer as cordas da sensibilidade dos familiares.

Depois do almôço, a bisca é o passatempo favorito da moçada e o "comprido" em pessoa a preside. Fomos convidados a jogar de parceria com o vereador e ambos aplicamos tremendas surras nos convidados de si mesmos.

Joaquim nos mostrou seu álbum de recordações. Retratos do tempo em que era enfermeiro, do tempo em que era ciclista do Vasco, do tempo de namôro, enfim, tôda a sua vida está documentada por fotografias.

Quando nos despedimos de todos para volver à cidade, o vereador nos acompanhou até à estação. Pelo caminho, ia explicando:

— Arranjei luz para esta rua. Vou pedir água para aquela...

Um sujeito que trabalha pelo local com afinco, pensamos nós. Mas um amigo do "comprido", que viajava conosco, acrescentou:

— "O sr. precisava ver o "comprido" capinando a rua, enxada na mão, suor escorrendo. Aí o sr. ia ver o que é sê vereadô."

Já no trem, sòzinhos conosco mesmo, íamos matutando:

— Se a moda pega...

## HISTÓRIAS DO CONVENTO

(Cont. da pg. 9)

Quando voltou não encontrou viva alma: o mendigo desaparecera. Em compensação havia deixado feita, acabada, material, patente, perfeitamente adaptável ao corpo que o porteiro fizera, a cabeça de Santo Antônio.

Alarma-se a comunidade, procura-se por tudo, indaga-se na vizinhança e ninguém vira, ninguém sentira, ninguém ouvira. Mãos sobrenaturais tinham terminado o trabalho do porteiro-escultor.

E lá no Convento de Santo Antônio, um metro e dez centímetros de altura, está a imagem feita de barro queimado...

SANTO ANTÔNIO É TENENTE-CORONEL:
PAGUE-SE-LHE O SÔLDO

Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro... Setembro de 1710...

Os franceses de Duclerc atacavam a cidade, e Santo Antônio recebia, na qualidade de Comandante dos exércitos de campo, a patente de Capitão-de-Infataria, com direito ao sôldo de 16 mil réis mensais.

Do alto dos muros do Convento o taumaturgo dirigiu o combate: desastre para os franceses...

O sôldo do Santo, porém, não era pago regularmente, e em 1751, os religiosos recorreram ao cristianíssimo rei de Portugal, que mandou fôsse pago ao Capitão o que de direito.

Por decreto do príncipe-regente, depois rei D. João VI, o Capitão Santo Antônio foi promovido a Sargento-Mor, com o sôldo de 36 mil réis. E o sôldo continuou a ser pago. Não satisfeito ainda, D. João VI, em 26 de junho de 1814, promoveu o Sargento-Mor ao pôsto de Tenente-Coronel de Infantaria, com direito ao sôldo de 80 mil réis, que continuaram a ser pagos regularmente.

E os anos passaram. A Independência da Pátria encontra Santo Antônio recebendo o sôldo. Vem a Guerra do Paraguai: Santo Antônio continua recebendo o dinheiro...

Os anos passam... Vem a República. Com a queda da monarquia, o Ministério da Guerra não reconheceu a patente do Santo e negou-lhe o pagamento. Frei Antônio do Amor Divino Costa recorre a Floriano, que despacha favoràvelmente e ordena o pagamento do abono, "enquanto não fôr por ato especial anulado o decreto de 26 de junho de 1814".

Nenhum ato existe anulando o decreto real nos têrmos do despacho de Floriano Peixoto. Os pagamentos, entretanto, já há muito não são realizados.

Proceda-se, pois, às reestruturações a que tem direito o General da vitória de 19 de setembro de 1710. Pela nova tabela o taumaturgo tem crédito de milhões de patacas no Tesouro. Santo Antônio é Tenente-Coronel; pague-se-lhe o sôldo...








**O EXAUSTOR CONTACT é um elemento de confôrto indispensável em seu lar. Auxilia a higiene e mantém a cozinha fresca e agradável. É fácil de instalar, mesmo em construções já concluidas. Seu funcionamento é silencioso e o consumo de energia é igual ao de uma pequena lâmpada.**

Jotavê

**A. L. Moraes & Cia. Ltda.**
Rua Uruguaiana, 148-150
Fone: 23-4438
RIO DE JANEIRO

**Casa Perez Ltda.**
Rua Libero Badaró, 628
Fone: 36-3184
SÃO PAULO


### Respostas ao teste

1—D. Pedro II
2—Pedra negra
3—Soltou um pombo branco
4—Abolicionista
5—Do pinheiro
6—Transmissão do pensamento
7—Governador do Brasil
8—Três anos
9—Três (Joaquim Silvério, Basilio de Brito Machado e Inácio Correia Pamplona, todos portuguêses)
10—Invasão de Portugal pelas tropas de Bonaparte
11—Piratini
12—Um bilhão
13—Mais de sei mil graus centígrados
14—140 mil
15—1.333.000
16—380 mil quilômetros
17—Paleontologia
18—Azóica
19—Morte de Marconi
20—A de Golden Gate, S. Francisco da California, Estados Unidos.

## A INTELIGÊNCIA...

(Cont. da pág. 43)

vel! E que surprêsa agradável e inesperada!

Alguns convidados, retratando-se, temiam algum dito comprometedor. Mas não havia perigo. O gracioso mascarado não ia a tanto: era delicado, fino, mimoso de alma. Só divertia... Intrigava deliciosamente com o seu mistério e seus versos harmoniosos...

Nisso, toca: — Meia-noite!

A orquestra fica em suspenso... Os últimos pares-dançantes se detêm, imóveis. O Arlequim emudece; tenta em vão fugir...

O sr. Souza e sua excelentíssima consorte dirigem-se solenemente para o centro do salão... O anfitrião mostra o rico estôjo de veludo "grenat". Tenta aproximar-se de "Maria-Antonieta", a Rainha da festa. A senhora do Poeta exulta de alegria. E' o momento da consagração! Era certo o triunfo! Mas... dos quatro cantos do vasto salão, regorgitante de colorido, de alegria e de entusiasmo, parte um brado delirante: — "Prêmio ao Arlequim! Ao Arlequim!..." — era só o que se ouvia.

A senhora do Poeta empalidece... A filha, a sua Rainha, como desbotada a um canto, sente o frio da guilhotina sôbre a sua beleza. Era o destino trágico da Rainha de França que se apoderara de sua formosura!

— Ao Arlequim! O prêmio para o Arlequim!!!...

O anfitrião, vencido também pelos encantos do misterioso Arlequim, e satisfeito por ver seus convidados corresponderem ao seu secreto desejo, abre sorridente o rico estôjo para entregá-lo...

Não foi o Arlequim que, dentro de sua mísera aparência, trouxera para o seu salão a nota mais interessante? Não tinha despertado o maior entusiasmo entre os seus convidados? E, se não exibira beleza nem riquezas materiais, havia, em compensação, apresentado um fulgor nunca visto — uma riqueza que não se vê nem se apalpa, mas que se ouve e se sente! Aquela fantasia de Arlequim brilhara e rebrilhara, rica e bela, no meio da alegria reinante e do luxuoso colorido das demais fantasias, porque vinha aureolado na aura esplêndida do gênio de um Poeta Brasileiro!

Os convidados batiam palmas delirantes ao Arlequim. Aquilo era uma consagração oficial ao Cantor da Cidade.

E o Arlequim, delirante e comovido, estende a mão esquerda para receber o estôjo que ostenta, a cintilar, por sôbre o cetim branco, um lindo bracelete de ouro e diamante, enquanto, com a mão direita, retira a feia máscara de meia que ocultava a outra filha do Poeta da Cidade.

Foi um contentamento geral!

Ouvindo o redobrar entusiástico das palmas, Maria, a dedicada colaboradora do estimado vate cego, pensara triunfante que seu pai acertara:

Entre a Inteligência e a Beleza,

— *vence a Inteligência!*

**Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com óleo de peroba.**

# O AMOR ERA SEU JÔGO






















## COMO CONSEGUIRÁ' ELISE RESOLVER ESTA SUA SITUAÇÃO?





















# TUDO ISTO ACONTECEU

## NA CORÉIA É ASSIM

*DEPOIS de 25 de junho de 1950, quando a Coréia do norte invadiu a do sul, criando-se a terrível preocupação de uma terceira guerra mundial, o pequeno país do Oriente, espremido entre a China, a Rússia e os mares do Japão, passou a ser comentado, discutido e faladô no mundo inteiro. Graças à desgraça que desabou naquela península, a Coréia é hoje um dos mais conhecidos países do mundo. Sua configuração geográfica, sua história, seus hábitos e costumes, seus limites, seu povo, religião, número de habitantes, etc., tudo passou a interessar ao resto da humanidade. Mas uma coisa ainda não estava bem conhecida: a organização governamental. Sabia-se que havia um Presidente da parte sul, o Sr. Sigman Ree, e um outro ao norte do fatídico paralelo 38, cujo nome não nos ocorre agora. Mas, e os costumes e poder do Legislativo? Seriam as Câmaras legisferantes de lá iguais às dos países ocidentais? Pouco se sabia a tal respeito. Era evidente que, dado o espírito calmo, paciente e sereno dos orientais, os coreanos não fôssem tão violentos em seus discursos nas respectivas Câmaras legislativas, quer ao norte, quer ao sul. Mas, segundo notícias publicadas pela nossa imprensa, a atual capital da Coréia, Pusan, acaba de mostrar que nesse assunto de disputas parlamentares, a humanidade oriental é como a ocidental: perde a calma e entra em conflito nos seus austeros ambientes das casas do Congresso. Um jovem legislador sul-coreano ouvia na Assembléia nacional, o discurso de um seu oposicionista político. O primeiro chamava-se Lee Chaig-Hyung; o outro, Kwak Sang-Hoon. Não suportando as críticas de Kwak, Lee Chai avançou e lhe aplicou feroz dentada na face, arrancando-lhe uma bochecha. Por isso a sessão foi suspensa, indo Kwak Sang ensanguentado para o hospital e Lee Chai quase linchado pelos colegas da vítima. Por favor! Não imitemos êste argumento parlamentar, do contrário os nossos licurgos terão que pedir aumento para comprar máscaras de aço para os augustos rostos...*



**ESTA E' A** última fotografia do perigoso Giuseppe Musolino, que foi condenado à prisão na qual curtiu nada menos de 45 anos! Completada essa quase existência normal de um homem, foi posto em liberdade condicional, e em agosto de 1945 mandado para o manicômio de Reggio Calábria. Seu nome, que já parecia completamente esquecido de todos, volta ao cartaz inesperadamente, em vista da programação do filme «Il brigante Musolino», despertando os protestos do tutor do bandido, que, imediatamente, promoveu uma ação legal contra o produtor da película, processo êsse que ainda está em seus trâmites costumeiros. Musolino tem hoje setenta e três anos de idade, é ainda perigoso, e está proibido de sair.



**É POSSÍVEL SUBIR AO PÃO DE AÇÚCAR** em lombo de burro? Não se espante o leitor com esta pergunta esquisita. O assunto nos foi trazido pela revista italiana, «OGGI», (Hoje) ao estampar uma fotografia de trecho do Rio, com esta curiosa e engraçadissima legenda: «Rio de Janeiro. Vista parcial da baía do Rio com o característico monte «Pan di zucchero» (Pão de Açúcar). Esta recentíssima fotografia mostra sôbre o pico a antena e a instalação da primeira estação de televisão da cidade. As várias toneladas de material necessário à construção, foram transportadas por teleférica e lombo de mula». A «recentíssima» fotografia é um truncamento incompreensível da fisiografia do Rio. E quanto a burros subindo o Pão de Açúcar, esta é forte de mais...



**REVENDO SEU ROSTO** depois de vinte e cinco anos de cegueira absoluta. Como sucedeu isto? Um dos milagres da cirurgia ocular. Vivian Carver, que hoje está com trinta primaveras, perdeu a vista aos cinco anos de idade, por motivo de terrível doença. Internada no hospital Passavant, de Chicago, submeteu-se à operação de transplantação de córnea sã em seu ôlho direito, e, após o devido tratamento e convalescença, ela teve alta e foi ao espelho, ao lhe retirarem as tiras de gáse. A sensação da ex-ceguinha foi imensa. Ela voltou a ver seu próprio rosto refletido no espelho, e, diante do êxito, vai submeter-se à seguinte operação: mudar a córnea do ôlho esquerdo, ficando a enxergar com ambos. E que vaidosa!



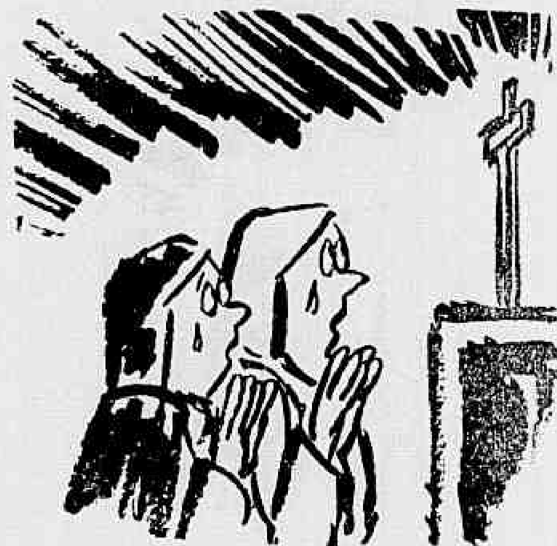
**ESTA FIGURA SATÂNICA** é apenas a bela e vivaz artista Moira Shearer, celebre bailarina inglêsa intérprete de vários filmes de grande sucesso. Moira acaba de iniciar ao lado do comediante Danny Kaye uma película sôbre a vida do novelista dinamarquês Andersen, e é a protagonista de um novo sucesso cinematográfico que tem o título de «Os contos de Hoffmann», escritor de arrepiar cabelos. E' nesse filme, produção de Alexandre Korda e direção de Michael Powell e Emeric Pressburger, que ela executa a «Dança da Libélula Assassina», a qual mata o companheiro depois da dança. Depois de filmar voltará ela a Nova York, quando pela primeira vez, um filme será projetado em premiêre de gala no Teatro Metropolitano.



**QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO,** lá diz o ditado; mas a domadora Anina, de passagem por Monaco, demonstrou que o anexim também se pode aplicar aos leopardos. Essa estranha mulher, exímia caçadora nos campos da África, dispensa os cães e faz seu esporte cinegético com êstes dois leopardos domesticados, que receberam, desde pequeninos os nomes de Ali e Rigo. Tôdas as noites, Anina toma parte num «show» nos palcos de Monaco e os exibe à curiosidade pública sob aplausos. Os animais ferocíssimos são fiéis e dóceis como um cão «S. Bernardo» e muito a ajudam nas caçadas de animais na África e de dinheiro folgado nos teatros por êsse mundo a fora. Parece que estão disputando a despesa no dado; mas não é.

# AMOR ATE' A MORTE

*VIVEM cheios os nossos jornais de exemplos de desespêro por parte de jovens enamorados, quando suas famílias se opõem a casamentos que reputam desastrados. Tudo isso é errado. Quando um jovem ou uma jovem escolhe, firmemente, o outro com quem pensa casar, sòmente em casos de natureza moral ou física, de moléstia contagiosa, de maus procedimentos de assuntos de mau caráter poderiam os pais proibir o enlace. Mas, se se trata de oposição por motivos de recursos financeiros, de má situação econômica, de côr, de desigualdade social, nada mais estúpido. E' claro que tôda mãe, sonha para sua filha um Príncipe Encantado, cheio de ouro, pedras preciosas, carruagens deslumbrantes, um reino inteirinho para a filha dirigir. Mas nem oito, nem oitenta. Muitas vêzes, um casamento de gôsto de ambas as partes em virtude da excelente situação financeira dos nubentes ou de seus respectivos genitores, dá em água de barrela com muito mais facilidade do que se se tratasse de casamento realizado pelos vínculos do amor mais abençoado. Veja o leitor o caso dêsse infeliz par de namorados que se matou envenenado num terreno baldio da estrada da Cachoeira, nas proximidades do Saco de S. Francisco, em Niterói. Ela, de dezesseis anos, apaixonou-se por um jovem de dezessete primaveras. Êle era tipógrafo.*



*Mas um rapaz de bons procedimentos, trabalhador. A mãe de Maria se opôs tenazmente ao namôro da filha, chegando mesmo a proibi-la de manter conversas com êle. Por quê? Porque era um operário. Um dia, os dois se encontraram em companhia da mãe do rapaz. A jovem disse que estava disposta a abandonar o lar e vir para o Rio, empregar-se e casar-se com José Venâncio. Mas a mãe dêste aconselhou calma e que não deixasse o lar. Dali os dois saíram e, unidos num último adeus, as mãos entrelaçadas, os rostos voltados para o céu, partiram para o infinito. E no velório, duas mães choravam a perda dos filhos.*

# BICO DE LATÃO

HÁ no norte do Brasil uma brincadeira jocosa, espécie de adivinhação, com que os mais sabidos enganam os mais ingênuos. E' a história daquela pessoa que "foi por um caminho, encontrou um passarinho com o bico de latão..." etc., etc., tudo com o estribilho de "e eu também", respondido pelo cidadão de boa-fé. A brincadeira, às vêzes, dá em zanga e muito menino revidou a tabefes o atrevimento do seu menosprezador. Mas isso é coisa do folclore, dos brinquedos infantis do nordeste e não vem ao caso. O de que desejamos falar, caro leitor, é da incredulidade que há entre todos nós, acêrca da possibilidade de haver no mundo dos pássaros algum dêles com o bico de latão, de platina ou de ouro. Será possível uma coisa destas? Da natureza, evidentemente, não há nenhum pássaro ou ave dotado de tão estranho aperfeiçoamento. Se aparecesse por aí alguma ave com bico de metal precioso, dentro de pouco tempo teria Deus que dotá-las de bôca, pois que os homens tirariam com avidez os bicos para vendê-los a quem mais desse. Pois agora mesmo os dentistas de Bristol, na Inglaterra, fizeram uma operação num pássaro da África tropical e colocaram um bico novo, de metal, onde havia um de nascença. O



caso se passou assim: no Jardim Zoológico daquela cidade havia um espécime africano de nome "serpentarius", ave de grande porte, da família dos gaviões, muito admirada pelos visitantes do Zoo. Um dia, porém, a ave decidiu libertar-se da prisão e tanto tentou, que arrebentou o lado superior do seu bico adunco, fraturando-o contra os arames do viveiro. Levado para o hospital odontológico da cidade, os dentistas removeram a parte destruída e colocaram um novo bico de metal. E aí está a confirmação da história juvenil: um passarinho com o bico de latão...

# MENINO CARACOL

*A teratologia animal, tanto entre os sêres humanos, como entre as espécies animais inferiores, tem apresentado aos sábios e estudiosos, casos dos mais estranhos e fenomenais. Há cabritos que nascem com duas cabeças e seis pernas; bezerrinhos com pés de porco e cabeça de gato; pintos com quatro olhos e dois bicos num só crânio; porco que nasce parecendo com gente, e assim por diante. Todos êsses produtos da teratologia animal causando assombro aos supersticiosos e interêsse científico aos estudiosos dos problemas da embriologia. E quanto à espécie humana? Há também casos espantosos. Certa vez, lá pelo nordeste uma senhora deu à luz uma criança, cuja conformação física provocava exclamações de espanto a quantos lhe punham olhos em cima: era um sapo. Correndo a notícia por tôda aquela região, houve promessas a N. S. do Perpétuo Socorro para que evitasse o fim do mundo que estava próximo. Nos centros espíritas perguntavam aos guias e protetores o que significava aquêle menino-cururu. Feiticeiros e adivinhos, macumbeiros nutridos em seus atos de catimbó, davam opinião e velas se acendiam nervosamente nos altares de santos e de orixás. O fruto de uma distorsão da natureza, de um golpe moral na vida intra-uterina, ou de um choque traumático externo, não sobreviveu. Suas condições de*



*vida eram insignificantes. E para que viver? Diziam os supersticiosos que se tratava do anti-Cristo, e que se fôra em face das promessas ao Criador e à N. Senhora. Se vivesse — asseveravam — quando morresse o mundo estourava... Pois agora, leitores, aparece um outro caso teratológico: um menino lá numa cidade nordestina nasceu com a metade em forma de caramujo. Não queremos adiantar nada; mas, quem sabe se a humanidade futura, em fase da crise de habitação não encontra nessa nova espécie a sua salvação? Nada como já nascer dentro de um estôjo, mesmo como caracol...*

## E' DE ESTARRECER




*Com o desenvolvimento da imprensa, do rádio como elemento de difusão cultural, com a televisão e o adiantamento intelectual do povo, muita coisa de natureza cultural e mesmo científica pode ser subministrada a alunos por meio de correspondência. Há escolas para levar através de correspondência postal, às mais distantes partes do mundo, ensinamentos que o inscrito só poderia alcançar adquirindo livros técnicos muito caros ou freqüentando aulas, por vêzes, inacessíveis pelo preço ou pela distância. Há quem aprenda a construir aparelhos receptores de radiodifusão, através de aulas escritas e remetidas pelo serviço postal; há quem se inicie em Poética, em Literatura, cultive línguas, por correspondência; mas, até agora não havíamos ouvido falar em Carteira de Chofer por correspondência. Mas, — perguntará o leitor — será possível isso? Se tal é verdade, brevemente teremos pilotos-comandantes de aviação comercial por correspondência; jogadores de futebol pelo serviço postal; engenheiros civis pelo correio, comandantes de navios pelo mesmo processo, cirurgiões por cartas... Ninguém precisará sair de casa para ser cientista e hábil médico-operador de alta cirurgia. Basta inscrever-se em cursos por correspondência e pronto. E' só empunhar o bisturi e rasgar o abdômen do paciente de apendicite... Tudo isto vem, leitor, pela leitura de uma carta que nos dirigiu um dos nossos distintos amigos de Cuiabá. Referindo-se a um dos nossos tópicos de 21 de abril, quando tratamos das providências postas em prática pelo Diretor-Geral do Trânsito do Rio, o nosso missivista cuiabano denuncia o seguinte: há motoristas da Capital Federal que são choferes "por correspondência"; mas muito avançados, pois têm apenas que mandar para Cuiabá suas fotos e os cobres para os "emolumentos". Imediatamente recebem os diplomas!*

## O VENENO DE GOERING



Passou, a oito de maio, o sexto aniversário da derrota geral das fôrças do Eixo Berlim-Roma-Tóquio, quando terminou a sangueira mundial que estourara a 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pelas tropas de Hitler. Com a vitória dos aliados, foram presos e encarcerados muitos dos antigos chefes do nazismo, e, submetidos a julgamento pelo tribunal de Nuremberg, diversos tiveram a fôrca como prêmio de seus crimes, enquanto outros receberam penas mais suaves, condenados a alguns anos de prisão. A polícia montava guarda, permanentemente, nos cárceres em que estavam enjaulados os maiores criminosos, a fim de evitar que, muitos dêles recorressem ao suicídio, escapando à punição decidida no tribunal aliado. Dentre os que mereciam os maiores cuidados estava o famoso Goering, figura das mais altas junto à política de Hitler, seu conselheiro em horas de apêrto e nazista fiel ao III Reich. Tudo o que entrava na cela de Goering era examinado cuidadosamente. Alimento, água, cigarros, fósforos, roupa, medicamento, tudo tinha que sofrer exame meticuloso. O homem precisava pagar na fôrca os crimes cometidos pelo nazismo. Mas, sem que ninguém pudesse descobrir, no mesmo dia em que fôra condenado à morte por enforcamento, morria Goering, suicidando-se com veneno! Não se pode descrever a perplexidade dos seus carcereiros e dos membros do tribunal. Como poderia ter recebido êle a droga que o vitimou? Sòmente tempos depois é que se descobriu: Erich von dem Bach-Zelewski, antigo general das tropas SS, condenado a 10 anos de trabalhos forçados, declarou a funcionários norte-americanos que o veneno com que Goering se suicidou foi fornecido por êle, dentro de um sabonete! E tudo faz crer que seja verdade, ficando, assim, desvendado o mistério daquela morte misteriosa...

## O BOM CORAÇÃO DA PRINCESA



*Sempre que há guerras prolongadas e de âmbito mundial, nações sob o regime monarquista passam por profundas reformas político-sociais, derrubando-se os tronos e implantando-se o regime republicano. Sucedeu isso, por várias vêzes, em países da Europa e da América, derrotando-se os reinados após revoluções e guerras. A própria queda do Império Brasileiro, segundo afirmam vários estudiosos dos fenômenos sociais, começou a abalar-se perigosamente com a eclosão da guerra do Paraguai. Os propagandistas da República se aproveitaram do momento e aumentaram o trabalho de propagação das idéias, as quais culminaram com a revolução branca da extinção da escravidão negra. A França, a Rússia, Bulgária, etc., derrubaram tronos após as sangueiras das guerras, ficando os membros das famílias reais reduzidos a zero, tendo que emigrar para viver. E' claro que, príncipes e princesas tenham que tornar-se mais humanos e humildes quando na desgraça. Daí vermos, muitas vêzes, representantes de coroas, outrora fulgurantes, a prestar serviços modestos, oferecendo restos de suas glórias palacianas a hospitais e instituições de beneficência. Mas, quando uma princesa real, sem estar coagida pela fatalidade política de guerras e revoluções, renuncia à pompa e ao futuro de sua família em pleno apogeu, e se dedica a obras de caridade, merece as simpatias do mundo. Foi o que sucedeu agora com a princesa grega, viúva do príncipe André, mãe do príncipe Philip, duque de Edinburgo, marido da herdeira do trono inglês. Essa princesa, que tem hoje sessenta-e-dois anos, fundou, nos arredores de Atenas, uma Escola para educação de moças. Vestiu ela o hábito da Ordem de Maria e Maria e é apenas uma religiosa, substituindo uma coroa de ouro e brilhantes pela mais bela de tôdas: a dos cabelos brancos, emoldurada pelos halos espirituais de magnífica obra de educação da mocidade feminina de seu país.*



**A FOME NA CORÉIA** não pode ser evitada, mesmo diante dos suprimentos mandados pelos Estados Unidos. E' que a guerra em que se envolveu e envolvem uma dúzia de nações da ONU, tem sido de movimento, uma luta de vai-e-vem constante, uma hora vencendo os sino-coreanos do norte, outra hora com os avanços das tropas das Nações Unidas. Resultado: campos em permanente destruição, cidades que não se reconstroem, semeaduras improváveis em face da oscilação da guerra. Tudo isso conduz à fome do povo, como prova esta fotografia de uma mulher sul-coreana, a retalhar com um ancinho o lombo de um burro que encontrou morto na charneca, depois de renhida luta entre os exércitos em duelo de aniquilamento.



**EMBORA MUITO NOVA** a televisão já está fazendo progressos verdadeiramente surpreendentes. Em Nova York os membros do Instituto de Rádiotécnica construiram um aparelho de televisão portátil, mas não é aparelho receptor e sim, difusor, o que desperta a maior admiração. Nesta gravura mostramos aos nossos leitores um dêsses televisionadores manejado por um técnico, pelo qual é transmitida a imagem de uma senhora simultâneamente com sua voz, a uma milha de distância. Logo que imagem e son são apanhados por uma outra de grande potência, tudo é re-transmitido para os receptores. O aparelho portátil pesa apenas uns 25 quilos. Isso terá, dentro em breve grande aplicação, especialmente para a imprensa.

## NESTE NÚMERO


REPORTAGENS

O caso Dalva-Herivelto (J. L.) ... 5
Santo Antônio — Histórias do Convento ... 6/9
Na Ilha das Flores (Abdias Rodrigues) ... 18/21
O Contínuo-Vereador (Jorge Lyra) ... 29/32

LITERATURA

Presença de Eça (Celestino Silveira) ... 3
A Inteligência ou a Beleza? (Rosa Barreto) ... 17
Bilhete Premiado (José Alpha) ... 24
Semana Literária (Edmundo Lys) ... 40/41
Magistério (Thereza de Almeida) ... 50

TEATRO

O "Ballet Theatre" ... 25/27

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista ... 4
Personagem da Semana ... 4
Puxe pelo cérebro ... 11
Palavras-Cruzadas ... 42
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 44
Tudo isto aconteceu ... 47/49

HUMORISMO

Lua-de-Mel (Théo) ... 10
Nem cara... Nem coroa... Nicodemus) ... 16 e 32
Êste mundo e o outro (Darcy) ... 28

FEMININAS

Modelos variados ... 33
Golas ... 34
Agasalhos de "tricot" ... 35
Tarde ... 36
Modelos listrados ... 37
Week-End na Cozinha ... 38/39

ATUALIDADES

As novidades do Pólo Norte ... 12/15
General Mac Arthur ... 32/33

FOLHETIM

O amor era seu jôgo ... 46

FOTOS

Abdias Rodrigues — Jorge Lyra — Usis — Avulsas.

ILUSTRAÇÕES

Orval — Oswaldo da Cunha — Rafael — A. Pacheco. Alberto Lima


★

NA CAPA:



*Karin Booth*

(Foto Columbia Pictures)




# *Magistério*

*SENHORES do Poder, Presidente, Ministros, Governadores, Secretários, vós, todos vós que empunhais o Poder e o exerceis pela escolha do povo ou de vossos superiores! E' para vós o meu discurso. Sereis vós os ouvintes, será o magistério o assunto e a galeria silenciosa será composta de professôras das mais variadas idades. As mais fracas e as mais fortes, mas principalmente as mais pobres e as mais dedicadas, prestarão atenção. Senhores do Poder, a vós me dirijo. O assunto, tão velho e tão novo, é o magistério, onde tantas de nós se secrificam inùtilmente. Inùtilmente, sim, porque teremos alfabetizado muito poucos alunos e estaremos já na contingência de renunciar. Falta de energia? Nunca! Pois em qualquer outra profissão desdobraremos a mesma atividade. Então, por quê? Porque é tamanha a indiferença a nosso respeito, é tão mísera a assistência que nos é prestada, é tão pequena a nossa remuneração, que pouco tempo será passado e teremos procurado outra forma de vida menos sacrificada e melhor recompensada.*

*De onde surgiu a lenda de que as professôras nada fazem? Das 8 às 12 horas da manhã é o horário, sim, mas e o que se faz fora do horário? As correções de pilhas de cadernos? As sabatinas? Os planos de aula e as unidades de trabalho? As comemorações? As pesquisas dos assuntos? A elaboração da matéria? O estudo do próprio material humano que se tem nas mãos? Dentro da aula não há trinta ou quarenta alunos exatamente iguais. Há quarenta problemas em tudo dissemelhantes. Há pobres e ricos; há filhos de bêbados que trazem taras; há crianças doentes, há crianças cheias de complexos; há crianças que não têm roupa; há crianças que os próprios colegas perseguem. Não são quarenta problemas apenas, porque maiores são os problemas que a professôra precisa resolver na figura dos pais dos alunos. Nos vilarejos é preciso que se eduque, não quarenta crianças, mas a vila inteira.*

*Quantas vêzes um vilarejo hostiliza uma professôra nova porque gostava mais da anterior? Quantas vêzes uma professôra luta com o meio, com as colegas e com os próprios superiores?*

*Vós, que não temeis a responsabilidade de vossos cargos, que não hesitais em ocupá-los quando para êles designados, sabeis que ninguém poderá chamar-nos "covardes" quando assinarmos nosso pedido de demissão.*

*Com Cr$ 850,00, Senhores do Poder, vivemos nós, professôras estagiárias e, além de viver (o que implica um quarto, comida, roupa, calçado, remédios e mais a passagem de duas longas viagens, no mínimo, em cada ano), de nosso dinheiro tiramos roupas, cadernos e livros para os alunos pobres. Com nosso dinheiro temos de viajar à cidade, onde está a Delegacia de Ensino, para tratar de assuntos do Grupo Escolar, é de nosso ordenado que tiramos o necessário para pagar telefonemas, telegramas, etc., de assuntos relativos ao ensino. E muitas vêzes os selos, os papéis e os envelopes da correspondência da escola está falida.*

*Não há material escolar dentro da maioria dos Grupos Escolares. Não há caderno, nem lápis, quanto mais o material indispensável para desenvolver planos de ensino e tentar modernizar nossos métodos.*

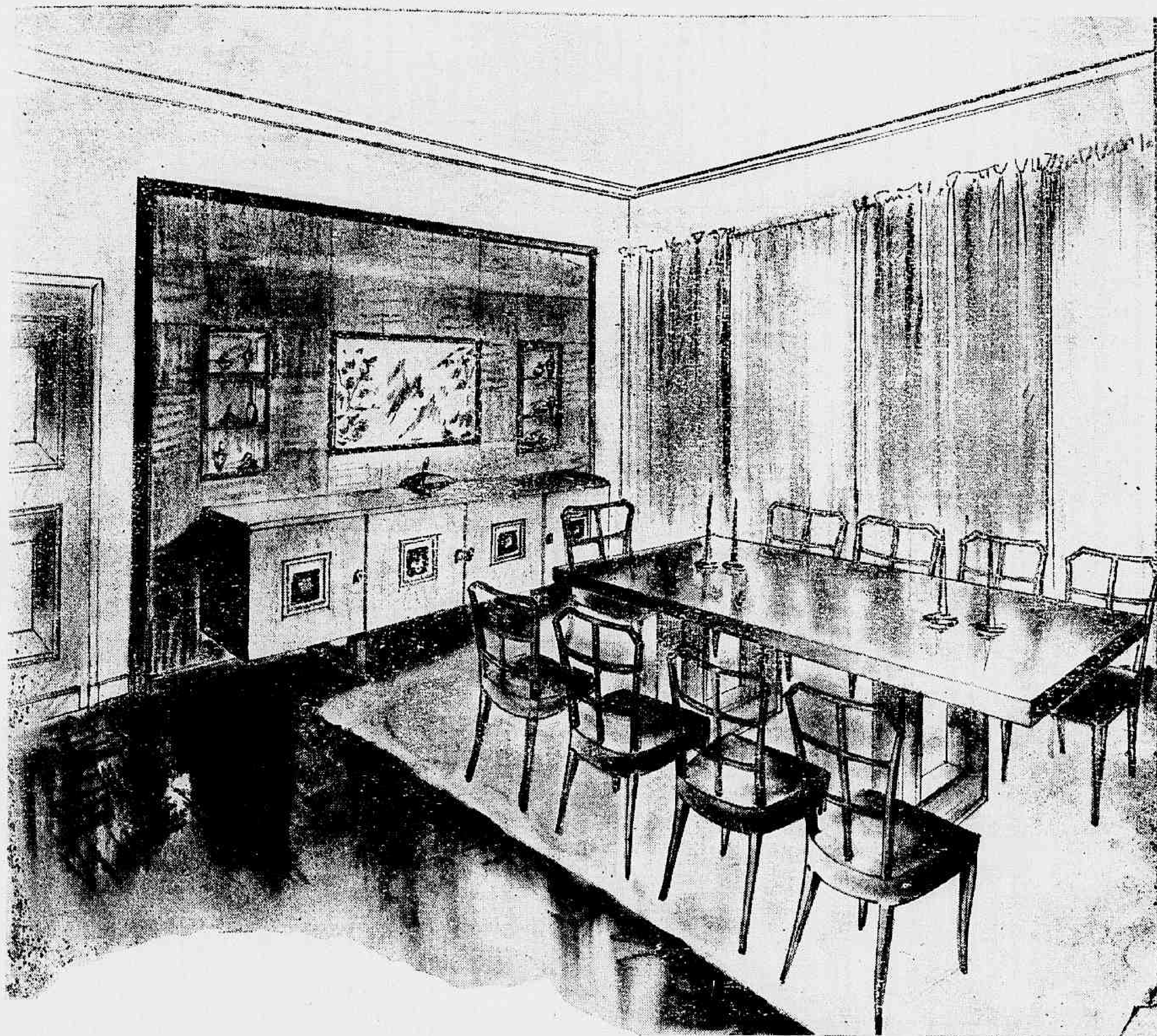
*Senhores do Poder, vós que ganhais vinte, trinta, quarenta, cinqüenta mil cruzeiros, estaríeis ganhando isso se não tivesse aparecido em vossa infância quase esquecida, uma simples professôra? Velha ou moça, risonha ou enérgica, ela sentou ao vosso lado, num banco de escola ou dentro de vossa casa e, com paciência, abriu um livro estranho, apontou figuras e riscos, dizendo:*

*— Isso é uma letra. Você agora vai aprender a ler e escrever e será, depois, um brasileiro de verdade.*

*Senhores do Poder, Presidente, Ministros, Governadores, Secretários, todos vós, lembrai-vos da humilde professôra primária que fêz de vós o que sois hoje. Tenho dito.*

THEREZA DE ALMEIDA

# MÓVEIS E DECORAÇÕES



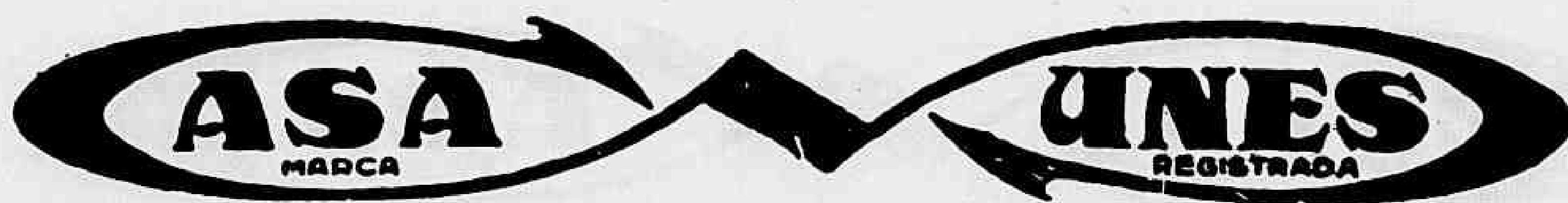
Projeto da CASA NUNES

## Grupos estofados

— especialidade de nossas oficinas
prontos para entrega imediata

## Tapêtes de Forração

— lisos e com flores — em tôdas
as côres e larguras




65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

# Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood








O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!

*cigarros*

**Hollywood**

*uma tradição de bom gosto*

**um produto SOUZA CRUZ**